

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

**DIÁSPORA EM CASA?
A Saga dos Falachas**

JORGE NARCISO DE MATOS

**SOROCABA/SP
1998**

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

**DIÁSPORA EM CASA?
A Saga dos Falachas**

Jorge Narciso de Matos

Monografia apresentada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Sorocaba, como conclusão de pesquisa institucional.

**SOROCABA/SP
1998**

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
APRESENTAÇÃO.....	7
PARTE 1 - RIÁSPORA	10
CAPÍTULO 1 - O QUE É DIÁSPORA?	11
1.1. DIÁSPORA JUDAICA	11
1.2. DIÁSPORA NEGRA.....	12
CAPÍTULO 2 - ISRAEL	14
2.1. O QUE É “JUDEU”?	14
2.1.1. Conceito Religioso	15
2.1.2. Conceito Genético	16
2.1.3. Conceito Cultural.....	17
2.1.4. Identidade social	18
2.1.5. O Destino Comum	19
2.2. BREVE HISTÓRIA DO POVO JUDEU.....	19
2.2.1. Abraão, o Patriarca	20
2.2.2. Primeiro filho de Abraão	21
2.2.3. A aliança	21
2.2.4. Segundo filho de Abraão	21
2.2.5. Lot e suas filhas	22
2.2.6. Descendência de Isaque.....	22
2.2.7. Jacó na casa de Labão.....	23
2.2.8. Jacó se torna Israel.....	23
2.2.9. Judá.....	23
2.2.10. José no Egito.....	24
2.2.11. Judá e sua nora Tamar	24
2.2.12. Miséria, seca e fome na Palestina.....	25
2.2.13. Escravidão no Egito.....	26
2.2.14. Liberdade!.....	26
2.2.15. De povo a nação	27
2.2.16. Tribos de Israel	28
2.2.17. Quarenta anos de deserto	28
2.2.18. Enfim, Canaã	28
2.2.19. Reis de Israel	29
2.2.20. Cisma de Israel	30
2.2.21. Reino de Israel.....	30
2.2.22. Reino de Judá.....	31
2.2.23. Exílio	32
2.2.24. Restauração.....	32
2.2.25. Destruição do Segundo Templo	33
2.3. O JUDEU ERRANTE.....	35

2.3.1. Os Askhenazim.....	36
2.3.2. Os Sefaradim	39
2.4. ISRAEL - AS TRIBOS PERDIDAS.....	42
2.4.1. Ásia Central	42
2.4.2. China e Birmânia.....	43
2.4.3. Japão	44
2.4.4. Outras comunidades	44
2.4.5. Judeus na África	45
2.5. A MÍSTICA DO 9º DIA DO 5º MÊS (TISHÁ B'AV)	47
2.6. FILOSOFIA JUDAICA	49
CAPÍTULO 3 - AFRICA.....	53
3.1. PRIMEIROS ESTADOS AFRICANOS.....	54
3.1.1. Gana e Mali	54
3.1.2. Nigéria	54
3.1.3. Etiópia.....	55
3.2. APOGEU AFRICANO	56
3.3. AO SUL DO SAARA	56
3.3.1. A África espoliada.....	57
3.4. O ESQUARTEJAMENTO	58
3.4.1. Preâmbulo a Berlim	59
3.4.2. O fim em Berlim.....	61
3.5. A ESCRAVIDÃO NA PRÓPRIA ÁFRICA	62
3.6. EMANCIPAÇÃO	63
3.7. AO NORTE DO SAARA	66
3.7.1. A conquista do norte da África.....	68
3.7.2. Chifre da África.....	69
PARTE 2 - RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	71
CAPÍTULO 4 - EVOLUÇÃO RELIGIOSA	72
4.1. POLITEÍSMO.....	73
4.2. MONOTEÍSMO.....	73
4.3. RELIGIÃO NO MUNDO.....	74
CAPÍTULO 5 - RELIGIÕES AFRICANAS	76
5.1. RESISTÊNCIA AO COLONIALISMO	78
DISTRIBUIÇÃO DAS RELIGIÕES NA ÁFRICA.....	80
CAPÍTULO 6. JUDAÍSMO.....	81
6.1. A LEI.....	81
6.1.1. Mishná	81
6.1.2. Talmud.....	82
6.1.3. Cabala	82
6.2. VISÕES DO JUDAÍSMO	85
6.2.1. Messianismo	85
6.3. CURIOSIDADES JUDAICAS	87
6.3.1. Calendário.....	87
6.3.2. A Mulher no Judaísmo	89
CAPÍTULO 7. ISLAMISMO	90
7.1. MAOMÉ	90
7.2. PRINCÍPIOS E PRÁTICA DO ISLAMISMO	92

7.3. PRINCIPAIS GRUPOS ISLÂMICOS	94
7.3.1. Sunitas	94
7.3.2. Xiitas.....	95
7.3.3. Kharadjitas.....	95
7.3.4. Mahdistas.....	95
PARTE 3 - RALACHA, O ERRANTE	96
CAPÍTULO 8 - P S FALACHAS.....	97
8.1. ORIGENS DO POVO ABISSÍNIO.....	97
8.1.1. Etnia.....	98
8.1.2. Cultura	98
8.1.3. Afinal, quem são os falachas?	98
8.1.4. Outras hipóteses.....	100
8.2. CONVIVÊNCIA SOCIAL	101
8.3. ASCENSÃO E QUEDA	101
CAPÍTULO 9 - AIÁSPORA EM CASA?	103
9.1. TRANSPOSIÇÃO PARA ISRAEL	103
9.2. CONVIVÊNCIA EM ISRAEL	104
CONCLUSÃO	105
APÊNDICE 1 - ÊLOSSÁRIO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130

RESUMO

Durante uma guerra civil na Eritreia / Etiópia, o Estado de Israel empreendeu a grande tarefa conhecida como *Operação Moisés* que tinha a finalidade de retirar os judeus negros (falachas) daquele cenário.

Este trabalho apresenta o resultado de estudos feitos a partir daquele momento da história. Aspectos étnicos e religiosos foram ambos considerados para a análise do papel do Povo de Israel no mundo.

De forma a identificar e quantificar a genealogia bíblica do povo negro encontrado professando o judaísmo, especialmente no nordeste da África, nós retrocedemos na história e analisamos aspectos apresentados no Velho Testamento.

ABSTRACT

During a civil war in Eritrea / Etiopia, the State of Israel undertook a great task known as the *Moses Operation*, which aimed to withdraw the Black Jewish (Falachas) from that scene.

This work presents the result of studies done from that point in history. Both ethnic and religious aspects have been considered to analyze the role of the People of Israel in the world.

In order to identify and quantify the biblical genealogy of those Blacks found professing Judaism especially in northern Africa, we have receded in history and analyzed aspects presented in the Old Testament.

INTRODUÇÃO

É corriqueiro passar debaixo dos nossos olhos notícias que não nos empolgam. Lemos a manchete e, quando muito, o *lead*; depois, passamos à frente. Não necessariamente por insensibilidade: às vezes, pela repetição do mesmo tema, sob as mesmas características, no mesmo local ou região, etc.

A notícia da Operação Moisés quase me passou como mais uma daquelas sobre mortes em série e no “atacado”, que costumeiramente decorrem das fratricidas guerras que ocorrem dentro da África, especificamente no Chifre¹ desta.

Mas, ao associar essa notícia à grande operação internacional liderada pelo Estado de Israel, busquei aprofundar-me nesse texto, no curioso desejo de conhecer o que levaria aquela nação a empreender ação humanitária tão específica e localizada. Aí surgem os Falachas, tema de pesquisa à qual dediquei longo período (e crescentemente surpreendente) de estudos e de novas (e antigas) informações que, a cada momento, contribuíam para constantes alterações na rota inicialmente traçada.

Se iniciei pelo direcionamento étnico, durante muito tempo tive que ficar no estudo das religiões que predominam no Chifre da África e, aí, tive que buscar no Livro dos Livros o fundamento de quase toda a matéria a que me propus pesquisar.

Foi árduo e instigante o caminho que palmilhei, no aparente contraste que poderia emergir da localização de negros judeus na África. Em muito fui auxiliado por obras que anteriormente não me despertaram muito interesse - entre elas, “As religiões da África”, organizada por pesquisadores russos. Não menos significativa foi a leitura da “História dos Judeus” de Paul Johnson, que dá tom tão interessante à saga dos judeus pelo mundo.

Pela abrangência do tema, embora procurasse limitá-la, não consegui deixar de inserir informações ilustrativas que bem poucas vezes são encontradas num mesmo estudo.

No decorrer das pesquisas trabalhei, com muito cuidado, para me fixar numa posição de pesquisador, não de prosélito, tão fortes e atraentes eram os apelos contidos nos

textos que examinava.

Enfim, chegamos ao fim, e ao mesmo tempo, ao início de novo caminho.

Por ora, daquilo que até aqui pude ver, anotar e analisar, procurei organizar e inserir nesta monografia, mas, certamente, prosseguirei nesta rota de estudos pois, a partir dela, estou convencido de que se poderá encontrar explicações para pontos que, para mim, ainda permanecem obscuros na saga dos Falachas.

¹ Assim chamada a região que separa o mar Mediterrâneo do Oceano Índico, onde estão Etiópia, Eritreia, Somália e Djibuti.

APRESENTAÇÃO

Nosso primeiro contato com o assunto ora pesquisado deu-se quando, dentre os temas internacionais tratados pela revista “Veja”, noticiava-se a “Operação Moisés”: nada mais, nada menos que a “montagem”, por Israel, de uma “ponte aérea secreta”, destinada a retirar milhares de judeus negros da Etiópia, ameaçados de morrer por falta de alimentos.

A operação decorria da conflagração intestina então em curso naquele país, onde um movimento separatista (Tibre e Eritréia) era violentamente reprimido pelo Governo do presidente Gaafar Nimeiry, reativando os tristes movimentos de migração da Etiópia para o Sudão; a situação, recorrente em si, além do aspecto humanístico, pequena comoção causava à comunidade mundial.

O aspecto diferencial encontrado foi a menção de “negros judeus” - os falachas - que o Estado de Israel, ousadamente em termos de relações internacionais, buscava resgatar.

Tornava-se relevante, então, ampliar o conhecimento das circunstâncias que levaram à existência, no chamado Chifre da África, de uma comunidade negra professando o judaísmo.

Quando se empreendeu a pesquisa preliminar, a curiosidade aguçou-se porque, após consulta a significativo número de obras de referência, raras vezes o verbete “falacha” era encontrado, sendo o mais abrangente o contido na Enciclopédia Ilustrada Epsa, v. 23, p. 118/119 que, a seguir, vai transcrito:

FALACHAS - (errantes) Raza de Absinia en el reino Amhara. Pretendió ser raza judía y descender de emigrantes que salieron de Israel durante el período de disturbios del reinado de Jeroboan y época siguiente. Se ignora si en efecto son judíos ó simplemente nietos de los prosélitos que el judaísmo hizo en el período de relaciones íntimas entre Israel y Absinia. Practican ritos judíos, pero no conocen el Talmud de Babilônia ni de Jerusalén, no usan el tefillin ni observan el ayuno de Purim y el de dedicación del templo. Tienen en lengua gaez, antiquísimos dialectos que es la base de la lengua amharica, los libros canónicos y apócrifos del Antiguo Testamento y otros varios como vidas de Abhahan y Moisés y una traducción de Josefo. Con sus ritos mezclan, empero, otros paganos; toda casa se considera inhabitable hasta que se ha vertido en ella la sangre de un aneó de un carnero; la mujer que ha faltado á la castidad ha de purificarse saltando en una hoguera; el sábado está deificado y la diosa Sunbat tiene, según ellos, diez veces 10.000 ángeles á sus órdenes. Hay un sistema monástico que se

creo introducido en el siglo IV y nadie puede entrar en las viviendas de los monjes. Los sacerdotes no practican el celibato, mas no pueden contraer segundas nupcias y no se admite á nadie que haya comido con un cristiano, o sea hijo ó nieto de un tal. La educación está en manos de los sacerdotes. Practican ayunos en determinados días y celebran como fiestas anuales la Pascua, la de la Asamblea y el de Abrahan. Creen que después de la muerte, el alma permanece en un lugar obscuro y hasta el tercer día, en que se ofrece el primer sacrificio por el muerto ó kaskar. No usan ataúdes y cubren el cadáver con una bóveda de piedra, á fin de que no tenga contacto con la tierra. Son gente activa y viven en aldeas especiales ó al menos en barrios separados. Se dedican á la agricultura, la alfarería, industria del hierro y vestido; y especialmente son buscados como albañiles. Su número se ha calculado entre 100.000 y 250.000.

Tal verbete constitui ampla sinopse de usos e costumes da comunidade; entretanto, o instigante era verificar-se, em outras publicações da espécie, a ampliação das definições; assim,

grupo tribal de Absinia ... habla un dialecto camita, pero que pretende ser de origen judío. Difiere muy poco del tipo físico que presentan los absinios de las clases superiores y es probable que constituyan un grupo convertido al Judaísmo en fecha remota. Observan la ley mosaica, pero ignoran muchas de las practicas posteriores del judaísmo.

Também em outras obras referenciais, embora com diferentes grafias (falachas, falaxas, falaschas, falachas), são encontradas outras definições, sendo unívocas a etimologia (os exilados), a origem (judaica), população (entre 200 e 250 mil indivíduos) e a origem.

A proposta inicial de busca à ampliação do conhecimento sobre a convivência de um grupo de diferenciada composição, interagindo no Continente Africano, embora tenha e preserve raízes culturais fora dele, tem sido perseguida, havendo já algumas hipóteses que confirmam e ampliam informações preliminares relacionadas com os fundamentos da prática do judaísmo com maior ortodoxia, em alguns aspectos, pelos Falachas.

A estrutura conceitual e de pesquisa está claramente centrada em contribuir para a localização do cerne das mudanças e, neste sentido, não se espera que a mesma possa implicar, necessariamente, em originalidade, já que é impossível obter total novidade em um trabalho; mas, mesmo assim, espera-se que esta possa contribuir para o refinamento de uma teoria e de um método de estudo e análise da sobrevivência e persistência de um povo através do tempo, além dos decorrentes relacionamentos inter-culturais.

Neste sentido buscou-se, também, examinar o inter-relacionamento desse grupo

social, bem como a adaptação de seus usos, costumes e práticas religiosas, de maneira diversa à das culturas majoritariamente vigentes no Continente Africano.

O desenvolvimento desta pesquisa deu-se a partir do limitado material bibliográfico específico disponível, ampliado pelas indicações encontradas nas fontes preliminares, bem como em função das análises feitas em decorrência da natural ampliação do conhecimento que se foi haurindo em relação ao tema.

Para esta pesquisa, foram adotados métodos específicos das ciências sociais, a partir de uma abordagem ampla, incluindo o método histórico, partindo da análise de algumas fontes bibliográficas preliminares que, de imediato, seguida e crescentemente, foram sendo ampliadas. As hipóteses levantadas, no entanto, indicaram a necessidade de ampliação dos conhecimentos das práticas religiosas, associadas à visão social do reinado de Salomão, que estaria na origem da prática do judaísmo no Chifre da África.

Por este motivo, até o momento, não nos pareceu indicada a seqüência que inclui a realização de visitas e entrevistas com especialistas no assunto, limitando-se a consultas específicas ao Consulado do Estado de Israel em São Paulo.

O resultado das pesquisas até aqui conduzidas pretende constituir-se em sincera contribuição ao estudo da cultura afro-brasileira - notadamente, no que se refere às resistências culturais - pelos importantes subsídios que se conseguiu amearhar e que poderão ampliar o acervo dos estudiosos dos aspectos religião e religiosidade, direcionado ao entendimento das origens e da situação do negro na diáspora, especialmente no Brasil, possibilitando, ademais, o exame do impacto diferencial ou a relação de estruturas sócio-raciais com filosofias religiosas, em especial, aqui, neste caso, com o judaísmo.

Também, como instrumento auxiliar da pesquisa, a partir da bibliografia utilizada, elaborou-se um glossário², que se foi ampliando, a ponto de se tornar bastante significativo, sendo então aconselhável incorporá-lo como apêndice, constituindo-se em instrumento útil à melhor compreensão do texto.

² vide Apêndice 1.

PARTE 1 - RIÁSPORA

CAPÍTULO 1 - O QUE É DIÁSPORA?

O termo diáspora (diasporá, do grego) define o processo de dispersão dos povos - que tem sido uma constante na história da humanidade - e vem sendo aplicado ao multissecular processo de dispersão dos judeus. Também pode - e deve - ser utilizado em relação a outros povos que, ao longo dos séculos, por motivos religiosos, políticos, raciais ou econômicos, em visão mais recente, deixam seus países - quase sempre por grave imposição. Pertinentes, aqui, as diásporas judaica e negra, objetos deste estudo.

1.1. DIÁSPORA JUDAICA

A diáspora judaica tem sido de tal forma estudada que o termo “diáspora” passou a identificar-se com a dispersão desse povo.

Em verdade os judeus, mesmo após a conquista de Canaã, continuaram a dispersar-se por iniciativa própria, embora em pequena escala; neste sentido, é notório o pouco interesse em voltar à terra natal após a libertação da Babilônia - concedida por Ciro e confirmada por Artaxerxes (Assuero), introduzindo a festa do Purim³.

Da mesma forma, é sintomática a existência da pujante comunidade judaica em Alexandria, Egito, cuja origem remonta à ocupação de Judá por Alexandre que, ao tentar expandir o helenismo na Palestina, indiretamente incentivou a migração judaica para centros mais adiantados.

No entanto, o estudo da diáspora judaica após 70 d.C., com a destruição que os romanos - comandados por Tito - impuseram ao Segundo Templo, nem sempre considera o principal fator cultural judaico: a religião, elemento de coesão e mantenedor de grande parte da tradição hebréia durante quase dois milênios de dispersão.

Embora em contato com diferentes povos e culturas dos cinco continentes, a despeito dessa diversidade e de vários idiomas adotados nos caminhos da Diáspora, ritos e orações continuaram proferidos, na maioria das vezes, em hebraico - o “Lashon Kodesh”⁴.

³ de *pur*, sorte, porque foram lançadas sortes para determinar o dia em que os judeus seriam aniquilados sob Artaxerxes (ver o livro de Ester, 3, 7)

⁴ Literalmente, “idioma sagrado”

Desde a Antigüidade, já bem espalhados pelo Império Romano, os judeus se diferenciavam dos outros povos, vez que, já nos primórdios de sua história, na ancestral Mesopotâmia⁵, onde futuramente nasceria a tradição talmúdica - eram agricultores por excelência e hábeis artesãos; será a tradição medieval cristã, filha da ortodoxia católica romana, que consolidará a figura do judeu comerciante, muito embora na tradição judaica nada exista que comprove ser, ali, o lucro, fator essencial à ética de vida.

Portanto, é necessário fixar-se que a diáspora judaica, embora provocada pelas constantes invasões e dominações a que se sujeitou a Palestina, também se deu em decorrência do espírito desse povo, nômade em sua essência, raiz e natureza.

1.2. DIÁSPORA NEGRA

É comum falar-se da saga do Negro Africano fora de seu Continente. Tais aspectos têm sido objeto de inúmeras pesquisas, com diferentes enfoques e dimensionamentos - espacial, social, religioso, cultural, comercial, etc. - das quais têm resultado apreciável bibliografia. Diversos centros universitários - no país e no exterior - mantêm unidades acadêmicas que desenvolvem tais estudos. Especificamente a Universidade de Michigan (MSU), mantêm uma unidade acadêmica para tratar do Negro na Diáspora (African Diaspora Research Project).

Nesta pesquisa está-se utilizando, como referencial, o estudo conduzido pela Profa. Dra. Ruth Simms Hamilton, daquela universidade, que globaliza a pesquisa, analisando os aspectos e influências, em todas as regiões do mundo, por onde descendentes de escravos africanos foram dispersos a partir do longo processo escravagista, centrando-se no conflito existente entre "fulashas" (judeus etíopes) e o Estado de Israel.

Além disso, a interessante pesquisa conduzida pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, em seu livro "Negro Estrangeiro", focaliza outra face da problemática - que também é aplicável ao desenvolvimento da pesquisa - pois, o refluxo ocorrido no final do século 19, às véspera da abolição da escravatura no Brasil, fez com que grupos de negros, escravos no Brasil mas em melhores condições, comprassem sua alforria e retornassem à África (Nigéria) - mais especificamente a Lagos - fundando, ali, o Brazilian Quarter, ainda

⁵ Mesopotâmia (meso=entre; potamus=rio): região situada entre rios Tigre e o Eufrates, hoje no Iraque.

hoje existente. Da mesma forma, ex-escravos americanos, pouco antes, também retornaram à África; mas, por questão de adaptação e com apoio do Governo Americano, fundaram seu próprio país e nação: a Libéria.

Entretanto, não se pode deixar de citar, já aqui, que a diáspora negra tem, em sua raiz, causas totalmente diversas da diáspora judaica: o negro nunca buscou deixar sua pátria, nem sofreu invasões ou dominações que o expulsassem de sua terra; como se sabe, foi ali caçado e exportado, tornando-se imigrante involuntário nas terras onde foi desembarcado.

Também perdeu, ao inverso do judeu, todo o seu direito civil, de imediato à sua captura. Se a diáspora judaica teve por base o interesse político e religioso, a diáspora negra, sem dúvida, foi causada por interesses comerciais e apoiada pela Igreja, roubando ao negro qualquer pretensão de cidadania. Pior: qualquer pretensão de humanidade.

CAPÍTULO 2 - ISRAEL

Judeu!!! O grito, que ecoa pela Europa e ultrapassa os Urais atingindo o Cáucaso, identifica os remanescentes de um povo perseguido durante muitos séculos, p que culmina no genocídio denominado “Shoah” - o Holocausto da 2ª Guerra.

O grito identifica ainda os protagonistas da incrível epopéia que a Bíblia testemunha, e a evolução de uma genealogia que a tudo sobreviveu; árvore cujos galhos já, por algumas vezes, ajudaram a mudar a concepção, quer física, quer filosófica, do universo - Moisés, Jesus, Newton, Einstein, aí estiveram e ainda estão, para tanto. Árvore cujos frutos colecionam prêmios Nobel de Química, Física, Medicina... e até da Paz.

Identifica o povo, enfim, que durante toda a sua história se viu jurado de morte; mas sobreviveu a domínios estrangeiros e à escravidão, à diáspora, a expulsões, à execração pública... e renasce, sempre e sempre, recusando-se a morrer. Povo de fortes sobreviventes, cuja identidade genética se confunde à identidade religiosa.

Talvez por isso, quando se dispersa, não se separa. Quando não é visto, não se torna transparente. Quando volta ao deserto, o frutifica: quer ao deserto físico, como próprio Estado de Israel em nossos dias confirma, quer ao deserto da alma, que já dessedentou com a fé que, quando se ramifica, não se emaranha - porque está oferecendo novas opções aqueles que não a tem⁶.

2.1. O QUE É “JUDEU”?

Israel é o Estado fundado para receber judeus da diáspora e dar à Nação um País; para tanto, define quem deveria ser reconhecido como judeu. Assim é no Programa de Basel, de 1897; no art. 6º do Mandato, de 1922; na Declaração de Independência, de 14 de maio de 1948.

Como decorrência, elaborou-se o conceito legal consubstanciado na Lei do Retorno, definindo que judeu é “uma pessoa que nasceu de mãe judia, ou que se converteu ao

⁶ Texto baseado na dissertação de Mestrado apresentada em Fev/98 pela Profª. Noely Zuleica Oliveira Raphanelli, à banca examinadora do Centro de Estudos Orientais da USP (São Paulo), ainda não publicada.

judaísmo, ou que não pertence a nenhuma outra religião”⁷.

Mas, afinal, o que é ser judeu?

A questão, complexa, forma consenso entre os cientistas sociais: não há, no que tange a grupos humanos, definição mais difícil que “judeu”...

Judeu tem sido termo usado ao sabor das necessidades históricas, como rótulo de qualidades e defeitos. Como disse Isaac Bashevis Singer, “...se alguém houvesse escrito uma fantasia sobre um povo assim, os críticos chamá-la-iam de fantasia idiota. Esse poder de ser uma minoria perseguida... durante dois mil anos, nega todas as teorias sociológicas e psicológicas”⁸.

2.1.1. Conceito Religioso

Princípio básico para se diferenciar o judeu do não judeu, deveria ser o pertencer-se ao mesmo grupo religioso - a religião é traço bastante marcante no judeu, além de fator de coesão, mantenedor das características do grupo, especialmente em relação ao monoteísmo e à aversão à idolatria.

Desde o início de sua vivência histórica, os judeus formam um grupo de pessoas aglutinadas e comprometidas em torno do monoteísmo, e assim permaneceram, destacando-se dos outros povos antigos exatamente por conta da característica distintiva fundada na inabalável confiança em seu Deus uno e indivisível, onipotente, criador de todas as coisas, impossível de ser representado por imagens.

Ainda no século XIX, na Alemanha, o judeu era considerado “judeu de fé mosaica”, e era assim que de lá saiam buscando outros países para se estabelecer.

Porém, a fé não é suficiente para definir os judeus: conversões, forçadas ou utilitárias, ocorreram vezes sem conta em sua história; por outro lado, os dias atuais convivem com judeus desligados do sentimento religioso, e há judeus ateus, espíritas, esotéricos...

Enfim: o que é judeu?

⁷ Lei do Retorno, de 1950 (parágrafo 4-B); como se vê, já aqui o conceito de “judeu” é ambíguo, posto que assim são reconhecidos tanto por genética como por fé.

⁸ “Quem somos nós, os judeus” (Herança judaica nº 74)

2.1.2. Conceito Genético

Caracterizar o judeu como raça, antes da Primeira Guerra Mundial, era a maneira prática de defini-lo, discriminando-o do final do século XVIII ao início do século XIX, o que inspirou o nazismo e sua concepção racista.

Isto porque, geneticamente descendentes de Abraão, oriundo de Ur da Caldéia, os judeus, no início de sua saga, eram nômades e se dedicavam ao pastoreio. A endogamia predominava, mas havia a exogamia com povos vizinhos, o que fica claro nas Escrituras.

A Bíblia nos dá outro conceito, ao introduzir a Aliança e a circuncisão: “Todo homem, no oitavo dia do seu nascimento, será circuncidado, tanto o que nascer em casa, como o que comprardes a preço de dinheiro de um estrangeiro qualquer, e que não for da tua raça”⁹.

Ora, se a circuncisão é o pacto entre Deus e o povo hebreu, mesmo os não judeus de origem, “comprados a preço de dinheiro”, como diz o texto bíblico, tornam-se judeus pela “Brit Milah”¹⁰! A assimilação das demais práticas judaicas, portanto, eram necessariamente assimiladas; neste caso, judeu não é raça: é costume social, vivência em acordo a determinadas práticas e tradições.

Isto porque “raça”, além de qualquer dúvida, é conceito muito amplo, que aponta para a genética, não para o aspecto cultural; raça, do ponto de vista biológico, pode ser definida como a população, humana ou não, que se diferencia de outras pela frequência de certos genes, o que determina características físicas comuns, definidas pela herança genética - cor da pele, tipo de cabelos, forma dos olhos, etc.; para manter tais características, as raças devem manter certa endogamia.

Porém, entre os judeus, a endogamia é conceito historicamente falso: grande número de casamentos mistos remonta à poligamia dos grupos bíblicos, assim como a grande assimilação; o povo judeu, que esteve e está em todas as partes do mundo, adquiriu múltiplas características culturais e étnicas: há judeus de tez muito clara e cabelos ruivos, na Europa Oriental; morenos de cabelos muito negros, ocidentais; negros, na Etiópia...

Hoje, variados grupos judaicos são encontrados no Estado de Israel, e das mais

⁹ Gênesis, 17:12

diversas origens. Diferem entre si; em alguns casos, mal se reconhecem; mas têm a mesma origem - as Doze Tribos saídas do Patriarca Abraão através de Isaac, e um destino comum que se resume no retorno à nacionalidade, à Terra de Sião, à vida centrada em torno ao Templo.

Os judeus, sem pátria, não constituem nacionalidade própria. Esta, eles tinham até a destruição do Segundo Templo.

A antítese da nacionalidade ocorre durante a Diáspora pois, se não eram cidadãos nem possuíam direitos (a Alemanha no século XIX foi uma exceção); se não podiam escolher seu local de moradia, nem tinham direito à propriedade; se seus bens eram sempre móveis, transportáveis; se sempre estiveram à mercê do arbítrio dos governantes, da Igreja e de leis especiais, utilitárias, e comerciantes e financistas permaneciam em determinado lugar até serem expulsos, não sem antes serem espoliados pelas várias instituições vigentes na sociedade que os acolhera inicialmente, não se pode dizer que o judeu na Diáspora, em algum momento, teve uma Pátria, mesmo por adoção.

O judeu substituiu a pátria física por outra, virtual, voltada aos valores básicos e ao ideal de efetivar o sonho messiânico, desfeito com a destruição do Segundo Templo: este o caminho para reconquistar a nacionalidade.

“No ano que vem, em Jerusalém”! assim a saudação judaica em Rosh Ha’Shanah¹¹, o que expressa enfaticamente a busca do judeu por sua Pátria.

A missão do retorno é reconfirmada exaustivamente, mantendo os laços de identificação: eis aqui o espírito versátil do judeu, que se adaptou a todas as circunstâncias impostas por sua vivência histórica, sem perder o objetivo maior do destino comum.

... E a Torah¹² é sua pátria portátil.

2.1.3. Conceito Cultural

Além de qualquer dúvida, Israel permaneceu no inconsciente coletivo judaico de

¹⁰ em tradução livre, “admitido na Aliança” (millah); circuncisão

¹¹ Festa do Ano Novo civil; ocorre no sétimo mês, Tisri, do calendário judaico, correspondente ao final de setembro/início de outubro do calendário cristão; o vocábulo *shanah* tem o sentido de renovação, retomada, revisão.

¹² Pentateuco; os cinco primeiros livros da Bíblia, ou “Livros de Moisés”.

maneira profunda, e lhe definiu a identidade; e tornou-se símbolo da redenção de um povo oprimido por tantas tribulações, principalmente a dispersão de quase dois mil anos.

Retornar à terra dos antepassados e viver junto ao Templo, para o judeu, é assegurar a nacionalidade e a liberdade, essências de seu ideal histórico enquanto povo.

Os judeus convivem dentro de diferentes culturas, às quais acabam por mesclar seus padrões. Boa parte da cultura judaica provém da religião – elemento aglutinador interno que se regulamenta e define a ética de vida, isto é, as relações entre os homens; a cultura judaica é o *modus vivendi*, baseado no culto às tradições.

Porém, o Judaísmo é mais que religião: é vivência sob determinado conjunto de leis sociais, reunidas em 613 preceitos que regem as relações entre homens e Deus; como exemplo, o “schabat”¹³: ao estabelecer o descanso semanal de homens e animais, produz a comunhão do homem com o sagrado pelo equilíbrio e a harmonia com a natureza.

2.1.4. Identidade social

Pode-se, ainda, conceituar o judeu pela auto-identificação: o próprio indivíduo define a continuidade de seu judaísmo, assumindo responsabilidade sobre essa realidade; isto porque, nas sociedades abertas, há troca e renovação - e o indivíduo não precisa isolar-se para manter seu judaísmo.

Há, ainda, a hetero-identificação: o judeu é apontado como “o outro”, sendo obrigado a assumir sua identidade por pressão externa; assim o nazismo, e os estatutos de limpeza de sangue da Espanha medieval: sob ambos, qualquer um que portasse metade ou menos de ascendência judaica, mesmo que totalmente assimilado, era obrigado a assumir a “judeidade” total; “semi-judeus” foram para campos de concentração, sob Hitler; ou saíram em auto-de-fé, sob a Inquisição.

Note-se que a hetero-identificação, comumente, apresenta-se como recusa ao estranho, xenofóbica, desembocando, sempre, em atitudes de intolerância e racismo, implícito ou explícito; o cruel é que essa prática, se disseminada e aceita como normal, impede que o xenófobo tenha consciência de sua “doença social”, levando-o a agir de forma racista, sem reconhecer-se como tal.

¹³ Repouso do sábado, dia sagrado.

Mais cruel, ainda, é que a xenofobia é, sempre, praticada por quem detém o poder, e não se nega a usá-lo, nas mais esdrúxulas e excêntricas situações.

2.1.5. O Destino Comum

Enfim: ser judeu não é pertencer a determinada raça, participar do mesmo grupo cultural, ou professar a mesma religião.

A identidade judaica pressupõe a união de todos esses elementos, com especial relevância ao aspecto cultural - que se configura concretamente na vivência comunitária; é na comunidade que se preservam valores e se cultivam tradições de profundo significado ético e histórico.

Para o judeu, mais que qualquer outro aspecto, pesam os laços com Israel, com o sentido da redenção que define o destino comum.

É em nome deste destino que são mantidos os valores e tradições do judaísmo, que preparam o judeu para viver, definitivamente, o sonho messiânico da reunião das Doze Tribos na Terra de Israel, que o toque do “shofar”¹⁴, afinal, simboliza.

2.2. BREVE HISTÓRIA DO POVO JUDEU

A história dos judeus está plenamente documentada nos livros sagrados, sendo o principal a Bíblia, na versão “Vulgata Latina”¹⁵; em verdade, o Pentateuco¹⁶ preocupa-se também, além de transmitir a Aliança e a Lei, com a preservação da genealogia e história desse povo, desde a criação do mundo até à chegada à Terra Prometida.

Os livros seguintes, dentre os quais Josué, Juizes, Reis e Crônicas, guardam o restante da história, incluindo o domínio babilônico, a libertação deste jugo e o retorno à Terra de Israel. O Novo Testamento guarda a época de Cristo, até à prisão de Paulo.

A história restante é objeto de várias obras, à elaboração das quais dedicaram-se eclesiásticos e leigos, produzindo farto e confiável material.

Não é nossa intenção nem objeto do presente trabalho voltar ao tema; mas a

¹⁴ “Berrante” de chifre de carneiro, ritual, cujo toque simboliza a chamada dos judeus dispersos à Terra Prometida.

¹⁵ Literalmente, “divulgada em latim”.

¹⁶ Os cinco primeiros livros da Bíblia, atribuídos a Moisés.

evolução da saga dos filhos de Abraão não pode ser desprezada quando se estuda os efeitos de sua fé imorredoura ao longo do tempo, principalmente quando aceita e praticada pelos falachas - judeus negros a que, aqui, nos dedicamos.

2.2.1. Abraão, o Patriarca

O grande reino da Caldéia - hoje Iraque - está sendo governado por Hamurábi em torno de 1820 a.C., constituindo-se em potência comercial que só encontra paralelo no Egito. Entre as duas grandes potências acham-se pequenos países, tais como Síria e Canaã, hoje Palestina.

Ur, grande cidade ao sul da Caldéia, é um entroncamento de caravanas que transitam entre o Egito e o Oriente. Com cerca de 250 mil habitantes, é um cadinho cultural, abrigando grande população flutuante e nômade.

Não se pode, aqui, identificar um povo - se visto do ponto de vista genético – uma vez que o traço de união entre os caldeus era somente o idioma aramaico.

Neste ambiente vivem Taré e seus filhos Aram, Nacor e Abrão, além dos filhos de Aram - Melca e Lot. Melca é casada com seu tio, Nacor.

Morto Aram, a família se desgosta de Ur e, à exceção de Melca e Nacor, dirige-se para Haran¹⁷, cerca de 1.000 quilômetros ao norte.

Abrão, embora criado na efervescente Ur, é homem de extrema convicção: por isso, os diversos deuses que as caravanas trazem para Ur não o impressionam, pois está ancorado em sua fé inabalável na existência do Deus uno, invisível e soberano, a quem podem dar diversos nomes, cultos e tratamentos. Mas sempre será seu Deus, único e imutável.

Pouco tempo depois da chegada à Haran, Abrão tem uma visão em que um anjo de seu Deus lhe ordena abandonar essa cidade, e dirigir-se “para a terra que te mostrarei”¹⁸: Abrão dirige-se a Siquém e, depois, a Canaã, cidades entre Caldéia e Egito, a sudeste de Haran e já próximo à Península do Sinai.

¹⁷ Gênesis, 11, 31

¹⁸ Gênesis, 12, 1

Acompanha-o Sarai, sua mulher¹⁹. O casal não tem filhos. Também Lot, seu sobrinho, o acompanha com a família.

2.2.2. Primeiro filho de Abraão

A inexistência de descendente aborrecia a Abrão, uma vez que, tornado rico, sua herança deveria ir para seu escravo Eliezer de Damasco²⁰, fugindo à sua descendência.

Porém, Sarai possui uma escrava, Agar, egípcia, e sugere a Abrão que nela “suscite descendência”. Abraão aceita, e nasce Ismael. Este virá a ser o pai dos árabes ismaelitas.

2.2.3. A aliança

Treze anos depois, Abrão tem outra visão: Deus lhe ordena que circuncide “todo homem, no oitavo dia do seu nascimento, [...] tanto o que nascer em casa, como o que comprardes a preço de dinheiro de um estrangeiro qualquer”²¹.

Em contrapartida, o Senhor lhe promete a posse de toda a Canaã através de sua descendência; mas o adverte que “teus descendentes habitarão como peregrinos uma terra que não é sua, e que nessa terra serão escravizados e oprimidos durante quatrocentos anos”²²: previa a escravidão no Egito. Além disso, adverte: “somente à quarta geração os teus descendentes voltarão para aqui...”²³.

O Senhor também muda o nome de Abrão para Abraão, o de Sarai para Sara. Abrão, agora Abraão, circuncida-se à idade de noventa e nove anos, contando Ismael com treze²⁴.

2.2.4. Segundo filho de Abraão

Logo depois, recebem eles a visita de três anjos, que lhes anunciam o próximo nascimento de um filho de Sara - que não acredita, pois já contava com 89 anos.

Mas, a idade não impede o poder divino, e nasce Isaque - este o primeiro nascimento de pai circuncidado; também é a primeira criança a ser circuncidada ao oitavo

¹⁹ Gênesis, 25, 1-6 indica outra mulher de Abraão, Cetura, com quem teve 6 filhos: a nenhum deu herança; somente presentes, mandando-os, todos, embora.

²⁰ Gênesis, 15, 3

²¹ Gênesis, 17,12; a circuncisão ao oitavo dia do nascimento, ou *brit millah*, é cerimônia ainda hoje mantida pelo judaísmo.

²² Gênesis, 15,13

²³ Gênesis, 15,16

²⁴ Gênesis 17, 5-24

dia de nascido, conforme determinação da Aliança.

Ismael, o primogênito, não se alegra com o nascimento do irmão, e é expulso - com sua mãe - do convívio de Abraão; Agar dirige-se ao deserto e, acabada a água que trouxera, coloca o menino sob um arbusto e senta-se à distância para “não ver o menino morrer”. No entanto, uma visão²⁵ lhe mostra um poço, e a vida de mãe e filho são salvas.

2.2.5. Lot e suas filhas

Já há algum tempo Lot havia deixado Abraão, indo residir em Sodoma. Destruída a cidade, vai ele habitar, com suas duas filhas, um monte próximo à pequena cidade de Soar. Suas filhas estão solteiras, e não há homens na região.

As meninas imaginam um plano: embebedam o pai dois dias seguidos e, no primeiro, a mais velha “deita-se” com ele; no dia seguinte, a mais nova repete o ato. Nascem Moab, da mais velha, e Ben-Ami, da outra²⁶.

Moab vem a ser o iniciador dos moabitas, Ben-Ami dos amonitas, povos que terão grande influência na futura conquista de Canaã, a Terra Prometida.

2.2.6. Descendência de Isaque

Isaque casa-se com Rebeca, que vem a ser neta de seu tio Nacor, o irmão de Abraão que permanecera em Ur. Da união nascem gêmeos - Esaú e Jacó - positivamente plurivitelinos: Esaú é forte, peludo e ruivo; Jacó é mais fraco, quase sem pelos e não ruivo. Esaú, por primogênito, tem direito à herança do pai - já agora, de muito valor.

Isaque tem vida tranqüila; Esaú, sempre trabalhador, vem aumentando a riqueza da família.

No entanto Rebeca, tendo Jacó como predileto, faz com que o Isaque, já velho e quase cego, o abençoe em lugar de Esaú; bênção esta que, nos costumes da época, equivalia à transmissão da herança. Esaú, é claro, não aceita o fato com tranqüilidade, e Rebeca recomenda a Jacó que fuja.

²⁵ Que os muçulmanos atribuem ao anjo Gabriel. A cerimônia islâmica de visita à Meca, ainda hoje inclui o costume de dar sete voltas em torno do poço, considerado sagrado, em que se supõe Agar dessedentou Ismael.

²⁶ Gênesis, 19, 37-38

2.2.7. Jacó na casa de Labão

Acolhendo o conselho materno, Jacó foge e se dirige à casa de Labão que, por irmão de Rebeca, é seu tio. Lá, apaixona-se pela prima Raquel e paga a Labão sete anos de servidão, a título de dote pela mão da prima.

O tio, entretanto, resolve dar-lhe em casamento a filha mais velha: Jacó, enganado, casa-se com Lia; enganado, descontente, paga outros sete anos de servidão para casar-se, enfim, com Raquel.

Labão dá escravas às filhas: Zelfa para Lia, Balá para Raquel; com as quatro Jacó tem doze filhos, assim distribuídos entre as mães:

Lia	Zelfa	Raquel	Balá
Rúben	Gad	José	Dã
Simeão	Aser	Benjamin	Neftali
Levi			
Judá			
Issacar			
Zabulon			

Lia ainda lhe dá a filha Dinah. Dos meninos, somente Benjamin nasce após Jacó deixar Labão.

2.2.8. Jacó se torna Israel

Por fim, como Labão não lhe permitisse voltar para junto de seu pai, Jacó resolve fugir, e o faz. Porém, certa noite é atacado por alguém, com quem mantém intensa luta. Por fim, o estranho toca-lhe o nervo da perna, tornando-o coxo²⁷.

Jacó acredita ter lutado com um anjo, e lhe pede que o abençoe; o anjo lhe responde - “Teu nome não será mais Jacó, [...], mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens, e venceste”²⁸. Estava batizado o povo escolhido por Deus.

2.2.9. Judá

Rúben, por ser o mais velho dos filhos de Jacó, teria direito à herança do pai;

²⁷ Gênesis 32,32; por este motivo é proibido, aos israelitas, comer o nervo da articulação da coxa de qualquer animal.

entretanto, torna-se amante de Balá, escrava de Raquel e mãe de seus irmãos Dã e Neftali, e seu pai não o abençoará²⁹.

Simeão e Levi, os filhos seguintes - portanto, os primeiros na linha de sucessão - matam covardemente os homens de Siquém³⁰, que haviam desonrado sua irmã Dinah³¹. Jacó não os abençoará.

O filho seguinte é Judá, que será abençoado³² pelo pai à morte. Esta bênção se fará sentir quando do cisma do Estado de Israel.

2.2.10. José no Egito

José era o filho predileto de Jacó: além de primogênito de sua amada Raquel, era até então o caçula, o “filho de sua velhice”.

A predileção declarada, com é lógico, causava ciúmes nos demais irmãos que, em decorrência, decidem livrar-se dele: quando têm uma oportunidade, pensam em matá-lo, no que são impedidos por Rúben: é a conselho deste que o jogam em uma cisterna, pois Rúben pretendia resgatá-lo depois.

Entretanto, quando Rúben se afasta, os irmãos vendem José, como escravo, a uma caravana de ismaelitas que se dirigia ao Egito. Ao pai, apresentam a túnica de José manchada de sangue, dando-o por morto. Jacó lamenta, mas nada pode fazer.

José é comprado pelo chefe da guarda do faraó; por se recusar a deitar-se com a mulher de seu comprador, é vítima de intriga e acaba na cadeia.

Da cadeia, utilizando-se de seus dons divinatórios, termina chamado à corte do faraó e é elevado à categoria de “ministro plenipotenciário”; também se casa com Asnath, filha do grão-sacerdote egípcio: torna-se assim, além de homem de maior poder político no Egito, genro do homem de maior poder religioso no mais duradouro império da Antigüidade. Da união de José e Asnath, nascem Manassés e Ephraim.

2.2.11. Judá e sua nora Tamar

²⁸ Gênesis 32, 28

²⁹ Gênesis, 49, 4

³⁰ Gênesis, 34,27

³¹ Gênesis, 49, 7

³² Gênesis, 49, 8-12

Por esta época, Judá deixa seus irmãos e conhece Sué, filha de um cananeu. Da união nascem Her, Onã e Selá.

Her casa-se com Tamar, mas morre sem deixar descendência. Como vigorava entre eles o levirato³³, Onã assume o compromisso de dar filhos a Tamar; entretanto, como os filhos que daí viessem seriam considerados filhos de Her, Onã “derramava seu sêmen na terra”³⁴, não produzindo descendência. Onã morre, e Tamar continua sem filhos.

Porém, pelo levirato, caber-lhe-ia, ainda, Selá: mas este, à época, não tinha idade suficiente para casar-se; Judá pede a Tamar que aguarde o filho crescer mas, quando isto acontece, Judá não entrega o filho à nora.

Ela, ao saber que Judá está viúvo e passará próximo à sua casa para tosquiari ovelhas, cobre-se de véus e vai sentar-se junto à estrada, como se fosse prostituta. Assim crê Judá, que se deita com ela.

Tamar engravida, e tem filhos gêmeos - Zara e Farés, sendo que este se tornará antepassado - de sétima geração - de Boaz, bisavó do futuro rei Davi.

2.2.12. Miséria, seca e fome na Palestina

Passados pouco mais de sete anos da posse de José como administrador do Egito, a Natureza resolve castigar toda a região com a seca e a conseqüente fome; porém, como José havia estocado alimentos, esta não atinge o Egito; mas, como a miséria grassava ao redor, a família de Jacó, já agora Israel, não foi poupada.

Assim sendo, os irmãos de José - exceto Benjamin, ainda novo - se dirigem ao Egito para comprar mantimentos. São atendidos por seu irmão, que os reconhece; mas não é reconhecido, e usa artimanhas, fazendo com que os irmãos busquem seu pai e sua família, trazendo-os ao Egito.

Na volta, dá-se a conhecer e aloja todos em pleno delta do Nilo, na província de Gessém, proximidades de Heliópolis, onde setenta pessoas, mais as esposas dos filhos de Israel se assentam, formando a semente do povo israelita.

³³ Lei que determina que, à viúva sem filhos, deve-se entregar o cunhado, para que deixe descendência a seu irmão morto.

³⁴ Gênesis 38,9; a prática de Onã deu origem ao termo “onanismo”, masturbação masculina.

2.2.13. Escravidão no Egito

Passam-se os anos; os israelitas tornam-se numeroso povo que, de tão numeroso, é reduzido à escravidão pelo faraó que, posteriormente, decreta a morte de todo bebê judeu do sexo masculino.

Entretanto uma judia, Jocabel³⁵, ao se ver grávida, teme pela sorte da criança. De fato nasce um menino, que é escondido durante três meses. Não havendo mais como esconder o bebê, este é colocado nas águas do Nilo em uma cesta de junco.

A cesta é encontrada por Tarmutis, filha de Ramsés II, então faraó. A irmã do menino, Miriam, dama de companhia da princesa, recomenda-lhe que se dê uma judia para cuidar do bebê; Tarmutis acquiesce, e Miriam chama sua própria mãe, Jocabel, para criar o menino - que é chamado Moisés³⁶.

Crescido o menino, Jocabel o devolve a Tarmutis, que o cria como um príncipe. Moisés se torna um dos principais generais egípcios, de tal destaque que Flavius Josefo³⁷, à pg. 569 de “História dos Hebreus”, o chama de grande estrategista, destacando-se principalmente na campanha contra os etíopes.

Por suas vitórias, Moisés atrai o ciúme dos demais generais egípcios e, então, decide abandonar a corte. Vai viver entre judeus.

Certa vez, vendo um egípcio maltratar um judeu, o mata e foge rumo a Madiã, onde conhece Jetro - sacerdote judeu e pastor; passa a viver com ele e, por fim, casa-se com Séfora - filha de seu anfitrião. Da união nascem Gérson³⁸ e Eliezer.

2.2.14. Liberdade!

Passam-se quarenta anos. Moisés tem uma visão que o manda retirar os filhos de Israel do Egito, conduzindo-os à Terra Prometida. Moisés aceita a missão e, com seu irmão Arão, procuram o faraó. Reivindicam a liberdade para seu povo, o que lhes é negado.

³⁵ Chamada, em hebraico, de Bathya, “filha de Jeová”.

³⁶ Nascido ou retirado das águas.

³⁷ Importante historiador da antigüidade, autor de *Guerra dos Judeus*, descrição minuciosa da Guerra de 66 a 70 d.C, precedida pela história dos judeus na Palestina a partir dos Macabeus. Também é autor de *Antigüidades Judaicas*, proporcionando toda história a partir da criação fundamentada na Bíblia. É o único relato de testemunha ocular da destruição do 2º Templo.

³⁸ Da raiz *guer*, que significa hóspede; isto porque, segundo Êxodos 2, 22, Moisés afirmou ser “apenas um hóspede em terra estrangeira”.

Tentam outras vezes, mas a recusa permanece; o Egito é atingido por pragas: água se torna em sangue, granizo atinge o país, sapos e moscas invadem o Egito, e o faraó não os liberta.

Por fim, chegada a época em que os judeus comemoram a festa das primícias³⁹, Moisés recebe a incumbência divina de determinar aos filhos de Israel que cada um tome um cordeiro, mate-o e passe o sangue nos umbrais da casa. Moisés também é informado sobre a forma como comer o cordeiro: é instituída a Páscoa⁴⁰.

Nessa noite, ocorre a última praga do Egito: todos os primogênitos egípcios são mortos, fazendo com que o faraó resolva libertar os judeus, temendo o poder daquele Deus capaz de operar tantas maravilhas.

Estamos, agora, em 1.400 a.C., e são passados aproximadamente 400 anos desde o estabelecimento de setenta pessoas no delta do Nilo. Agora, 603.550 homens adultos - com 20 anos ou mais - mulheres, crianças, e 22.273 homens descendentes de Levi, acima de um mês, deixam o Egito⁴¹.

Para quem chegou em setenta pessoas, até que os israelitas, de fato, multiplicaram-se bastante, no generoso ventre africano do Egito.

2.2.15. De povo a nação

Saído do Egito, o povo de Israel atravessa o Mar Vermelho e chega à Península do Sinai, em direção a Canaã.

Passam-se três meses: estão no sopé do monte Horeb; Jetro os visita, trazendo a mulher e os filhos de Moisés; vendo-o tão assoberbado com o comando de todo aquele povo - a quem serve de juiz, sacerdote e guia - Jetro o aconselha a formar um conselho, composto por setenta anciãos capazes de resolver as questões menores, representando todas as tribos; Moisés aceita a recomendação, e forma o Conselho de Anciãos⁴².

A seguir, Moisés tem uma visão em que é chamado a subir o monte Sinai, onde recebe, de Deus, duas tábuas de pedra, contendo dez mandamentos. Recebe, ainda,

³⁹ Oferta, a Deus, dos primeiros frutos da colheita.

⁴⁰ *Pessach*, em hebraico; ver Êxodo, 12, 1-20 e 43-49

⁴¹ Números 26, 51

⁴² Números 26, 62

instruções detalhadas que, no conjunto, formam verdadeira Constituição⁴³: nesse momento, Israel deixa de ser apenas povo - passa a ser Nação⁴⁴.

2.2.16. Tribos de Israel

Cabe aqui a seguinte explicação: as doze tribos de Israel não correspondem aos doze filhos de Jacó; Levi, também uma tribo, não herdará território para assentamento de seu povo, visto que lhe está destinado o trabalho sacerdotal.

Também José não forma apenas uma tribo. Dele saem duas tribos, uma para cada um de seus filhos.

Portanto, são filhos de Israel, por ordem de nascimento: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Neftali, Gad, Aser, Issacar, Zabulon, José e Benjamin.

São tribos de Israel, com direito a território: Rúben, Simeão, Judá, Dã, Neftali, Gad, Aser, Issacar, Zabulon, Manassés, Ephraim e Benjamin.

2.2.17. Quarenta anos de deserto

Não é tão distante assim Canaã do Egito - lembremo-nos de que, além de Abraão, lá esteve também Jacó. Se a fome apertava em Canaã, ia-se ao Egito e o problema estava resolvido.

No entanto, conduzir todo o povo, de fato, demorou algum tempo - dezoito meses. Entretanto, lá chegados, Moisés escolhe doze representantes - um de cada tribo com direito a território - e os envia para o reconhecimento da Terra Prometida.

Retornando, os representantes - exceto Caleb, o representante de Judá, e Josué, representante de Ephraim - têm medo da guerra e exageram o poder dos cananeus. Assim, o povo é condenado a permanecer no deserto até que todos os que saíram do Egito morram; exceção àqueles que acreditaram - Caleb e Josué.

2.2.18. Enfim, Canaã

Longos quarenta anos e tantas peripécias, por fim, passam, e novamente encontramos os israelitas à beira de Canaã, com uma população composta por 601.730

⁴³ Êxodo 20, 3-17: os Dez Mandamentos.

⁴⁴ Hilarion, “Moisés, o vidente do Sinai”, in Escola de Aprendizes do Evangelho, p. 28.

homens acima de 20 anos, 23.000 levitas acima de um mês, mulheres e crianças.

Moisés é chamado ao Monte Nebo, de onde avista toda Canaã. Morre, e o local de seu sepulcro não é conhecido.

Josué assume o comando de Israel. Relatos há, ainda, que atestam que Essen, filho adotivo de Moisés, o acompanha ao Monte, e dele recebe instruções sobre o prosseguimento da vida espiritual. Assim sendo, Josué seria o continuador civil de Moisés; Essen, o continuador espiritual.

Por fim, chegam próximos ao Jordão, onde conquistam Jericó e vencem os madianitas. Os representantes das tribos de Rúben, Gad e meia tribo de Manassés pedem a posse da Terra, o que lhes é concedido mediante a promessa de que atravessariam o Jordão junto às demais tribos, ajudando-os na conquista do restante do território. A região ocupada por essas tribos é, hoje, a Transjordânia.

Durante 25 anos Josué governa Israel, e grande parte do território que iria formar o Estado de Israel é conquistada⁴⁵. Já velho, Josué, sentindo-se impedido de continuar na luta, sorteia os territórios entre as tribos, vez que as fronteiras eram conhecidas. Josué morre, e o governo passa a ser exercido por juizes, tal e qual uma república parlamentarista. As tribos conquistam o restante do território.

2.2.19. Reis de Israel

Por fim, o povo pede um rei⁴⁶ e Samuel, profeta e último juiz, unge Saul - da tribo de Benjamim - primeiro rei de Israel⁴⁷.

Neste reinado, Israel vence aos filisteus e assume seu território que, afinal, estava entre suas fronteiras prometidas.

A Saul sucede-o Davi - o bisneto de Boaz, descendente de Farés, filho de Judá e Tamar, lembram? Davi, harpista e poeta, é autor daquele que é, talvez, o livro bíblico mais lido: Salmos.

Estamos, agora, por volta do ano 1000 a.C.; Davi, após reinar sete anos em Hebron,

⁴⁵ Números 34, 1-12 e Josué, caps. 13 a 19

⁴⁶ I Samuel, 8, 6

⁴⁷ I Samuel, 10, 17-25

muda a capital para Jerusalém, de onde expulsa os jebuseus. O reino é consolidado.

Sucedo Salomão, o rei de Israel que adquiriu maior prestígio e poder. Salomão era filho de Davi com Betsabé, viúva de Urias - general que Davi enviara à frente de batalha para que morresse, possibilitando-lhe, assim, ficar com a viúva⁴⁸.

Salomão reina por oitenta anos. Constrói o Templo, obra-prima de arquitetura, engenharia e riqueza, que levou sete anos para ser terminado. Desenvolve o comércio e alianças com outros povos, de modo que mantém, durante todo o seu governo, o que se poderia chamar, por analogia, de “pax hebréia”.

Constantemente Salomão é visitado por embaixadores e soberanos estrangeiros, dentre os quais destaca-se a rainha de Sabá⁴⁹ - com quem tem um filho, Menelik, que virá a tornar-se soberano na Etiópia.

Mas Salomão faz inimigos entre seu povo, sendo Jeroboão o principal deles; também da tribo de Judá, nascido em Belém, Jeroboão reivindica o trono, o que causará o cisma do povo hebreu.

2.2.20. Cisma de Israel

Jeroboão, fugindo de Salomão, refugia-se no Egito. Morto o rei e sucedido por seu filho Roboão, Jeroboão retorna, e é aclamado rei⁵⁰; somente as tribos de Judá e Benjamin permanecem fiéis a Roboão, que mantém a capital em Jerusalém; as demais tribos, situadas a Norte de Judá, escolhem por capital Samaria. A tribo de Dã retira-se para o deserto, evitando participar da luta fratricida que se aproxima.

Ao reino do sul, sob Roboão, dá-se o nome de Judá, a tribo predominante; o norte, sob Jeroboão, mantém o nome de Israel. Corria o ano de 937 a.C.

2.2.21. Reino de Israel

Em 873 a.C. sobe ao trono Acab, que se casa com Jezabel, filha do rei dos sidônios, e devota de Baal. Acab torna-se herege, rendendo culto ao deus estrangeiro. Contra essa

⁴⁸ II Samuel 11, 15

⁴⁹ I Reis, 10, 1 a 13

⁵⁰ I Reis, 12, 20

postura real levanta-se Elias, o profeta que vence aos sacerdotes de Baal⁵¹, mandando matar 400 deles.

Em 731 a.C. sobe ao trono Oséias, em época de grande expansão do império assírio, que passa a fazer frente ao Egito. É a ruína de Israel. Oséias fica submisso e tributário da Assíria, mas, tentando libertar-se, busca aliança com o Egito. Salmanasar, o rei assírio, em represália, prende Oséias e ataca a Samaria que, embora tivesse resistido por três anos acaba caindo.

Assim, “no ano nono do reinado de Oséias, o rei da Assíria apoderou-se de Samaria e deportou os israelitas para a Assíria, estabelecendo-os em Hala, às margens do Habor, rio de Gozan e nas cidades da Média”⁵². O ano era 722 a.C. e o rei assírio, Sargão II.

A história das dez tribos de Israel cai em escuridão total.

2.2.22. Reino de Judá

Durante o reinado de Acáz (733-727 a.C.) começam os problemas de Judá. Acáz, para enfrentar os sírios que o atacavam, dispõe-se a pagar tributos aos assírios. Estes aceitam, e o rei Teglát-Falasar sente-se fortalecido por esta vitória e volta-se contra Judá.

Acáz e seus sucessores até Josias (640 - 609 a.C.) acomodam-se à situação. Josias, porém, pretende restaurar a Judá sua crença original e sua independência. É a época em que o Deuteronômio - onde estão os discursos de Moisés, é redescoberto⁵³.

Em 612, os assírios são derrotados pela Babilônia, com quem enfrentavam longa guerra, o que facilita a restauração do culto levítico em Judá. Os egípcios, tentando salvar os assírios, enfrentam a Babilônia. Josias tenta opor-se, e é morto. Judá cai em mãos egípcias.

O filho de Josias, Joacáz, governa somente três meses, sendo deposto e preso pelo faraó; sucede-o seu filho Eliacim, que o faraó rebatiza como Joaquin, que reina entre 609 e 597 a.C.

Nabucodonosor, rei da Babilônia, invade Jerusalém e prende o rei, levando-o cativo

⁵¹ I Reis, 18, 40

⁵² II Reis, 17, 6

⁵³ II Crônicas, 34, 14 e ss.

para seu país. Seu sucessor e filho é Joaquin, que reina por três meses, e é destituído e levado para Babilônia, onde permanece preso por 37 anos. Libertado, é elevado a exilarca, e, “até o fim de sua vida, Joaquin comeu à mesa do Rei da Babilônia”⁵⁴; segue-se Sedecias, seu tio, que faz um pacto com o Egito pensando em libertar Judá.

Nabudonosor contra-ataca e, em 586 a.C., durante o 11º ano do reinado de Sedecias, Jerusalém cai; Sedecias é preso, matam-lhe os filhos em sua presença e o cegam⁵⁵. Em 522 a.C. o Templo é destruído.

2.2.23. Exílio

Toda Judá estava, assim, submetida. Desaparecem os dois reinos.

Quando Nabucodonosor levou os homens válidos como escravos para a Babilônia, solicitou também a seus auxiliares que escolhessem um bom número de garotos, inteligentes e bem apresentáveis, a fim de que lhes fossem ensinadas as leis e os costumes da Babilônia. Entre esses garotos estavam Daniel, Ananias, Misael e Azarias que, em babilônico, passaram a chamar-se Baltazar, Sidrac, Misac e Abdenego. Daniel (Baltazar), que viria a profetizar a época de nascimento do Messias, chegou a ocupar um dos três cargos mais importantes da Babilônia, por determinação de Nabucodonosor.

Ciro II, o Grande (557-529), rei da Pérsia, começa a conquista da Mesopotâmia. Nabucodonosor, já falecido, fora sucedido por seu filho Baltazar, morto por Ciro e aí submete-se toda a Babilônia. Em 538, Ciro proclama um édito que permite aos judeus que o quiserem, regressar à sua pátria⁵⁶. Em seu édito, Ciro dizia que Deus o havia encarregado de reconstruir o templo de Jerusalém. Devolveu os vasos e objetos do Templo que haviam sido retirados por Nabucodonosor.

2.2.24. Restauração

Volta então para Jerusalém um grupo decidido a reconstruir o Templo e a restaurar o reino de Judá. A região estava dominada por uma série de povos idólatras, que muito dificultaram a reconstrução do Templo e das muralhas de Jerusalém. Foi Neemias quem, com plenos poderes conferidos por Artaxerxes, sucessor de Ciro, depois de Dario,

⁵⁴ II Reis, 25, 27-30

⁵⁵ II Reis, 25, 7

conseguiu concluir a reconstrução das muralhas de Jerusalém. A Zorobabel coube reconstruir o Templo.

Restaurada Jerusalém, os judeus defrontam-se com muitos problemas. Entram em choque com os pagãos que ocupavam a Palestina. Há pobreza física e misérias morais. Havia necessidade de uma espécie de codificação de todos os ensinamentos de Moisés para o disciplinamento do povo. Neemias, o governador, ajudado por Esdras, o escriba, proclama a Lei de Moisés como lei de Estado para toda a Judéia. Fundava-se, assim, o Judaísmo. Estamos em 397 a.C.

Por volta de 330 a.C., Alexandre, o Grande, transforma o mundo através da imposição do pensamento grego a todos os povos. Os judeus não fogem a essa influência, mas resistem. O mosaísmo os une, embora muitos deixem a Palestina.

Floresce a comunidade de Alexandria, à luz do helenismo alexandrino. Restaurada Jerusalém, os judeus a ela voltavam periodicamente para orar. A vida social dos judeus volta a girar em torno do Templo.

No ano de 301 a. C., são conquistados pelos Lágides, do Egito, dos quais permanecem escravos de até 198 a.C..

Depois, são dominados pelos Selêucidas, entre 198 e 167 a.C.. Antíoco IV, o rei sírio, inicia uma feroz perseguição religiosa, que dá origem à guerra santa chefiada pelos Macabeus e que dura de 167 a 134 a. C.; a Judéia reconquista a independência, mas os reis Hasmoneus (descendentes dos Macabeus) revelam-se grandes tiranos; o rei Antipater chama o general romano Pompeu para ajudá-lo a manter-se no poder, evidentemente custodiado pelos romanos. Herodes - o Grande, pagão nascido em Edom (37 a.C. a 4 d. C.) o sucede como rei de Judá, já sob domínio de Roma.

2.2.25. Destruição do Segundo Templo

O jugo romano é pesado, sendo que o próprio Templo é profanado. Constrói-se a Fortaleza Antonia junto ao Templo, de tal forma que o interior deste possa ser vigiado a partir da fortaleza.

Advém Jesus de Nazaré, tido como o Messias Prometido, e que deveria ser o

⁵⁶ Somente parte dos judeus retornam, cf. relata Esdras, 2, 64-65

libertador dos judeus perante os romanos, como Moisés o fora perante os egípcios. Não acontece a guerra, e Jesus não é reconhecido como o Messias.

No ano 70 d.C. o judaísmo recebe seu maior golpe. Em represália à insurgência dos judeus contra Roma, estes, comandados por Tito, destróem o Templo.

Mas a revolta, enfim, explode furiosa em 117 d.C. Os judeus vêem sua cidade sagrada profanada por estrangeiros, que a reconstruíram à sua vontade como cidade pagã. De fato, por toda a parte surgiam estátuas, banhos públicos, anfiteatros, centros ruidosos da vida profana. No próprio Templo, já praticamente destruído, levantavam-se estátuas em honra a deuses romanos.

Foram, pois, retirando-se e concentrando-se nas montanhas de Bethel, onde constroem fortificações enterradas nas colinas; dos países vizinhos afluem diariamente centenas de voluntários inflamados de zelo e ódio.

Os cristãos, já então numerosos na Judéia, não aderiram à revolta e, por isso, foram se afastando do perigoso fanatismo revolucionário.

Quanto aos judeus ortodoxos, que não reconheceram o Messias no Jesus que há poucos anos fora crucificado, precisando de um motivo religioso que galvanizasse o povo unindo-o fortemente em torno de um ideal sobre-humano e, necessitando, ainda, dar ânimo à luta de vida e morte que se prenunciava, aceitaram pressurosos a pregação de Bar Kochba, que se intitulava o Messias das promessas seculares de Israel.

Sob a autoridade do rabi Akiba, o mais prestigioso sacerdote judeu da época, foi Bar Kochba reconhecido como o Messias esperado. Akiba investiu-o publicamente desse título místico, sagrou-o cingindo-lhe o manto vermelho, entregando-lhe o bastão de mando e pegando-lhe por fim nos estribos, para que a profecia messiânica fosse também cumprida no ponto em que diz: “quando Ele montou no seu cavalo de batalha... para inaugurar o seu reinado de Messias”.

Bar Kochba, assim sagrado perante o povo, assumiu imediatamente a chefia da revolução e decidiu-se pela guerra, determinando a concentração de um exército judeu clandestino em Bethel e o ataque às tropas romanas.

Todo o povo rejubilou-se porque ele, o Messias “verdadeiro”, fez aquilo que o “falso” Messias de Nazaré se recusara a fazer. Este não desejava levantar sua espada e decretar a libertação de Israel das mãos de Edom.

Entretanto, assim que Adriano, vindo do Egito, chegava à Grécia, soube do levante dos judeus e da proclamação da independência da Palestina, imediatamente determinou que as legiões localizadas nos países vizinhos atacassem os judeus e os destruíssem.

A guerra que explode furiosa em 128 d. C., foi longa e terrível. Durou mais de dois anos, e as tropas romanas, após revezes muitas vezes cruentos, foram encurralando os judeus nos seus subterrâneos das montanhas; estes foram sendo reduzidos pelos combates e pela fome.

Penetrando lentamente nos subterrâneos escuros, em 133 d.C. os romanos massacraram perto de 200.000 judeus, inclusive mulheres e crianças. A Judéia transformou-se num deserto de casas abandonadas, e judeus sobreviventes foram vendidos como gado nos mercados de Terebinto.

Roma decretou a perseguição oficial aos judeus em todo o império; foram caçados como feras, presos e torturados. Akiba - o chefe espiritual da revolta - torturado pelo fogo e empalado.

Por fim, um decreto de César expulsou os judeus de Jerusalém e de toda a Palestina para sempre, o que determinou a destruição de Jerusalém - que passou a chamar-se Aelia Adriana, cidade pagã e pervertida. Os romanos decretam a morte do judaísmo. O Templo foi totalmente destruído, e seu terreno preparado para tornar-se área para plantio. Somente o Muro Ocidental permanece, e é, hoje, o lugar mais sagrado do judaísmo: o Muro das Lamentações.

Por isso, o Talmud chama a essa revolta “a guerra do extermínio”. Israel desapareceu dos mapas, seu povo dispersou-se e tornou-se errante pelo mundo.

2.3. O JUDEU ERRANTE

Judeu é o descendente das tribos de Judá e Benjamin, uma vez que, das outras dez que formavam o reino de Israel, a história nada mais registra.

Assim, em acordo à procedência geográfica, o judeu moderno pode ser visto através de dois grandes grupos, cada qual com traços étnicos, costumes, cultura, visão do mundo e tradições próprias, inclusive na prática de cultos religiosos - são os askhenazim e os sefaradim; os primeiros são oriundos da Europa centro-leste; os últimos são radicados na Península Ibérica desde tempos imemoriais.

2.3.1. Os Askhenazim

Os askhenazim⁵⁷ não se misturavam à sociedade dos países onde habitavam, nem mesmo aos sefaradim de origem ibérica - rico, vestido à moda ocidental, integrado à sociedade não judaica em que vivia.

Certos grupos askhenazim mantiveram, durante séculos, um modo próprio de vida (artesãos e estudiosos, sua cultura manteve algumas características, tais como a música, folclore, comida típica) respeitando a tradição rabínica. Os mais religiosos vestiam-se à maneira oriental.

Em sua maioria, os judeus que viviam nos “ghettos”, tinham poucas posses e viviam apartados da sociedade cristã, o que garantia a manutenção de seus costumes; nesses bairros judeus, praticamente inexistiam roubos, assassinatos, prostituição; não existiam prisões, não se matava; os judeus não possuíam armas. Sua ótica de vida era elevada do ponto de vista ético e humanístico, e o valor fundamental do homem era a vida.

Isolados, cultivavam entre si seus valores, quase sem receber contribuição do mundo não judeu. Por um lado, este apego à tradição, este purismo cultural, era uma forma de segurança contra o ambiente hostil que os rodeava. Em contrapartida, tal postura representou estagnação e afastamento quanto à sociedade mais ampla.

Assim, contrariamente à visão judaica do mundo - segundo a qual a Criação é dinâmica - a vida no “ghetto” era estática, não permitindo que os judeus se integrassem, acompanhando a dinâmica da História. Dessa forma, o abismo entre judeus e o Ocidente cristão tornava-se cada vez maior.

Nos “ghettos” nasceu a tradição rabínica: a maioria da população era pobre, seus membros ortodoxos e devotados ao estudo da Lei, do Talmud e de outros livros da tradição cultural judaica.

Nos países da Europa Central, alguns askhenazim tornaram-se Judeus de Corte, isto é, mais assimilados, ricos, conceituados, chegaram a responsáveis por finanças das coroas, de banqueiros, de administradores e prestamistas em fins do séc. XVII.

Na cultura judaica, dois fatores são marcantes desde os tempos ancestrais: o amor ao trabalho e o interesse pelos estudos - os pais ensinavam seus ofícios aos filhos, que eram iniciados na educação pois, “só é judeu aquele que lê as Escrituras, conhece a Lei e é

⁵⁷ Askhenaz quer dizer “Alemanha”, e foi usada pela primeira vez no séc. XII

consciente de sua identidade judaica”. A despeito de suas diferenças histórico-culturais, estes são valores fundamentais tanto para askhenazim, como para sefaradim.

A miséria, nas comunidades judaicas, era diferente daquela da população cristã, pois havia organizações de caridade que cuidavam das solteiras, viúvas, órfãos e velhos, todos protegidos pela tradição judaica; entre eles era mantido, sistematicamente, um fundo entre os membros da comunidade para prover às necessidades dos menos favorecidos, e para manter hospitais e a “hevra Kadisha”⁵⁸.

Assim, a dignidade subsistia na pobreza judaica; sempre dispunham, por adversas que fossem suas condições de vida de, no mínimo, uma mesa e uma toalha branca, limpa, para celebrar o ritual do “shabat”. Os que não tinham condições para tal, contavam com a solidariedade dos correigionários.

2.3.1.1. Idioma iídiche

Originalmente, o idioma israelense é o aramaico, assim como o é de todos os povos da Caldéia e circunvizinhanças.

O aramaico tem raiz camito-semítica, ou seja, origina-se do falar dos descendentes de Cã e Sem, filhos de Noé, sendo natural da Mesopotâmia.

O aramaico escrito, assim como seus principais ramos derivados - o árabe e o hebraico - não têm vogais como as conhecemos. Portanto, lê-lo é um exercício que, além de cultura, envolve o conhecimento da língua falada.

Ao israelita, a variação do aramaico denominada hebraico é, antes de um meio de comunicação, a língua sagrada. Nesse idioma foi-lhe outorgada a Lei de Moisés no monte Sinai, ainda no deserto, no início do exílio.

Os judeus askhenazim, procedentes da Alemanha, em comunidades ao longo do Reno (Renânia), criaram um idioma - o iídiche, que é falado em parte do norte da França, Europa Central e Ocidental, desde o século X de nossa era.

Carregado de hebraísmos, o iídiche é um jargão do alemão medieval, do qual fazem parte o alemão, o aramaico, o romeno e o eslavo. Ocupa posição singular entre todos os dialetos e idiomas, e foi levado pelos judeus da Europa Central para os países da Europa Ocidental e Sul.

O iídiche, portanto, é um conjunto de palavras, intraduzíveis às vezes,

⁵⁸ do aramaico; literalmente, “Sociedade Sagrada”; cemitério

representando conceitos, cerimônias: schabat, Kadish. É uma língua de fusão, com rasgos lingüísticos distintos, combinando entre si seus diversos componentes.

No ano 1000 começa a história judaica na Europa. Apesar da falta de documentos até a primeira metade da Idade Média, o estudo do iídiche foi bem desenvolvido na segunda metade do século passado - quer por filósofos alemães, quer por pesquisadores judeus, que concluíram que a base principal dessa língua, embora não a única, foi o dialeto germânico “hochdeutsche”. A evolução do iídiche, no entanto, deu-se posterior e independentemente do alemão, desenvolvendo formas próprias, leis gramaticais e sintaxe adaptadas à época, às circunstâncias geográficas, e sujeitas a influências de outros elementos lingüísticos, sobretudo o hebraico e o eslavo. O “hochdeutsche” não é usado em parte alguma, exceto pelos judeus falando o iídiche.

Como os primeiros “ghettos” não eram obrigatórios, os judeus viviam juntos livremente, por afinidade profissional. O livre comércio com o mundo exterior trouxe influências de outras línguas. Uma espécie de língua particular, falada durante séculos, sempre falada mas pouco escrita, não acadêmica, língua sem rei, sem universidade, sem Estado, mas forte elemento de ligação comunitária.

A língua iídiche é considerada, em alguns países, como dialeto; em outros, é idioma. Tem grande emprego e divulgação na produção literária religiosa e laica, de tal forma que garantiu sua continuidade como língua. Isaac Bashevis Singer ganhou o Prêmio Nobel de Literatura de 1978 escrevendo em iídiche.

Foi em Amsterdã, no último quartel do século XVII, que apareceu o primeiro órgão impresso em iídiche, passando a palavra “tzaitung” (diário) a fazer parte desse idioma. No século XVIII houve um grande florescimento na criatividade nacional judaica em todos os terrenos, e o iídiche alcançou grande projeção, falado em todo o leste europeu, nos países balcânicos e bálticos.

Entretanto, com o surgimento de dialetos regionais e com o correr do tempo, o iídiche tornou-se um idioma literário uniforme, sendo proclamado no Congresso de Tchernovitz, em 1908, idioma nacional judaico, ao lado do hebraico.

A Segunda Guerra Mundial aniquilou a florescente e rica cultura judaica. Tanto em Israel como nos Estados Unidos, cátedras especiais passaram a dedicar-se ao estudo do iídiche nas Universidades, e, “apesar do holocausto nazista que aniquilou milhares de

leitores do iídiche; apesar do genocídio cultural na Rússia; apesar de outras vicissitudes do destino, a língua e a literatura iídiche mantiveram a sua posição privilegiada dentro da cultura judaica, e como a fênix, ressurgirão das cinzas”.

2.3.1.2. o hebraico

Quanto ao Hebraico, continua sendo o “Lashon Kodesh”, utilizado nas cerimônias, rezas e rituais religiosos, bem como na correspondência entre pessoas eruditas.

O hebraico não foi a primeira língua falada pelos judeus. As tribos nômades que se estabeleceram em Canaã falavam, como já se viu anteriormente, o aramaico antigo.

Da fusão do aramaico com os dialetos canaanitas locais, surgiu o hebraico, e essa língua foi santificada, pois nela foram escritos os textos sagrados. Distingua-se da língua falada, usada para fins cotidianos e seculares.

2.3.2. Os Sefaradim

A história dos judeus sefaradim está intimamente ligada ao descobrimento da América e aos primórdios da colonização do Brasil.

Sua contribuição, tanto no campo econômico como cultural não pode ser separada da História Ocidental desde o alvorecer do Novo Mundo, devido ao legado que deixaram na Península Ibérica, impregnado de novas sementes que germinariam não sob a égide da Inquisição, mas à luz da liberdade que lhes despontava nas novas terras, para que pudessem manter as tradições e ritos de seus ancestrais.

A Península Ibérica tem uma história singular. Palco de inúmeras invasões desde tempos imemoriais, por parte de celtas e visigodos, fenícios, gregos, romanos e árabes, cada região se distingue por sua originalidade, nascendo desse amálgama a riqueza da cultura peninsular, que foi exportada para o mundo.

A Espanha foi a pioneira da Renascença - as tradições árabes, além de estudos filosóficos e lingüísticos, trouxeram à Europa a Grécia e a cultura clássica.

Os únicos países civilizados da Idade Média estavam na Península Ibérica. Por volta do século X, o califado de Córdoba viveu a idade do ouro da Espanha, e conheceu espantoso florescimento cultural e econômico sob os Omíadas, tornando-se a capital do mundo; essa era testemunhou extraordinária simbiose de talentos através das relações árabe-judaicas, das quais provinham estadistas, financistas, cientistas, filósofos, poetas, brilhantes eruditos, grandes empreendedores.

Os judeus espanhóis adquiriram feições próprias: língua (o ladino), rituais, costumes, estudos, atestam este fenômeno.

Após longo processo de coexistência e assimilação entre as três culturas - cristã, hebraica e muçulmana - a Espanha deu origem ao ramo judeu sefaradim - naturais de Sepharad, provável região da Ásia Menor que, posteriormente, os imigrantes asiáticos identificaram com a Península Ibérica.

A contribuição civilizadora dos sefaradim impulsionou a Europa até seu apogeu, ao tempo da Renascença. É indiscutível sua antigüidade na Península Ibérica. Segundo a lenda, chegaram à Espanha em 585 a.C., no período da destruição do Primeiro Templo e do Reino de Judá. A arqueologia registra, na cidade de Sagunto, inscrições hebraicas numa pedra tumular do séc. III a.C., que a tradição atribui a Adoniram, lendário servidor de Salomão, em missão na Espanha.

Algumas cidades espanholas, segundo o especialista Léon Poliakov, têm seus nomes intimamente relacionados com a toponímia bíblica; como exemplos, Escaluna (Escabon bíblica), Jope (Jafa), Toledo (Toledoth = geração), etc. A Real Academia de Madri publicou, em 1799, lendas similares, recolhidas por um erudito católico.

O Apóstolo Paulo menciona sua intenção de ir à Espanha⁵⁹ onde, certamente, os judeus já florescia, provavelmente vindos na esteira dos comerciantes fenícios e cartagineses que exploravam a região. Em virtude dessa antigüidade, quando acusados de deicídio, podiam argumentar que não eram responsáveis pela crucificação de Jesus Cristo.

O Talmud, fonte principal da história judaica na Babilônia, apesar das contradições, apresenta um ponto de indiscutível convergência representada pela alta estima em que era tido o trabalho manual pelos sábios de Israel - ocupação dominante na época, colocada bem acima do comércio - e a primazia absoluta atribuída ao estudo. Desde esse tempo, a instrução era obrigatória, gratuita e universal, versando quase que unicamente sobre textos sacros, sem, contudo, desprezar a ciência antiga.

Esses valores os judeus preservaram na Diáspora - especialmente na Península Ibérica - enriquecendo ainda mais a convivência com os outros povos. O espírito talmúdico irradiou-se pela dispersão, permanecendo, na fidelidade da memória judaica, indiscutível legado para os povos de outras partes do mundo.

⁵⁹ Romanos, 15, 24-29

Assim, os judeus tinham, em relação à Espanha, uma consciência de pátria, de terra-mãe. Embora vivendo parcialmente isolado nas aljamas⁶⁰, à mercê do paradoxo de leis temporais e canônicas que pretendiam legislar sua existência, o judeu ibérico participava de todos os níveis da sociedade, alcançando, muitas vezes, projeção e prosperidade sem par, do artesanato ao comércio, do câmbio às ocupações literárias, da política diplomática aos grandes financiamentos às Coroas dos Reinos Cristãos, da cobrança de impostos às atividades científicas - em especial medicina, matemática e astronomia. Esse crescimento, fruto da grande versatilidade, foi, a despeito de pretextos religiosos, a mola mestra da ganância e da intolerância fanática que crescia à medida que se levantava a bandeira cristã da unificação política da Espanha.

O sefardim tem grande relevância na história do Brasil, e participação efetiva nos ciclos econômicos do período colonial enquanto cristãos-novos.

A despeito de sua contribuição para a Espanha, a intransigência dos reis católicos, que patrocinavam, em proveito próprio, a ferocidade do Tribunal da Inquisição, obrigou os judeus a partirem, sob pena de morte e confisco, para longe do solo pátrio. A opção era a conversão ou exílio, pois na Espanha intransigentemente católica, não havia lugar para hereges - apesar de cultuarem o mesmo Deus.

Em 31 de março de 1492, o Edito Real da expulsão cobriu de luto e desespero o povo hebreu, e a memória judaica remontou à saída de Judá, da sua pátria para a dispersão.

A metade deste contingente, em especial os religiosos, preferiu o exílio. Outra metade, impelida por ganância, comodidade ou medo, converteu-se ao Cristianismo – formando os chamados cristãos-novos; outra parte seguiu para a África do Norte, Itália e Turquia, então centro islâmico, onde o sultão recebeu de braços abertos tão hábeis e laboriosos artesãos. Conta a tradição, que muitos dos exilados, ao sair do solo hispânico, enterraram tesouros no quintal; outros levaram as chaves das casas, como se o retorno à mãe pátria fosse uma certeza.

Mesmo dispersos pela bacia do Mediterrâneo e pelos Balcãs, os sefardim mantiveram e difundiram sua cultura ancestral - ritos, rezas, dança, culinária, canto e romances⁶¹, transmitidos oralmente, mantiveram-se vivos nas comunidades que surgiram

⁶⁰ bairros judeus das cidades espanholas

⁶¹ Cantigas poéticas medievais versando sobre o amor.

nessa trajetória.

A grande maioria dos exilados foi para o Portugal de D. João II, cognominado o Príncipe Perfeito, onde não havia Tribunal da Inquisição, ainda.

Portugal, vizinho à Espanha, de onde proviera, insuflava-lhes uma sensação de proximidade familiar, pelo fomento da esperança de mais facilmente visitar a velha pátria, de rever os túmulos abandonados de seus entes queridos que os tornava aliviados, acolhidos num país tão próximo da querida terra natal, tão similar em língua e costumes. Tal era a ligação entre os judeus sefaradim e a terra espanhola.

A partir de então e em poucos anos, “a gente da nação hebréia” iniciou sua vinda ao Brasil, deixando traços em nossa cultura.

De países europeus, como a França e a Inglaterra, judeus foram banidos desde a Idade Média, ao tempo de Filipe, o Belo, e Ricardo Coração de Leão, respectivamente. Da Alemanha, saíram de uma região para outra, em função de perseguições e expulsões. Em Hamburgo - onde havia liberdade de religião e de comércio - no fim do século XVI, os sefaradim tornaram-se os grandes mercadores do açúcar brasileiro. Nos Países Baixos, a propósito de especiarias, do açúcar e das grandes Companhias de Comércio, eles aparecem no século XVII.

2.4. ISRAEL - AS TRIBOS PERDIDAS⁶²

Desde 1960, o rabino Eliahu Avihail vem consagrando o seu tempo à tarefa de localizar as tribos perdidas, ou tidas como perdidas, que formaram o Reino de Israel após o cisma nacional ocorrido em 937 a.C⁶³.

Apenas 215 anos depois, ou seja, em 722 a.C., como já vimos, o rei Sargão II da Assíria, dominando Israel, determina a deportação em massa dos israelitas, levando-os para seu país; a Samaria, capital do país conquistado, é ocupada por estrangeiros, a mando do citado rei. As tribos deportadas desaparecem da História.

Desaparecem? O rabino Avihail não acredita, e busca as dez tribos e, por vezes, as encontra...

2.4.1. Ásia Central

O livro de Reis, ao relatar a deportação dos israelitas, descreve: “O rei da Assíria

⁶² Texto baseado no artigo *As dez tribos perdidas*, Morashá nº 23, dez.98, p. 13-16

levou Israel ao exílio, no país da Assíria; ele o transportou até Hara, no Habor, rio de Gozan e nas cidades dos medos”.

Por essa descrição, Avihail localizou o “rio de Gozan” (é o rio Amu Daria, que faz fronteira entre Afeganistão e URSS) segundo ele, o Habor é o Passabor (passagem do Habor), de onde deriva o nome da cidade de Peshawar no Paquistão, próxima ao Afeganistão. Hara, então, seria a importante cidade afegã de Harat, próxima ao Irã.

Ali está a tribo dos Patans - 15.000.000 de pessoas - que se autodefinem como filhos de Israel (B'nei Israel), embora, atualmente, professem a fé muçulmana.

Localizam-se, principalmente, no Afeganistão e Paquistão, embora também se encontrem no Irã, na Índia e em regiões próximas. Revelaram-se guerreiros valentes durante a invasão russa ao Afeganistão na década de 80.

Embora muçulmanos, guardam importantes tradições judaicas, tais como a circuncisão dos filhos ao oitavo dia de nascido, o casamento em baixo de tenda, o levirato, a guarda do Shabat. Alguns Patans possuem nome tipicamente judaico (Shmuel, por exemplo), não utilizado por outros povos da região. Quase todas as casas ostentam uma Estrela de Davi.

2.4.2. China e Birmânia

Na fronteira da Índia com a Birmânia, os Shinlung - cerca de 2.000.000 de indivíduos, quase todos cristãos - reconhecem-se como pertencentes à tribo de Manassés⁶⁴. Em 231 a.C. instalam-se na região de Kaifeng, e os chineses tentam escravizá-los, porém, estes fogem para as montanhas, sendo então chamados de “povo das cavernas”; na fuga, perdem os rolos da Torah, que haviam trazido ao fugir da Assíria, entretanto, seus sacerdotes mantêm a tradição, oralmente, até o começo do século 19.

Entre 1854 e 1910, com a chegada de missionários que queimaram todos os objetos de culto, os Shinlung converteram-se ao cristianismo, tornando-se verdadeiros “cristãos-novos” em plena China.

Muitos fugiram ou foram expulsos do país, ficando somente Hong-Kong com 1.000 judeus e Singapura com 400. Hoje, 260 Shinlung vivem em Israel, sendo que os “B'nei Israel” encontram-se ainda em Kaifeng, mesclados etnicamente. A comunidade se encontra

⁶³ Revista Morashá nº 23, Dezembro de 1998, p. 13.

⁶⁴ “Judeus Chineses desafiam a extinção”, in “Folha de S. Paulo, 15.nov.98, cad. “!”, p.20

praticamente isolada, em processos de extinção.

Ainda na China, na montanhosa região de Sechouan, são encontrados os Chiang, que se acreditam “filhos de Abraão”. Monoteísta, esse povo seguiu o estilo judaico de vida durante 2.300 anos. Mas, a pressão religiosa e os casamentos mistos, fizeram com que abandonassem o monoteísmo.

Já na Birmânia encontram-se os Karens, cuja tradição oral, em muitos aspectos, lembra o judaísmo ortodoxo. Dizem que perderam a Torah porque seus antepassados não respeitaram as Leis, mas que o Livro lhes será devolvido pelo irmão branco.

O fato de que grupos como esses tenham, de algum modo, conseguido sobreviver, não foi uma demonstração do poder proselitista do judaísmo, mas de sua obstinada capacidade de adaptação, até mesmo nas mais adversas circunstâncias.

2.4.3. Japão

Aqui, a própria família real e alguns nobres também praticavam costumes judaicos, tais como a circuncisão, o guarda do sábado, e o Yom Kipur⁶⁵.

Segundo alguns estudiosos, menciona-se a existência de uma centena de músicas japonesas antigas cuja letra é em hebraico, além de afirmar-se que a língua possui mais de três mil palavras hebraicas, e que algumas letras assimilaram as do hebraico antigo.

Há quem vá mais além, entendendo que a palavra “mikado”, referente ao imperador, viria do termo “mi Gado”, ou seja, de Gad, oriundo da tribo de Gad⁶⁶. O certo é que a família real tem antigas pinturas sobre seda, transmitidas de geração a geração, onde figuram recipientes e vasos do Templo de Jerusalém.

A propósito de templos, os xintoístas - principal religião japonesa - deixam transparecer muita semelhança com o Templo de Jerusalém o que se observa pela divisão em pátios internos, sendo que o mais central é privativo do Grande Sacerdote; a existência, na entrada do Templo, de um grande recipiente destinado a abluções rituais como na tradição judaica, fazem prova disto.

Também o trato com os mortos e o período de luto, além da pureza do lar, são rituais bastante similares aos judaicos.

2.4.4. Outras comunidades

⁶⁵ Dia do Perdão

⁶⁶ Revista Morashá, n° 23, p. 16

Mas não se pode negar que os eventos cataclísmicos do séc. XX, praticamente destruíram um número indeterminado de comunidades judaicas, muitas delas, antigas. O regime comunista do pós-guerra, por exemplo, impôs a sua própria “solução final” para a população judaica do país, em sua maioria, originada do êxodo de refugiados da Rússia Soviética e da Europa hitlerista, mas que também incluía descendentes de judeus que viviam na Rússia desde o séc. VIII.

Movimentos como este provocaram o que podemos acertadamente chamar de diáspora pós-diáspora, dispersando comunidades que, assim, se fragmentaram, dificultando a identificação de suas origens tribais em Israel. É o caso, por exemplo, dos judeus brancos fugidos da Rússia.

2.4.5. Judeus na África

Surpreendentemente, foram localizados, não só os falachas, mas os B'nei Ephraim⁶⁷ em terras africanas. Parece que a África, talvez pela atração que os egípcios sempre exerceram sobre Abraão e seus descendentes, resolveu abrigar novamente seus filhos, fugidos de invasões violentas na Palestina.

2.4.5.1. Sudão

Segundo nos informa Lobagola⁶⁸ em seu homônimo livro autobiográfico, os B'nei Ephraim estão no Sudão, ao norte do Golfo da Guiné e a sul de Timbuctu, entre 6 e 8° de latitude norte. Segundo os rabinos da nação, deixaram a Judéia depois de consumada a destruição do Templo; pode-se supor que se trata do primeiro Templo, pois, caso contrário, é de se supor a citação como Segundo Templo e, não, simplesmente Templo⁶⁹.

Assim, localiza-se seu êxodo para a África em 722 a.C., pouco mais de 200 anos após a suposta migração dos falachas.

Dirigiram-se ao Marrocos, mas, inadaptados, o atravessaram até o Sul, chegando a Tumbuctu, que consideram a mais antiga da África. Não permaneceram e, procurando local para se instalar, encontraram boa água, dando ao lugar o nome de Da-Ome que, em sua língua, significa “boa água”⁷⁰: nunca conseguiram saber como este nome deixou de ser deles próprios e chegou à costa de Daomé, no litoral.

⁶⁷ Literalmente, filhos de Ephraim

⁶⁸ Bata Kindai Amgoza Ibn LOBAGOLA, *Lobagola*, p. 9

⁶⁹ idem, p. 34

⁷⁰ ibidem, p. 35

A comunidade, no final do séc. XIX, contava com 1.250.000 habitantes⁷¹, divididos em 300 comunidades, cada uma delas governada por um chefe, coadjuvado em suas funções por um conselho de 70 mulheres. O povo é governado por dois reis, um civil, outro espiritual, sendo que a este compete dirigir tudo o que concerne à fé e à moral, guiando-se pelos preceitos da religião fetichista. O rei civil é auxiliado no exercício de seu cargo por um conselho de trezentas mulheres.

Há poligamia, e não há limite para o número de esposas de cada homem. Julgam preferível conviver com meia dúzia de esposas e ser-lhes fiel, do que com uma só, sendo infiel. Entendem que o fato de ter uma só esposa com o direito a divórcio e a obrigação de sustentá-la, aos moldes da sociedade ocidental, torna o monogâmico mais selvagem que o poligâmico...

Neste mundo fetichista⁷² cercado de muçulmanos por todos os lados, estão os b'nei Ephraim⁷³, constituídos por dois mil negros, espalhados em cerca de vinte aldeias, e chamados, pelos crentes de outra fé, “nação peregrina”.

Possuem parte da Torah em aramaico, gravada por ferro em brasa sobre pergaminho. São orientados por sete rabinos de sete famílias distintas, que ocupam seus lugares por herança em perfeita consonância com a prática judaica, que reserva aos levitas o sacerdócio; ninguém é rabino por nomeação.

No dizer de Lobagola, “entre nós a religião está acima de tudo... A minha nação observa a lei mosaica rigorosamente”⁷⁴; não se conhece o Talmud, nem a Bíblia pós-Torah., mas são guardadas as festas de Páscoa, Yom Kippur e Tabernáculos.

As leis higiênicas, tão abundantes em Deuteronômio, são desnecessárias aos b'nei Ephraim: entre eles, somente os rabinos comem carne - de cabra - na celebração pascal. Ninguém toma leite; a circuncisão ocorre – em consonância com a Lei Judaica - no oitavo dia após o nascimento.

2.4.5.2. Etiópia

Segundo os próprios falachas, eles fazem parte da tribo de Dã - única que se exilou voluntariamente quando ocorreu a divisão entre os reinos de Israel e Judá, para não

⁷¹ ibidem, p. 9; a narrativa está baseada em 1896, quando Lobagola contava com, apenas, sete anos de idade.

⁷² ibidem, p. 23-24, sobre os tabus que atingem a comunidade

⁷³ Literalmente, filhos de Ephraim, ou seja: pertencentes à tribo de Ephraim, uma das Dez Tribos Perdidas de Israel

participar das lutas fratricidas que, fatalmente, ocorreriam; o território danita passou a pertencer ao reino de Judá.

A comunidade local, hoje, é inexpressiva, visto a retirada de 29.000 falachas da Etiópia por Israel nas Operações Moisés e Salomão, todos ameaçados de extinção em decorrência da guerra civil pela libertação da Eritreia.

Hoje, a população dos Beta⁷⁵ Israel - falachas resgatados - compõe-se de cerca de 80.000 indivíduos, totalmente integrados à sociedade israelense.

2.5. A MÍSTICA DO 9º DIA DO 5º MÊS (TISHÁ B'AV)

A tradição judaica acredita que o Messias nascerá no 9º dia do mês de Av. Entretanto, este dia tem sido marcado, na história de Israel, como o “dia mais triste do calendário” - dia em que os judeus de todo o mundo lêem os livros de Lamentações e jejuam o dia inteiro. Vejamos porque⁷⁶: 18 meses após o êxodo, Moisés enviou doze espíões para examinar a Terra Prometida; os espíões, ao retornar, disseram ao povo que os habitantes da Terra eram muito fortes, e que os israelitas tinham poucas chances de vencê-los - tal o relato enfraqueceu a fé do povo, que passou a questionar a profecia quanto à Terra Prometida. Por esse motivo, foi punido, devendo errar durante 40 anos pelo deserto - até que todos os adultos que saíram do Egito morressem, exceto os dois únicos espíões, Josué e Caleb, que não haviam perdido a fé. Tal determinação, segundo o Talmud, ocorreu no 9º dia do mês de Av, Tishá b'Av.

No ano 950 a.C. o Rei Salomão iniciou a construção do Templo Sagrado, em torno do qual a vida dos israelitas passou a girar. Em 587 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquista o reino de Judá e destrói o Templo; era Tishá b'Av.

Autorizados por Artaxerxes, os judeus retornam a Jerusalém, e Zorobabel, auxiliado por Esdras, reinicia a reconstrução do Segundo Templo. Entretanto, no ano 70 d.C., em represália à insurgência dos judeus, os exércitos romanos comandados por Tito destróem-no - a data? Tishá b'Av.

Quase cinqüenta anos depois, Adriano é declarado Imperador de Roma; emite decretos proibindo aos judeus, até mesmo, guardar os mandamentos. Para salvar o

⁷⁴ ibidem, p. 33

⁷⁵ provável corruptela de Beit (casa), ou b'nei (filho) - portanto, filho de Israel; ou, da casa de Israel

⁷⁶ Texto baseado em *Tishá b'Av: o dia mais triste do calendário judaico*, de Tev Djamal, in Morashá, nº 21, junho de 1998, p. 10-13.

judaísmo, estoura a revolta de Bar Kochba, que consegue expulsar os romanos e reconquistar Israel. Durante dois anos e meio os judeus gozam de liberdade, mas, em 128-129, Roma contra-ataca e recaptura Jerusalém; Bar Kochba e suas tropas fogem para Betar, mantendo a luta por mais três anos e meio. Em 133 Betar é invadida e conquistada, sendo que meio milhão de judeus são mortos. O dia da conquista de Betar? Tishá b'Av!

A seguir, Roma decreta a morte do judaísmo, executando os doutores da Lei, e decide erradicar as ruínas do Templo Sagrado, transformando seu terreno em terra arável. Somente o Muro ocidental do Templo - hoje o Muro das Lamentações - é poupado. O preparo do solo ocorre em Tishá b'Av.

Dispersos, os judeus dirigem-se à Europa; em 18 de julho de 1290, o rei Eduardo os expulsa da Inglaterra... e 18 de julho de 1290, no calendário judeu é, nada mais, nada menos, que Tishá b'Av.

A comunidade judaica na Espanha é forte e respeitada, participando da administração central - especialmente sob domínio árabe. Entretanto, quando da Reconquista, os judeus são declarados hereges pela Igreja e perseguidos e executados durante a Inquisição. Por fim, os Reis Católicos, Fernando e Isabel, os expulsam, fixando a data final para deixarem o país - 30 de julho de 1492, Tishá b'Av.

O oriente europeu não se vê imune, e, em 1648 os cossacos atacam a comunidade judaica em Constantinopla, e matam 3000 judeus - era Tishá b'Av.

Em 1914 estoura a primeira guerra mundial, que os historiadores hoje identificam como raiz do nazismo, legado da miséria que a guerra causou. Início da guerra? 1º de agosto de 1914, Tishá b'Av.

Em 1939, a Alemanha nazista invade a Polônia, iniciando-se a Segunda Guerra Mundial. Os nazistas decidem criar o gueto⁷⁷ de Varsóvia, lá confinando a população judaica. Quando? Tishá b'Av de 1941.

Ainda em 1942, os nazistas inauguram o campo de Auschwitz - onde cerca de dois milhões de judeus serão assassinados. O campo é inaugurado em 23 de julho de 1942, o “dia mais triste na história dos judeus” - Tishá b'Av.

⁷⁷ Em alguns países da Europa, os judeus foram segregados em bairros especiais, às vezes, apenas algumas ruas ou em um quarteirão fechado com muros e portas que se abriam em determinados horários. A palavra “ghetto” (fundição) vem de Veneza, onde os judeus trabalhavam como artesãos de metais. Outras fontes afirmam que se trata de uma corruptela de “borghetto”, pequeno burgo.

Por fim, em 1955 um avião da El Al, empresa aérea israelita que, até então, nunca havia perdido uma só aeronave, é abatido sobre a Bulgária. Era Tishá b'Av.

2.6. FILOSOFIA JUDAICA

Segundo Paul Johnson, uma forma de resumir 4.000 anos de história, seria perguntando a nós mesmos o que teria acontecido à raça humana se Abraão não tivesse sido um homem de grande sagacidade, ou se ele tivesse permanecido em Ur e mantido suas elevadas noções de virtude para ele mesmo, e se nenhum povo judeu, particularmente, tivesse existido.

No livro “Antigüidades Judaicas”, Flavius Josefo descreve Abraão como “um homem de grande sagacidade” com noções de “virtude bem mais elevadas do que aqueles do seu tempo”; talvez por este motivo, “decidiu mudar completamente as idéias que todos tinham a respeito de Deus”.

Certamente o mundo, sem os judeus, seria um lugar radicalmente diferente. As respostas às questões acima, veementes, confirmam a assertiva.

A humanidade poderia ter-se encontrado, ao longo do tempo, com todos os “insights” judaicos. Talvez. Mas não se pode ter certeza quanto a isso.

Todas as grandes descobertas conceituais do intelecto parecem óbvias e inevitáveis a partir do momento em que são reveladas, mas é necessário um talento extraordinário para formulá-la pela primeira vez. Os judeus tinham esse dom. A eles se deve a idéia de igualdade perante a lei, tanto divina quanto humana; da santidade da vida e da dignidade da pessoa humana; da consciência individual e, conseqüentemente, da salvação pessoal; da consciência coletiva e, portanto, da responsabilidade social; da paz como um ideal abstrato e do amor como a base da justiça; e muitos outros itens que constituem a estrutura moral básica da mente humana. Sem os judeus, o mundo seria um lugar muito mais vazio. Acima de tudo, os judeus nos ensinaram a racionalizar o desconhecido. O resultado foi o monoteísmo gerador das três grandes religiões que o professam: Cristianismo e Islamismo assentam-se sobre os fundamentos judaicos.

Para muitos, está quase acima de nossa capacidade imaginar de que forma evoluiriam o mundo se o judeu, este grande interlocutor de tantas civilizações, não surgisse. E concluem que, nem o aprofundamento intelectual no desconhecido opôs-se à idéia de um só Deus, nascida na cabeça judaica e que, em análise profunda, é a razão de ser do judeu.

Abraão racionalizou, inicialmente, o panteão de ídolos em um Ser Supremo; o povo de Israel, depois, deu início ao processo de negar Sua existência, racionalizando-o; na perspectiva última da história, Abraão e Moisés, máximos restauradores da fé original, podem até tornar-se menos importantes que Spinoza, mas o impacto dos judeus sobre a humanidade foi, sem dúvida, protético.

Na Antigüidade, os judeus foram os grandes inovadores da religião e da moral; na baixa Idade Média e no início da Europa medieval, ainda eram um povo avançado, que transmitia os escassos conhecimentos e tecnologias da época. Paulatinamente, a pressão sofrida fez com que saíssem da vanguarda, ficando para trás.

Assim, no final do século dezoito, já eram vistos como nada mais que a retaguarda esfarrapada e obscurantista que atrasava a marcha da humanidade civilizada; mas, então, surge a segunda explosão de criatividade. Irrompendo de seus “ghettos”, transformam novamente o pensamento humano, dessa vez na esfera secular - boa parte da carpintaria mental do mundo moderno foi desenvolvida pelos judeus, contumazes vencedores de Prêmios Nobel nas mais diversas áreas.

Não apenas inovadora, a Nação judaica também foi, ao mesmo tempo, a amostra e a síntese da condição humana. Pareceu exhibir todos os inevitáveis dilemas do ser humano, de forma ampliada e mais transparente. Constitui-se no mais perfeito exemplo do “estrangeiro e do hóspede temporário”⁷⁸.

Mas, por acaso, não somos todos nós estrangeiros e hóspedes temporários neste planeta, onde cada um de nós possui apenas um mero arrendamento que raras vezes ultrapassa os setenta anos? De certa forma os Judeus constituem-se no símbolo daquela parcela da humanidade vulnerável, sem lar. Mas, por acaso, não é, a terra toda, um local de passagem? Se os judeus foram idealistas lutando pela perfeição, ao mesmo tempo foram, somente, homens e mulheres frágeis, ansiando por fartura e segurança, que só quiseram obedecer à lei de Deus, permanecendo vivos.

O dilema existencial e filosófico dos Estados judaicos da Antigüidade residia na tentativa de combinar a excelência moral de uma teocracia, com as exigências práticas de um Estado capaz de auto defender-se.

O dilema veio a repetir-se em nossos dias, com o surgimento de Israel em 1948;

⁷⁸ Conforme a fala de Abraão ao filhos de Het, a adquirir as terras de Macpela; ver Gênesis, 23, 4

país fundado para realizar um ideal humanitário, descobriu que, na prática, precisaria ser implacável para, simplesmente, sobreviver em um mundo hostil. Mas, não é esse, por acaso, o recorrente problema de todas as sociedades humanas? Todos queremos reconstruir Jerusalém; todos somos arrastados de volta às Cidades da Planície.

O papel dos judeus, talvez, esteja em centrar e dramatizar as experiências comuns à humanidade, e transformar o seu extraordinário destino em moral universal. Mas, se os judeus têm este papel, quem o escreveu para eles?

Os historiadores precisam estar atentos para não procurar nos acontecimentos, exemplos da ação da providência. Embora muito fáceis de achar, pois somos seres crédulos, nascidos para acreditar, dotados de uma poderosa imaginação que, rapidamente, produz e rearruma os fatos para adequá-los a qualquer esquema abstrato um ceticismo excessivo pode produzir disposições tão sérias quanto a credulidade exacerbada. Historiadores precisam, também, levar em consideração todas as evidências, mesmo aquelas que são, ou parecem ser, metafísicas.

Se os primeiros judeus fossem capazes de traçar, conosco, a história de sua descendência, nada encontrariam de surpreendente nela, pois sempre souberam que a sociedade judaica foi apontada como projeto-piloto de toda a raça humana.

Os dilemas, dramas e catástrofes judaicos parecem destinados a servir de exemplo, pois, sendo maiores que a vida, não pareciam mais que naturais para eles; que deveriam atrair para si, através dos milênios, esse ódio sem paralelo, na verdade inexplicável, era, para eles, algo lamentável, mas inevitável, esperado mesmo.

Acima de tudo, que coubesse aos judeus sobreviver ainda, quando todos aqueles povos da Antigüidade haviam se transformado ou desaparecido nas masmorras da história, era algo totalmente previsível. Como poderia ter sido diferente? A providência ordenava, os judeus cumpriam.

Os historiadores podem argumentar que a providência é algo que não existe. Talvez não. Mas a confiança do Homem numa história inspiradora como essa, se for suficientemente forte e obstinada, é uma força em si mesma, pressiona os acontecimentos e os move. Os judeus acreditaram ser um povo especial de maneira tão unânime e apaixonada, durante tanto tempo, que acabam procurando transformar essa crença em realidade. Tiveram, de fato, um papel, e o escreveram para eles mesmos.

Eis a chave para a compreensão de sua história.

CAPÍTULO 3 - ÁFRICA

O provável berço da Humanidade permaneceu, durante séculos, à margem dos avanços tecnológicos e intelectuais que moviam a Europa e o Oriente Médio. Ao norte do Equador, atividades de caça e coleta para a produção iniciam-se por volta de 8.000 a.C., porém no sul, isolado pelo Saara, o Nilo e a floresta tropical, a agricultura só encontra campo fértil com o surgimento do ferro na era Cristã.

Por volta de 3.000 a.C., com o dessecamento do Saara, populações dispersam-se e penetram o Vale do Nilo e seu delta, ganhando o leste um milênio depois, graças ao desenvolvimento das colheitas tropicais.

Enquanto o Egito formava o maior e mais duradouro império da Antigüidade, já atravessando a Idade do Ferro, do Cobre e do Bronze, e desenvolvendo a escrita através de hieróglifos, a região ao sul do Saara, protegida e isolada do Egito pelo deserto, manteve-se à margem do progresso.

Porém, o Estado kushita prosperou; no século IV d.C., Axum dominava o Mar Vermelho, quer comercial, quer militarmente; entretanto, em 702 d.C., em conflito com o Islã Conquistador, a frota de Axum é destruída. A cidade permanece até fins do século IX.

O uso do ferro marcou drástica revolução ao sul do Equador, uma vez que, associadas ao cultivo de cereais, criação de gado e produção de cerâmica, a região aos poucos se transforma em produtora de alimentos, “status” mantido até hoje.

Os agricultores de fala bantu se tornam dominantes a leste e sudeste da África, chegando até à ilha de Madagascar. Ali tornam-se os responsáveis pelos primeiros reinos comerciais da região, onde se destaca o grande reinado do Zimbábwe - que, no séc. XII, destruído pelo fogo, é reconstruído.

Deve-se notar que a visão africana de território, em nenhum momento se preocupa com a fixação de fronteiras, pelo simples motivo de que, sendo a natureza mãe farta e generosa, não obriga o africano a migrar para sobreviver, dominar para manter-se, pois, afinal, o grande território não é necessário, já que toda a África provê o necessário. Também não é necessário dominar, pois, há meios de sobrevivência para todos.

3.1. PRIMEIROS ESTADOS AFRICANOS

Exceto quanto ao Egito, não se encontra documentação sobre o desenvolvimento africano no período anterior a 900 d.C. O período seguinte, entre 900 e 1.500, assiste ao crescimento de novos Estados ao norte do Saara que, em sua maioria, estabelece laços comerciais com a África Negra.

Nessa época, dinastias muçulmanas governam o Egito, e estimulam o comércio marítimo. Já há três séculos o Islã dominava o norte e o noroeste da África, expandindo-se ao sul até os reinos cristãos da Núbia e, atravessando o Saara, alcança os Estados do cinturão sudanês, do Senegal ao Nilo.

O continente africano apresentava, então, tamanha pujança, que a economia do mundo europeu e do Oriente Médio dependiam do ouro africano; Gana e Mali espalham-se pelo Oeste, e dominam o cinturão sudanês.

3.1.1. Gana e Mali

Estados mandingas, Gana foi fundada pelos soninquês; Mali, por malinquês; Gana ocupou o norte do rios Senegal e Níger; Mali dispersou-se pelo Atlântico para além da grande curva do Níger, e defrontou-se com o Império Canure, a leste do lago Chade; este Império criou uma das dinastias mais longas da História, só destronada no século XIX.

Próximo ao fim da Idade Média os reinos negros do Sudão prosperam, em decorrência da crise europeia. Reis como Mansa Musa e Sunni Ali gozavam de vasta reputação pela riqueza e realizações artísticas. Suas capitais eram cidades muradas, e em Timbuctu e Jenné contavam com universidades que atraíam eruditos e estudiosos de todo o mundo intelectual.

Alianças políticas, o controle e administração de impostos e comércio, além da força militar, garantiam a soberania dos Impérios.

Mansa Musa era possuidor de tamanha riqueza que, muçulmano, em sua viagem a Meca levou tanto ouro que a moeda egípcia acabou desvalorizada.

3.1.2. Nigéria

Entre os séculos VI a III a.C., a Nigéria já abrigava uma cultura adiantada,

conhecedora de metalurgia do ferro e do estanho, da agricultura e da arte das estatuetas. É a chamada civilização Nok, que irradiava de norte a sul sua cultura, e que, provavelmente, influenciou as civilizações posteriores da região.

O reino yorubá localizava-se ao sul da Nigéria, sendo que seu povo descendia de antigos habitantes mesclados aos berberes fundadores de outros Estados. O Reino tinha por capital Ifé, local sagrado e centro religioso.

Embora dominados pelos portugueses desde 1472, por volta do século XVI os reinos yorubás atingiram seu máximo prestígio.

Assim foi até fins do século XV, quando o infante Dom Henrique ordena a suas caravelas que fossem até o país da Guiné, “onde as gentes são extremamente negras” em busca de cristãos e especiarias. Em 8 de agosto de 1444 Portugal comete o 1º ato de formal de escravidão negra da História, ao capturar 235 negros em Lagos, Nigéria; em 1498, quando Vasco da Gama chega à África, traz em suas caravelas as sementes da destruição e o veneno da usurpação; mesmo assim, o grande império de Oyó resiste até à segunda metade do século XVIII, sob o comando de seu último e poderoso soberano, Alààfin Abiodun.

Já a partir do século XVII, o comércio de escravos - agora objetos de caça e comércio, tornara-se intensa atividade européia na região, fazendo com que toda a estrutura familiar e social se desintegrassem, pois o pensamento de lucro europeu não combinava com a vida dos povos locais que, a partir de então, começam a perder sua identidade com o novo ritmo de vida - o mais forte agora caça e vende o mais fraco. Em 1861, a Nigéria passa a ser colônia britânica; está finda sua história de glórias.

3.1.3. Etiópia

A antiga Abissínia foi um dos países mais antigos do mundo, e, também, a nação africana independente há mais tempo. De acordo com a tradição, a dinastia etíope foi fundada em 1000 a.C. por Menelik - filho do rei Salomão e da rainha de Sabá.

Descendentes de hamitas que chegaram à região em tempos imemoriais, e de semitas procedentes do Iêmen, estabelecidos no país por volta do séc. VII a.C., fundam seu primeiro Estado por volta do séc. V a.C..

A conquista do Egito pelos Romanos, em 30 a.C., aumentou a importância da cidade de Axum - ao sul da Etiópia - pois Roma queria assegurar o tráfico de seus navios pelo Mar Vermelho, dominado por aquela cidade - para assegurar seu comércio com a Índia.

No final do séc. VI, a guerra com o Iêmen marcaria o início da decadência do reino Etíope; a vitória do islamismo na Arábia cortou o acesso da Etiópia ao Mediterrâneo. No ano de 702 d.C, o Islã domina a Etiópia, e, expandindo-se por todo o norte do Saara, atinge o Mediterrâneo. Daí nascem os mouros - berberes islamizados da Mauritânia⁷⁹, que conquistam e governam a Península Ibérica por quase 700 anos.

3.2. APOGEU AFRICANO

No séc. XV. Sunni Ali, um dos mais famosos reis e militares africanos, torna-se governante do povo Songai, à margem leste da curva do Níger. As conquistas de Sunni fazem surgir o Império Songai, cujo apogeu alcança 1528.

Os portugueses, em 1484, aportam na costa sul do estuário do Congo, e encontram os prósperos reinos de Luanda e Luba, de língua banto, além dos importantes Estados de Ruanda e Buganda.

Nessa época, por toda a África Negra estão em andamento processos de desenvolvimento cultural e econômico. Reinos poderosos surgem a partir de sociedades agrícolas que trabalham o ferro e cultivam gado. O Zimbábwe, mesmo após ser destruído pelo fogo no séc. XII, mostra pujança, ali são encontradas escavações de um imenso palácio, cercado por muralhas com mais de 10 metros de altura, construídas em pedra trabalhada.

3.3. AO SUL DO SAARA

A África ao sul do Saara acaba atingida por um verdadeiro câncer econômico ganancioso, que a reduz a quase nada. Isto pode ser verificado nos dias atuais, como a doença corroeu as riquezas desse continente, que sempre acolheu em seu seio etnias de qualquer cor ou origem; afinal, foi em suas terras que Israel tornou-se um povo, que, visto pelo aspecto da religião, destinava-se a iluminar o mundo.

Os próprios filhos dessa grande nação, em sua Terra Prometida, quase 1850 anos depois, recebem Cristo, que lhes dá a mensagem definitiva: “Amai-vos uns aos outros como a ti mesmo - esta é toda a Lei dos Profetas”.

A mensagem, por mais incrível que possa parecer ao estrangeiro, não é compreendida. Não só é distorcida, mas, desvirtuada e desvirginada. Para os cristãos do séc. XIII, “amai-vos uns aos outros” deveria incluir um adendo: “desde que brancos”, e assim é entendida; estabelece-se um processo de seleção, no qual negros e índios são excluídos. Enxergando os negros como descendentes do amaldiçoado Canaã, toda a crueldade se justifica. Nem o Islã, hoje tão exclusivista e intolerante, viu deste modo a mensagem de um profeta que nem era seu.

3.3.1. A África espoliada

Chegamos ao mais cruel processo que a mente econômica fisiocrata/mercantilista pôde urdir, que consistia na tomada pela força, não um povo ou de uma raça, mas de todo um continente, assim condenado à irremediável decadência.

A mesma África que pariu o ser humano e lhe deu a Natureza como fonte de vida e subsistência; que sustentou a economia mundial com seu ouro, repartindo entre os filhos sua herança; que os acolheu, sempre, quando dela necessitaram para desenvolver-se, abrigando a luminosa civilização egípcia, parindo ali o povo de Israel, abrigando a Cartago Romana; que tanto deu aos navegadores fenícios; encontra-se agora condenada a servir à humanidade, não só seu sangue, que já lhe dera, mas, também, o suor dos filhos que manteve em seu colo. Inicia-se a caça ao escravo, sustentada pela Igreja Cristã, que lhes imputa a descendência de Canaã, neto amaldiçoado por Noé⁸⁰.

Ninguém se dá conta de que tal descendência, em nenhum momento poderia estar na África... Bantos não falam dialetos camito-semíticas, não tem cultura semita, não participam da cultura mesopotâmica ou egípcia... Mas, quem liga para essas coisas quando o lucro está em jogo?

Enfim, os europeus procuram, na África, ouro, marfim, madeira, para levar às Américas; aproveitam, e levam mão-de-obra, alijando o negro de sua cidadania, de sua

⁷⁹ Mauritânia: *terra dos mauros* ou mouros; berberes islâmicos que dominaram Al-Andalus

família, de sua cultura, de sua sociedade...

Primeiros portugueses, depois holandeses, franceses e britânicos, instalam fortalezas comerciais nas costas - primeiro a atlântica, depois também a índica - da África; lá, transacionam o objeto de seu comércio, comprando negros caçados por outros negros - que aprendem o valor do lucro obtendo espelhos e quinquilharias como forma de pagamento - e os vendendo aos navios negreiros; estima-se que o comércio escravo tenha retirado da África, pelo menos, 11,5 milhões de homens, mulheres e crianças capturados para venda; talvez 10 milhões tenham resistido à travessia do Atlântico.

Daomé e Ashanti passam a ser denominados “Costa dos Escravos”, fazendo jus ao nome. O desenvolvimento da África estava mortalmente comprometido.

3.4. O ESQUARTEJAMENTO

Assim o século XIX encontra a África - ferida, maculada e dividida:

Ashanti, estado despótico de caráter feudal, utiliza tribos africanas para o tráfico de escravos.

Daomé, governada pelo rei Gezo, organiza regimentos de mulheres e ataca Yorubá, “o país das grandes cidades”.

Benin alcança grande desenvolvimento na fundição de bronze.

A Libéria, novo Estado formado por escravos americanos libertos, torna-se independente em 1847.

Na Abissínia, o rei Teodoro II unifica o reino Etíope, e rompe com a Inglaterra em 1853.

África do Sul: Chaka cria o Estado Zulu, formado por guerreiros bantos que conquistam Natal em 1820.

É assim que a paralisação do tráfico escravo decretada pela Inglaterra encontra a África: Dinamarca e França abandonam suas bases comerciais, mas a França ainda conta com um império colonial em meados do século, constituído pela Argélia, Senegal e Gabão que formam esse império.

⁸⁰ Gênesis 9, 25-27

A Bélgica, sob Leopoldo, interessa-se pelo Congo; o pequeno período de 30 anos compreendido entre 1880 e 1910 determina à África inteira, à exceção de Libéria e Etiópia, o jugo às potências européias.

O imperialismo, assim, domina o grande continente. A escravidão de tráfico, encontrando-se impedida pela Inglaterra, que se encontra em plena Revolução Industrial e teme a concorrência de países que possam contar com mão-de-obra escrava e, conseqüentemente, pratiquem menores custos em seus produtos, é substituída pela escravidão local; não é mais preciso caçar negros: basta dominar o local em que eles se encontram!

Note-se que em 1880, 80% do território africano era governado por seus próprios soberanos. Em 1910, já não eram encontrados Estados africanos soberanos, exceto Libéria e Etiópia.

3.4.1. Preâmbulo a Berlim

A industrialização exigia matérias-primas e mão-de-obra baratas, ambas existentes em abundância no Continente Negro. Além disso, o conceito de raças “superiores” e “inferiores” justificava a exploração de umas pelas outras; resquícios dos conceitos fisiocratas de economia diziam que a extensão do império concedia poder e riqueza; à ganância podia-se justificar eticamente sob o manto da falácia de que era dever do cristão educar os menos favorecidos, levando-lhes a civilização.

Munidos deste arsenal, os europeus dão início ao imperialismo. A união do inglês, com suas tendências comerciais; do francês, político, cartesiano e sentimental; do alemão, econômico e militar; do português, alegando seus “direitos históricos” sobre a África; do belga sob Leopoldo II, com interesses financeiros, compõem o artefato adequado a retalhar o continente, dividindo-o como um bom açougueiro não conseguiria fazer.

Historicamente, assim se processa o crime:

1865 - O duque de Brabante é coroado rei dos belgas sob o nome de Leopoldo I; demonstra seu interesse pela África, e convoca a Conferência Geográfica de Bruxelas.

1876 - É criada, naquela Conferência, a Associação Internacional Africana - AIA;

não havendo sido convidado para tal Conferência, Portugal dá início às suas expedições à África.

1879 - Henry Morton Stanley é convocado para explorar o Congo em nome da AIA - a partir daí, cria-se o Estado Livre do Congo, reconhecido por todas as nações européias antes da Conferência de Berlim.

1880 - Portugal anexa propriedades rurais afro-portuguesas de Moçambique.

1882 - Ingleses instalam-se provisoriamente, a 13 de julho, no Egito; como compensação, deixam à Alemanha e França outras áreas africanas. Em 22 de novembro, o Parlamento Francês aprova o tratado firmado em 10 de setembro entre o oficial francês De Brazza⁸¹ e o rei dos batekes, Makoko, estabelecendo, assim, a soberania política da França sobre a margem direita do rio Congo.

1884 - A 24 de abril, Leopoldo II oferece à França o direito de preferência no caso da Associação Internacional do Congo ser posta à venda, e Bismarck, chanceler alemão, estabelece 1.500 km. de costa entre Cunere e Orange sob proteção do Reich. A 26 de maio, a Inglaterra sofre grave derrota perante os berberes. O general inglês Gordon é obrigado a recuar para Uganda, e a comunicação das tropas com o Egito é cortada. A 05 de julho Nachtigale, em nome da Alemanha, toma posse de três povoados, que viriam a constituir o Togo. Em 16 do mesmo mês, Nachtigale toma posse do povoado costeiro de Camarões. Em 30 de setembro Bismarck reconhece as fronteiras propostas a Leopoldo II.

Assim termina o prelúdio à Conferência de Berlim. A África está repartida entre as potências européias, sem que nenhum africano tenha sido ouvido. O mapa foi riscado sem que se levasse em consideração diferenças étnicas, históricas, sociológicas, do povo afetado. Todas as potências parecem ter visto, no Continente Negro, simplesmente uma terra livre e sem senhores, exatamente no lugar da Terra onde o conceito social passa pelas bases familiares, e os chefes de clã revestem-se de importância determinante frente às estruturas sociais e religiosas.

Ao longo de toda a África, da Costa do Marfim à Nigéria, foram cortados e separados grupos étnicos homogêneos, e povos extraordinariamente diferentes foram unidos sob a mesma bandeira. No Congo, por exemplo, foram ignoradas realidades históricas. O antigo império de Luanda está entre Angola, Congo e Zâmbia (Rodésia do Norte); ao norte, os azande foram “repartidos” entre a República Centro-Africana, o Congo e o Sudão; os Efik da Nigéria foram separados de seus tradicionais mercados em Camarões; os Yorubá viram-se impedidos de intervir no Daomé - atualmente Benin - que pertencia a seu famoso império; aos Bakongo, de Angola, tornou-se impossível a comunicação com as populações do Gabão e do Congo Francês que lhes eram aparentadas. Com isto, a África tornou-se um colcha de retalhos, instável e mal costurada.

3.4.2. O fim em Berlim

A mesma cidade que veria nascer o nazismo, viu crescer o câncer que já dilacerava a África.

A idéia de uma conferência internacional para resolver os problemas territoriais criados pelas atividades dos países europeus em África, especialmente no Congo, foi sugerida por Portugal, e, mais tarde, concretizada por Bismarck. Em princípio, tal conferência visava discutir o bem-estar geral do africano e o tráfico de escravos, mas estes aspectos acabaram em segundo plano, tratados com pouca seriedade e mínima importância.

Por fim, reúnem-se em Berlim os representantes de quatorze potências: Alemanha, Áustria/Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Portugal, Rússia, Suécia, Turquia.

Era 15 de novembro de 1884, e a Conferência estende-se até 23 de fevereiro de 1885. Em 19 de fevereiro desse ano, as 14 nações promulgam a “Ata Geral” do Congresso: reconhecem as liberdades de navegação pelo Níger e Congo, e de comércio no Congo - que cobria toda a África Central entre Atlântico e Índico...

A Ata oficializa, ainda, a doutrina alemã da “hinterland”, admitindo que a toda potência européia estabelecida na costa garanta-se direitos especiais sobre o interior, podendo avançar indefinidamente suas fronteiras enquanto não encontre fronteira contrária,

⁸¹ De Brazza e Leopoldo foram “homenageados” dando seus nomes às cidades de Leopoldville e Brazzaville.

já dominada. Deveria, para tanto, simplesmente notificar às demais potências quanto aos tratados concluídos com os nativos, obtendo ratificação sobre os mesmos. Estava estabelecido que a força determinava o direito.

Clara está a postura de “marcar posição” adotada pelas potências durante a conferência, especialmente vista pelos seguintes fatos ocorridos em 1885:

26.jan - O general inglês Gordon e 4000 anglo-egípcios são assassinados em Cartum pelos muçulmanos mahdistas; o gabinete Gladstone cai, sendo substituído por Lord Salisbury, político imperialista.

05.fev - A França admite, sem discussão, as fronteiras propostas por Leopoldo II - agora incluindo Katanga - e afirma seu direito sobre a margem direita do Congo e do Ubanqui.

21.fev - Karl Peters funda a Companhia Alemã da África Oriental. A Alemanha toma posse das zonas costeiras que formariam suas 4 colônias africanas.

23.fev - Termina a Conferência.

A ação alemã de 21 de fevereiro claramente determinou a aceleração do posicionamento das demais potências, ávidas por seus nacos africanos.

A África ficou repartida e, ao final da Conferência, as potências assim mediam suas extensões territoriais:

Potência Européia	Quilômetros²
Grã-Bretanha	9.000.000
França	8.000.000
Bélgica	2.410.000
Portugal	2.100.000
Itália	1.590.000
Espanha	310.000
USA	100.000
T o t a l	23.510.000

3.5. A ESCRAVIDÃO NA PRÓPRIA ÁFRICA

Passa-se mais de um século, e a África sofre a realidade do domínio imperialista. o negro, liberto da escravidão comercial que o assolou por mais de trezentos e cinquenta

anos, vê-se agora escravizado em sua própria terra; é forçado a trabalhar em condições sub-humanas em minas de ouro e cobre, a colher borracha e plantar café. Nada lhe cabe em retorno, a não ser o lugar de pária social.

Para que se forme uma idéia sobre o que foi o imperialismo em África, veja-se a situação do mineiro negro na África do Sul. Não moram em casas, mas, sim, em complexos circulares, com apenas uma entrada, e onde há sempre um guarda; não dormem em camas separadas, mas em tabuões compartilhados. Os complexos são divididos entre 40 e 50 homens.

Trabalhavam sob contrato, e, ao vencimento do mesmo, passavam por um período de “quarentena” para garantir que não tenha engolido nenhum diamante.

Os trabalhadores que moravam nas cidades viviam em bairros negros, segregados e superpopulosos, gelados no inverno e sufocantes no verão. O índice de mortalidade infantil neste bairros atingiam o alarmante índice de 90%. O alimento dado ao trabalhador, sempre parco, é descontado de seu salário.

Note-se que grande parte destes trabalhadores eram enviados de Moçambique, pois, por contrato assinado com Portugal em 1909, este se comprometia a enviar às minas 100.000 moçambicanos por ano! Esse contrato vigorava ainda em 1979.

3.6. EMANCIPAÇÃO

Em 1939, o controle europeu sobre a maior parte do continente africano parecia garantido, mas, passados 40 anos o controle dos brancos restringiu-se a um “laager” sul-africano; a Segunda Guerra e as mudanças que dela resultaram, em geral acompanhadas por intensa conscientização política, fortaleceram o poder dos líderes africanos empenhados no progresso social e político de seus países.

Importantes foram também as mudanças ocorridas fora da África; a vitória dos aliados elevou o prestígio da URSS, enquanto os EUA procuraram eliminar barreiras à ampliação de sua influência; na França e Grã-Bretanha, liberais e socialistas favoráveis à causa africana iniciaram programas de reformas sociais e políticas, enfrentando, às vezes, interesses de colonizadores brancos. Os próprios reformadores, no entanto, não deixaram de apoiar a Grã-Bretanha e França a recuperarem sua influência econômica e política.

A partir de 1947, o início da Guerra Fria e a escassez de dólares apontaram para um ressurgimento do colonialismo; a repressão da França à rebelião em Madagascar evidenciou tal tendência.

Mesmo assim, movimentos nacionalistas desafiaram tais políticas de forma eficaz. Em 48, tumultos em Acra e outras cidades da Costa do Ouro forçaram o governo britânico a iniciar reformas constitucionais que, três anos depois, permitiram ao Partido da Assembléia do Povo de Kwame Nkrumah obter sucesso eleitoral; na Costa do Marfim, conflitos levaram o governo francês a buscar a reconciliação com a Assembléia Democrática Africana, até então considerada comunista; por volta de 1960, a França e a Grã-Bretanha começaram a transferir responsabilidade a governos eleitos em suas colônias na África Ocidental.

O nacionalismo do norte muçulmano é incentivado pelo fim da monarquia egípcia e a ascensão de Gamal Abdel Nasser, em 1952; em 1953-54, a Inglaterra aceita retirar suas tropas do canal de Suez, apressando a independência do Sudão; em 1956, a França reconhece a independência de Marrocos e Tunísia.

Mas, na Argélia, o desejo francês de manter o controle era evidente desde a repressão do levante popular ocorrido em 1945; lá, em novembro de 1954, a Frente de Libertação Nacional iniciou a guerra, que se prolongou até a independência, em 1962.

Em 56, Grã-Bretanha e França, em acordo a Israel, invadiram a zona do canal de Suez para proteger interesses e reassegurar o poder na região. A oposição dos EUA, URSS e ONU demonstrou a ineficácia de tal método.

No sul e leste, o acontecimento crucial do pós-guerra foi a eleição de um governo nacionalista na África do Sul, encabeçado por D.F. Malan, com o objetivo de estabelecer uma República Afrikâner e políticas de segregação racial, o “apartheid”.

No Quênia, cerca de 40 mil colonos quiseram impor seu domínio na África Oriental, mas perderam suas esperanças após 1952, quando os britânicos assumiram o combate à insurreição Mau Mau contra os colonos.

Em 1953, na África Central, os ingleses criaram a federação da Nyasalândia e da Rodésia do Norte e do Sul, sob domínio branco; a federação sucumbiu após 1960, não

resistindo ao que o primeiro-ministro britânico Harold Macmillan chamou de “ventos de mudança”.

A independência de Gana incentivou os nacionalistas africanos; em 1958, Hastings Banda regressou de uma conferência pan-africana em Acra para chefiar o movimento antifederação na Nyasalândia (Malawi), enquanto o entusiasmo de Patrice Lumumba acelerou a campanha da independência do Congo Belga, atual Zaire; com a independência da Nigéria e da maior parte das antigas colônias francesas, 1960 parecia ser o ano da África.

Durante essa década, entretanto, o estado de euforia desapareceu: a economia africana mostrou-se frágil, rivalidades étnicas e conflitos políticos no Zaire repetiram-se em outros países, golpes militares e tomadas de poder tornaram-se comuns e levaram, em 1967, à guerra civil na Nigéria.

A conquista da independência pelos revolucionários argelinos em 1962, após oito anos de guerra, não serviu de lição ao governo português. Nacionalistas foram levados a revoluções nas colônias de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Em 1965, Ian Smith declarou ilegalmente a independência da Rodésia, mantendo-a sob domínio branco; o governo britânico não conseguiu sufocar a rebelião de Smith e, na década de 1970, os nacionalistas também recorreram à rebelião armada naquele país, o atual Zimbábwe.

Por trás desses regimes coloniais remanescentes, estava o crescente poder econômico e militar da África do Sul que, desde 1961, sem pertencer à Comunidade Britânica, era uma república engajada em medidas repressoras contra os nacionalistas africanos.

Em 1974, com o fim da ditadura, Portugal abriu caminho à independência das colônias africanas; em abril de 1980, a luta armada dos nacionalistas, o apoio da Organização da Unidade Africana - OUA e pressões internacionais, levaram à substituição do regime rebelde na Rodésia pela República do Zimbábwe; a África do Sul tentou proteger-se fortalecendo o controle ilegal sobre a Namíbia, e concedendo às reservas de mão-de-obra sul-africanas, conhecidas como bantustões, uma independência aparente.

Mas, no fim da década de 80, estava claro que o “apartheid” não sobreviveria, e o acontecimento-chave foi a libertação de Nelson Mandela, em fevereiro de 90, e a abertura de negociações com o Congresso Nacional Africano.

Quanto aos novos países, as perspectivas econômicas imediatas eram insatisfatórias; para alguns, a exploração de petróleo e outros minerais ajudaram no curto prazo, embora muitas vezes às custas de desvio de recursos destinados à produção de alimentos para populações crescentes; os governos eleitos mostraram-se incapazes de controlar problemas como pobreza, corrupção e rivalidades étnicas, sendo substituídos por ditaduras militares ou regimes de partido único.

Na década de 80 e início da seguinte, guerra, miséria, seca e problemas com refugiados, tornaram-se assuntos predominantes na África; nenhum benefício a colonização deixou. O látigo europeu deixou expostas feridas antes inexistentes, que reagem a qualquer remédio, resultando em que o progresso fugiu da África, e tem medo de voltar.

3.7. AO NORTE DO SAARA

O norte do Saara, já ano início do sec. VII, estava em poder do Islã. A filosofia de tolerância que essa fé impõe não permitiu a escravização dos berberes que habitavam de longa data a região.

Ao contrário, islamizados, os berberes se tornam fiéis muçulmanos que, nessa condição, conquistam a Península Ibérica.

Por outro lado, o próprio direito islâmico, ao garantir direito aos escravos, permite a instalação, no Egito, de uma dinastia denominada mamelucos - termo que se enraíza no árabe mam'luk, nada mais, nada menos que “aquele que pertence a alguém”, ou seja, escravo.

De fato, essa dinastia inicia-se pelo casamento de Aybeg, um escravo guerreiro, com Chadjarat al Durr, sultana - o que, por si só, é fato excepcional na história do Egito muçulmano.

Os mamelucos que subiram ao trono do Egito são antigos escravos pertencentes às guardas do sultão ou do emir. Os ayúbidas haviam-nos importado de diferentes regiões do Oriente, para completar o efetivo de suas tropas - especialmente suas guardas pessoais.

“Esses mamluks, organizados de uma maneira toda especial a fim de que sua classe pudesse perpetuar-se no poder, regeram os destinos do Egito e das regiões vizinhas durante mais de dois séculos; em seguida, mesmo submetidos aos turcos otomanos, exerceram ainda uma grande influência no governo do país até o começo do século XIX”.

Não se deve estranhar, entretanto, o casamento da sultana com um escravo. Para os muçulmanos, a escravidão não reduz o homem à condição de objeto, como acontece com os cristãos.

Em princípio, o mundo muçulmano é dividido em fiéis e não-fiéis, de tal forma que, mesmo estes, não trazem em si culpa por não crerem. Se não crêem é porque Allah assim não o permitiu. Para os cristãos dos primeiros tempos, entretanto, não ser cristão significa: se tiver alma, heresia e, portanto, merece a morte (vide Inquisição e Cruzadas); se não a tiver, merece tutela e cristianização, quer sob a forma piedosa (filosofia jesuítica, por exemplo), ou não.

Quanto à decisão sobre que povo tem alma ou não, é coisa dos filósofos cristãos. Assim filosofando, justificavam a escravidão desumana aplicada aos africanos, bem como o sacrifício de judeus na Inquisição.

Aos escravos muçulmanos dedicava-se parte da justiça comum, que permitia, por exemplo, o casamento entre livres e escravos.

Quanto ao nascimento como fonte de escravidão, deve-se notar:

Os antigos árabes seguiam o princípio: *partus sequitur ventrem*, isto é, o filho segue a condição da mãe.

O Islã introduziu o princípio segundo o qual o filho segue a condição livre do pai, quando este coabita com sua escrava (que, como já vimos, poderá ser considerada concubina e não como esposa legítima). Note-se que a mulher escrava que deu um filho a seu senhor não pode ser alienada, e torna-se livre quando este morre.

Quando um homem livre desposa uma escrava pertencente a outrem, filhos nascidos dessa união tornam-se escravos do senhor da escrava - ou seja, de seu pai. Para evitar esse inconveniente, a maior parte dos jurisconsultos muçulmanos procurara dificultar essa união.

Vejamos o que diz Mário Curtis Giordani:

Eram fontes da escravidão: o aprisionamento em guerra, o comércio e o nascimento de mãe escrava, salvo se o pai fosse o próprio senhor desta. Um muçulmano livre não pode ser reduzido à escravidão, mas um escravo que, após a perda da liberdade, se converter ao Islamismo, continuará no estado servil.

Um muçulmano não pode vender-se como escravo, nem ser vendido como tal por seu pai ou seu credor.

Embora o escravo faça parte do patrimônio de seu senhor, a lei não o considera como uma coisa e não se pode matá-lo por capricho. Ele possui plena liberdade religiosa e pode, com o consentimento de seu senhor, casar-se legitimamente; esse casamento legítimo é-lhe permitido mesmo com uma pessoa livre (Corão⁸², 4/29-30), salvo o da mulher escrava com seu senhor, pois ela é considerada sempre como concubina, que não pode ser esposa legítima. O escravo pode ter seu pecúlio e seus próprios escravos, que não são escravos do senhor; pode receber legados e recusá-los, mesmo contra a vontade de seu senhor. Este é obrigado a tratar seu escravo com humanidade (Corão 4/40), a prover-lhe o necessário para a existência e a cuidá-lo em caso de doença e velhice; caso contrário, o cádi (juiz) está autorizado a intervir, a punir o senhor e até mesmo a obrigá-lo a emancipar seu escravo.

A escravidão extingue-se: pela alforria (considerada obra meritória pelo Corão e pela tradição), pelo resgate, pela lei (em caso de maus tratos infligidos pelo senhor). O liberto torna-se servo de seu antigo senhor.

Também o judaísmo tem todo um capítulo sobre escravos, consubstanciado na Bíblia⁸³, livro que a Igreja Cristã não consultou ao avaliar a escravidão negra.

3.7.1. A conquista do norte da África

No séc. VII, o Islã encontra-se em plena expansão sob o califa Abd al-Malik - que, em 688 foi iniciada a construção da chamada mesquita de Omar em Jerusalém; o califa confia ao general Hassan al Numam a missão de reconquistar a Ifriqyia. Com um numeroso exército, Hassan penetrou, em 692 d.C, na Bizacena, visando à conquista de Cartago, sendo a metrópole africana tomada de assalto, mas grande parte da população refugiou-se na Sicília e em outras ilhas. A queda de Cartago provocou forte reação de Bizâncio, que, em 697, reocupa a cidade.

⁸² al-Koran, a Leitura, livro sagrado que reúne os versículos que Maomé recebeu do anjo Gabriel.

⁸³ Êxodo, 21, 1-11

Por essa época, os árabes enfrentavam forte oposição dos berberes que, comandados por Kahina, a legendária rainha judia, lutavam pela independência. Os árabes sofrem fortes derrotas, sendo perseguidos pelos berberes até a Tripolitânia. Hassan não desiste, e com reforços do Egito, reorganiza suas tropas e retoma a ofensiva por mar e terra. Reconquista Cartago em 698, destruindo as muralhas da cidade quase vazia. Em 702 ataca os berberes e derrota Kahina, que pereceu na luta. Conta-se que um sonho profético previu-lhe a morte na última batalha. Nem por isso ela deixou de travá-la, “pois abandonar o país ao invasor seria uma vergonha para seu povo”. Foi morta após recomendar a seus dois filhos que se rendessem ao inimigo e adotassem a fé do Islã.

A Etiópia⁸⁴ e o norte da África é totalmente islamizado.

3.7.2. Chifre da África

Sobrevém, nos séc. XII a XV, a reconquista da Península Ibérica. Os portugueses tornam-se grandes navegadores e descobridores e, interessados no domínio do comércio indiano, voltam as vistas para a Etiópia, a chave para o mar Vermelho. Auxiliados pelos portugueses, os etíopes derrotam o Islã em 1541, mas o governo não se estabelece; por volta 1632, o reino vê-se dividido por disputas entre famílias, provocando longas e desgastantes lutas que só foram superadas no séc. XIX, quando os Kassa conseguem acelerar a centralização do poder sob o rei Teodoro II - sucedido por João IV e Melenik II.

Advém o processo europeu de divisão da África, franceses e ingleses passam a dominar vários territórios na Somália. Os italianos, em 1880, são derrotados.

Em 1916 a filha de Menelik II, Zauditu sobe ao trono, tendo por regente Ras Tafari Makonen, cujo nome cristão é Salassié. A Etiópia é transformada em área de influência italiana em 1925, por um acordo anglo-italiano; a Itália novamente invade o país em 1935, e é expulsa pelos ingleses em 1941 durante a 2ª Guerra Mundial. A Eritreia, por decisão da ONU é reincorporada à Etiópia, gerando a interminável guerra que produz fome, miséria e morte no Chifre da África - Etiópia, Eritreia, Somália e Djibuti - até os dias de hoje.

⁸⁴ Aqui, significando o Chifre da África, que abrange os atuais Etiópia, Djibuti, Somália e Eritreia.

PARTE 2 - RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

CAPÍTULO 4 - EVOLUÇÃO RELIGIOSA

A religião tem a idade do Homem. Para o adepto do judaísmo ou das religiões ali geradas, bem como para a grande maioria das demais, a ação do Divino manifesta-se no momento anterior à Gênese, uma vez que esta resulta daquela.

Entretanto, muito se tem discutido sobre a origem filosófica da crença em um Ser Superior, bem como da amplitude da interação deste Ser com o ponto alto de sua criação, o Homem.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o Homem sempre foi crédulo, por temeroso às forças naturais. Nasceu para crer, e crê.

Crer é seu porto seguro, seu ponto de apoio, sua esperança, seu norte.

“Religião”, segundo alguns, significa re-ligar. De fato, se não etimologicamente, é inegável o acerto do significado visto à luz da Filosofia - o Homem tenta alcançar Deus através da religião; a Criatura anseia pelo Criador, e essa ânsia recebe disciplinamentos através da religião.

Mesmo abstraindo-se de qualquer outro posicionamento, o poder da religião enquanto disciplinador da sociedade é indiscutível - afinal, o que busca o Homem, além da sociedade justa, que o Direito provê ao corpo, e a Religião à alma?

Se considerarmos como Divino, além do Criador, as demais formas de manifestação do Espírito, podemos afirmar-se que a busca do Criador percorre duas vertentes, assim sintetizadas - o Homem ascendendo a Deus, o Divino descendo ao Homem.

Na primeira vertente, encontramos religiões que buscam aproximar o Homem e o Divino através das ações daquele, de sua reforma íntima, da purificação de sua alma. Estão aí Budismo, Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, e outras mais.

A segunda vertente nos aponta para a crença do Divino na Terra, e, considerando-se diferenças doutrinárias, encontramos aqui o kardecismo e todas as outras filosofias fundamentadas em manifestações espirituais. O ponto de convergência será, sempre, o Deus feito Homem. Daí advêm as diversas crenças primitivas, que incluem, além do

Animismo, os Imperadores da Antigüidade e da Idade Média - divinizados por seus súditos, bem como o Messianismo judaico/cristão. Já a Índia nos apresenta Rama, o cristianismo vê em Cristo o Messias, o judaísmo ainda o espera...

Em tempos mais modernos, não nos podemos esquecer do imenso poder papal dos primeiros tempos do cristianismo, sempre exercido no terreno temporal - quer diretamente pelo Papa, quer por seus Cardeais (Richelieu, aqui, é certamente um exemplo luminoso, embora não único). É esse poder que, discricionário, promulga a Inquisição e subscreve a escravidão.

Ainda hoje, próximo a nós, o padre de paróquia, de certa forma e em ponto pequeno, não abandonou este papel perante nossa infância - agora mais pastor e condutor que interlocutor divino.

Por outro ângulo, e para que se entenda o que se passou em África, é preciso que se analise - embora brevemente - a religião por outro prisma: a dicotomia politeísmo/monoteísmo.

4.1. POLITEÍSMO

Alguns etnólogos que defendem a tese de que os africanos - assim como todos os povos do mundo - tinham, inicialmente, adorado a um único Deus. Entretanto, mais tarde, os objetos de culto passam a ser divinizados. O medo às práticas de sortilégio e à morte, assim como as diversas superstições, levaram à adoração desses objetos, formando o Panteão onde deuses adquirem caráter, e de seus humores dependem os homens: nasce o politeísmo; assim foi em África. Certamente assim também terá sido de outra forma com as antigas religiões de Roma e Grécia, do Egito, etc.? Ou, ainda, dos persas pré-Zoroastro? Quantas vezes a Bíblia menciona desvios dos judeus, povo escolhido, ao politeísmo?

Afinal, se o que se busca em religião é “religar-se ao Criador”; se o Criador se manifesta pela criação; se a mais visível e palpável criação é a Natureza, porque não se aproximar de Deus através de sua criação, adorando a Natureza?

4.2. MONOTEÍSMO

Com lente inversa, não é difícil imaginar o medo como semente da crença no Maravilhoso, por isso, homens primitivos, expostos às forças da natureza, temiam a ira de

seus deuses da chuva, do fogo, do raio, do trovão...

Também não é difícil imaginar que, entre os deuses, haverá um Deus que a todos comanda, e ao qual se deve culto e submissão, uma vez que, do alto de seu comando, poderá sempre impedir ou modificar o ânimo daqueles que a ele estão subordinados. Daí o monoteísmo.

Como se vê, a linha divisória é transparente - em ponto pequeno os povos bíblicos, nitidamente monoteístas, trazem essa fé; a história dos judeus é pontuada pela intervenção de anjos e arcanjos, que interagem com os homens na definição de seus destinos.

A rigor, somente o Islamismo, dentre as religiões que se iniciam em Abraão, não aceita a existência de qualquer divindade exceto Deus. Para estes, mesmo a Divina Trindade é composta por três deuses... e os cristãos seriam politeístas... “Só Allah é Deus, e Maomé é o seu Profeta” é o adágio do Islã.

4.3. RELIGIÃO NO MUNDO

Religião, qualquer que seja, é anseio do Homem, atributo da alma, acima e ao largo de cultura e posição social. Assim, vejamos a distribuição das religiões no mundo em 1980, segundo “Religião e Cristianismo”, p. 92.

Religião	População (1.000)	%
Cristianismo	1.433	32,3
Católicos	809	18,0
Protest. Anglic	345	7,9
Ortodoxos	124	2,8
Outros	155	3,6
Ateus	911	20,8
Islamismo	723	16,5
Hinduísmo	583	13,3
Budismo	274	6,3
Popular Chinesa	198	4,5
Animismo*	103	2,4
Novas	96	2,2
Outras	36	0,8
Judaísmo	17	0,4
T o t a l	4.374	99,5

(*) Os etnólogos continuam a chamar essas religiões de “primitivas”, não no

sentido de que seus adeptos sejam selvagens, mas no sentido de que elas conservam uma forma originária da religião.

Como se vê, ao cristianismo se segue o ateísmo; mas, aí está inclusa - o quadro representa a posição religiosa em 1980 - a grande população Russa, Comunista à época e que, hoje, se mostra religiosa, dedicada à Igreja Ortodoxa.

Portanto, o mundo crê. Por outro lado, as religiões anímicas estão sincretizadas, e mascaradas sob manifestações cristãs, aliás, não é mais possível ignorar que o maior país cristão do mundo - o Brasil - em verdade traz forte sua base anímica, exemplo disso são as ofertas a Iemanjá na passagem de ano, e a grande importância cultural que a Bahia vem exercendo sobre o país.

Aos nossos estudos interessam, particularmente: o animismo, base sobre o qual se assenta a cultura berbere dos primeiros tempos; o judaísmo, que sobre este desenvolveu-se na região do Chifre da África, gerando os atuais falachas, e o islamismo, que em nossa era domina todo o norte africano, expandindo-se até a Mauritânia e, ao norte, até a Península Ibérica, onde permanece por quase 7 séculos.

O cristianismo por lá estar já a partir de seus primórdios - séc. II, não parece ter afetado a visão falacha de mundo.

CAPÍTULO 5 - RELIGIÕES AFRICANAS

A religião permeia toda a cultura africana a quem está inextricavelmente ligada. Na África pré-colonial a religião abrangia a compreensão da natureza e do universo, a percepção do sobrenatural, do homem e da natureza de Deus, que era, para os nativos, essencialmente espírito, sem representação física, pilar e fonte de toda a criação.

À maneira grega, Deus governa vida, destino e morte, recompensa e castiga, conforme o merecimento de cada um e se envolve nos negócios do Homem.

Ainda à maneira grega, a divindade se apresenta hierarquizada, e, sob um Deus maior, apresentam-se deuses específicos que habitam todas as manifestações da natureza. Tudo o que tem vida, tem alma, e essa alma é um deus.

Abaixo dos deuses estão os espíritos ancestrais, sempre reverenciados e temidos, visto que, enquanto deidades, têm o poder de recompensar e castigar com má sorte, doença e morte.

As divindades têm seus cultos, altares e sacerdotes, ligados às diversas características do ambiente; portanto, os deuses são representados por suas “ferramentas”: assim, o deus do ferro será representado por um objeto de ferro, e através dele será reverenciado. Em nenhum momento o africano julga que o ferro é seu Deus.

Além das divindades, há os agentes interlocutores, “sumos-sacerdotes” locais, capazes de auxiliar e prejudicar os seres humanos, conforme agradam ou desagradam os deuses. Contra a ação negativa, desenvolvem-se amuletos e talismãs, que tanto podem proteger quanto agredir.

A concepção do homem é dicotômica, corpo/espírito e, portanto, os “mortos” só o estão em corpo. À maneira como hoje se pratica o kardecismo, o espírito sobrevive, tem grau de evolução, interage com os vivos e a natureza, ajudando, orientando, prejudicando.

Mas, à maneira tipicamente africana, espíritos de ancestrais ainda pertencem à família de seus descendentes - col

e, para tanto, há de ter desenvolvidas suas faculdades de interlocução mediante rituais específicos, sagrados.

A vida está ligada a deveres e obrigações sagrados, como participação em festas, ritos e cerimônias, mais que a seus direitos, estes sempre obtidos mediante beneplácito dos deuses.

A concepção de vida é um ciclo que passa pelo nascimento, casamento, procriação, morte e vida após a morte. Para que todas as etapas se cumpram adequadamente, o indivíduo deve ser submetido a rituais especiais, que lhe garantam o movimento natural de sua existência.

A religião é o elo entre o homem e a harmonia universal; deuses têm especificidades, podendo comandar locais geograficamente limitados; também possuem mandatos, sendo substituídos ao término dele. Ainda hoje se pergunta qual o orixá que comandará o ano que vem, no Brasil...

Conseqüência religiosa é o disciplinamento que o africano sempre cultuou, e a sociedade européia perdeu e ora busca reconquistar. Vejamos:

- a natureza deverá sempre ser preservada, em todas as suas manifestações - para o africano, onde está a natureza, lá está o orixá.
- respeito ao idoso é lei tão rigorosa, que é inadmissível qualquer destrato a ele, pois, o idoso guarda a sabedoria e a tradição, conforme atesta o livro “Raízes”. É mais próximo à deidade, uma vez que já passou por todos os rituais necessário à continuação de seu ciclo de vida.
- respeito sagrado à mulher fez parte da maioria dos cultos africanos, uma vez que o ciclo de vida só se completa pela intervenção dela através do parto. Por outro lado, como à mulher cabe trazer à vida o corpo, também a ela cabe, prioritariamente, trazer o espírito, e comunicar-se com ele. Sacerdotes mulheres em África, não são raridade.

Portanto, destruir a religião africana corresponde à destruição da sua cultura e a sociedade. A defesa da religião torna-se fator político, como bem atestam as revoltas dos Maji Maji na África Oriental Alemã durante a primeira década do séc. XX, bem como o

Nyabingi, que se impôs até 1934, após vencer três potências coloniais durante 20 anos.

Visto assim, pode-se compreender porque, mesmo dominados, os africanos mantêm seus cultos, sincretizados ou não, até mesmo na diáspora, como se vê nas chamadas religiões afro-brasileiras.

5.1. RESISTÊNCIA AO COLONIALISMO

“A cultura religiosa dos povos africanos foi profundamente afetada no século XX. A família tradicional, base da cultura dos povos africanos, deixou de existir, assumindo padrões tipicamente cristãos; aliada aos efeitos culturais decorrentes da modernização tecnológica e eco-econômica. Esta transformação parecia gerar as condições necessárias à superação da consciência religiosa tradicional africana, assinalando a transição para a religiosidade européia.”

Entretanto, essa “transição” não conduziu a processos notáveis, e, em determinadas sociedades, encontra-se até um renascimento da religiosidade tradicional, configurando-se um movimento tipicamente reacionário, talvez nascido de uma atitude de defesa cultural face à expansão colonialista e neo-colonialista.

Não se pode deixar de registrar que, mesmo quando foi possível o desenvolvimento da religiosidade alienígena - muçulmanos e cristãos especialmente - em solo africano, este desenvolvimento se deu, sempre e inexoravelmente de forma sincrética, tal o poder que a religiosidade tradicional, se assim se pode chamá-la, sempre exerceu sobre o espírito do africano.

Essa força, é importante ressaltar, tem seu pilar no animismo, em que se dá à natureza o poder espiritual, enquanto residência dos deuses.

Nesse continente com natureza exuberante, o animismo encontra solo fértil e lança raízes profundas, de tal forma que, mesmo podado o tronco, a raiz permanece, revigora e refloresce.

Durante o processo de transformação, sempre longo e lento, podem surgir diversas formas novas, sincréticas, quer no campo social, quer no campo religioso. São formas de síntese, nas quais o antigo, o tradicional, adquire nova natureza, embora nem sempre se separa de sua essência.

A crença africana tradicional, de fundo animista por excelência, quando analisada do ponto de vista extra-continente, apresenta-se refratária ou, quando não, pelos menos fator impeditivo de desenvolvimento social; os aspectos negativos atribuídos à magia e sortilégio, assim, se alguém perde o emprego ou o filho, não culpa o patrão ou a onça. A culpa poderá, sempre, recair sobre a magia de algum inimigo.

A transformação da consciência social é um processo complexo, uma vez que não se alteram convicções milenares impunemente. Costumes, às vezes milenares, não podem, simplesmente, desaparecer. O atavismo social é mais forte e resistirá sempre. O remédio natural não desaparecerá por entre agulhas e comprimidos, nem a fé permanecerá presa entre livros e pregações.

A religião tradicional continua, portanto, com seus valores plenos - quer na África, quer na diáspora - e oferece renovadas perspectivas aos problemas universais do homem, não estando separada a vida e da natureza. Esta é uma salutar visão de mundo, frente às intempéries da vida.

DISTRIBUIÇÃO DAS RELIGIÕES NA ÁFRICA

EMBED Draw

CAPÍTULO 6. JUDAÍSMO

A religião judaica tem por fundamento a evolução histórica do povo, e está totalmente consubstanciada em livros, portanto, totalmente documentada.

6.1. A LEI

A lei judaica está dividida em duas partes distintas e complementares que compreendem a Lei Escrita e a Lei Oral, outorgadas por Deus a Moisés no Monte Sinai - é a Torah, vocábulo que, na verdade, está no plural. A Lei Escrita compõe os cinco primeiros livros da Bíblia, e compõe-se dos Dez Mandamentos, ou Tábuas da Lei, mais os escritos de Moisés; esta parte escrita é imutável.

Todos os demais componentes da Lei são mutáveis, e devem ser adaptados à evolução da compreensão do povo: esta consiste nas interpretações e explicações dos mandamentos da Torah Escrita.

Mas, porque o detalhamento dos mandamentos - a Torah Oral - não foi escrita? Porque sua finalidade é a transmissão de mestre para discípulo, de forma que seu aprendizado e assimilação sofram constante monitoramento, evitando-se a distorção... é regra de preservação da Lei⁸⁵.

Antes de falecer, Moisés escreveu os 13 rolos da Torah, e ensinou a Torah Oral ao profeta Josué. A Torah Oral foi, então, transmitida por Josué aos anciãos de Israel, a seguir aos profetas e, por fim, aos componentes do Sinédrio. Este, Corte Suprema de Israel, tinha a missão de guardar, interpretar e legislar sobre todos os assuntos acerca das leis da Torah.

6.1.1. Mishná

Durante o período do Segundo Templo, o Sinédrio codificou a Torah Oral. A essa codificação denominou-se Mishná, ou seja, deveria ser revista (Shanah) continuamente, até que fosse memorizada.

Em 188 d.C. ou 3948 (calendário judeu) o rabino Yehuda Ha'Nasi terminou a

⁸⁵ A respeito, o excelente artigo de Tev Djamal *O que é a tora oral?*, publicado na revista *Morashá*, nº 23, dez.98, p. 20-23

compilação de todas as leis, tradições, explicações e comentários da Torah, dando-lhes a forma que hoje é conhecida como Mishná; e o rabino só o fez temendo que, com a destruição do Segundo Templo (70 d.C.) a Torah fosse esquecida em decorrência da diáspora que se seguiu.

6.1.2. Talmud

Trezentos anos depois da destruição do Segundo Templo, o Rabi Yochanan redigiu o Talmud de Jerusalém, que, basicamente, trata das leis referentes à Terra de Israel. No entanto, quando se fala em Talmud, geralmente referimo-nos ao Talmud Babilônico, também chamado Guemará.

Em tempos remotos, os sábios da Torah estudavam a Lei Oral para, a seguir, fazer a análise de seu trabalho através de discussões. Após ter sido compilada a Mishná, tais discussões - que se tornaram conhecidas como a Guemará - serviriam para esclarecê-la. A Guemará foi transmitida oralmente e preservada durante cerca de 300 anos após ter sido escrita a Mishná. Quando surgiu claramente o perigo de que a Guemará fosse esquecida, os dois maiores eruditos da época sobre a Torah - Ravina e Rav Ashi - redigiram a Guemará. Com a ajuda de seus discípulos, nas academias de ensino da Babilônia, Ravina e Rav Ashi coletaram e ordenaram todas as discussões que compunham a Guemará. Essa compilação da Guemará - que incluía a Mishná - tornou-se conhecida como o Talmud Babilônico, ou, em hebraico, Talmud Bavli. Foi finalmente publicado no ano hebraico de 4265 - 505 d.C.

O Talmud, que literalmente significa “estudo“ ou “aprendizado”, é, portanto, composto da Mishná - um livro de Halachá (lei judaica) escrito em hebraico - e da Guemará - o comentário sobre a Mishná, que foi escrito em aramaico/hebraico. O Talmud Babilônico foi aceito pelo povo judeu como a autoridade máxima e suprema em todas as questões sobre a religião e a lei judaica. As leis da Torah só tem vínculo legal se forem baseadas no Talmud.

6.1.3. Cabala

A Cabalá⁸⁶ é a forma mística de interpretação da Torah; a outorga da Torah a

⁸⁶ ... infelizmente no Brasil esse termo foi tão banalizado que até a pronúncia foi deturpada. Fala-se Cabála quando na verdade a pronúncia judaica (verdadeira, já que é parte integrante do judaísmo) é Cabalá. cf. Morashá 21, “Rabino David Weitman responde”, p. 36-38

Moisés inclui, além da explicação simples e literária das leis, os mistérios da Criação, das letras hebraicas e seus poderes, os nomes dos anjos e os diferentes Nomes Divinos, etc. Todos estes segredos se encontram entrelaçados entre as letras e palavras da Torah, e chamam-se Torat Hanistar - a parte oculta da Torah - ou Cabalá. Portanto, a Torah possui três “partes”: as histórias, os mandamentos (mitzvot) e a alma, que é a “parte” mística ou Cabalá.

Durante séculos o estudo e o conhecimento destes mistérios ficaram cuidadosamente guardados entre os judeus por seus sábios, e foram sendo transmitidos, de geração a geração, apenas para uma elite de eruditos. Somente uma camada muito pequena do povo de Israel tinha acesso aos segredos da Cabalá, até o surgimento do Arizal (Rabbi Yitschak Luria), do Maharal de Praga, do Rabi Moshe Chaim Luzzatto, do Baal Shem Tov etc., que foram revelando essa sabedoria.

Algo fundamental para o estudo da Cabalá é estar treinado para raciocinar em um nível abstrato, conceitual, lidando com uma infinidade de idéias. Apesar da Cabalá ser baseada em parábolas, comparações e metáforas, quem não consegue abstrair nunca chegará a enxergar o brilho do conceito místico. Quem não consegue ver o conceito que está por trás da parábola não vai entender a mensagem contida, podendo chegar a confundir-se e prejudicar a si próprio.

A Cabalá é um conhecimento difícilimo de ser entendido, cuja fonte é muito elevada. A palavra “Cabalá” tem dois significados: “recebimento” e “tradição”, e assim foi transmitida durante séculos.

Embora seja o termo usado hoje, a correta designação para a mística da Torah é Chochmá Nistara, a sabedoria oculta. Nistar é a palavra que referente ao segredo (Sod) da Torah (Torat Ha’Sod), a Torah dos segredos, dos mistérios. O termo Cabalá demonstra que esta deve ser algo que passou obrigatoriamente de um mestre capacitado para um discípulo, garantindo a autenticidade dos ensinamentos.

A mística é numérica. Nela, o número 3 significa as três dimensões de nosso universo; o 4, as direções (norte, sul, leste, oeste); portanto, números como 7 ($3 + 4$) abrangem o universo em todos os sentidos e direções, e 12 ($3 * 4$) o fazem tridimensionalmente. 144 é 12², comporta o total do universo conhecido e desconhecido.

Visto assim, pode-se começar a entender 12 tribos em Israel, 12 apóstolos, 144.000 escolhidos, 40 anos de deserto, 70 anos de exílio na Babilônia, 400 no Egito, etc., e algumas datas senão cronologicamente exatas, misticamente perfeitas.

A mística é, ainda, alfabética, através das letras hebraicas que possuem valor cabalístico – assim, a soma das letras dá o significado da palavra.

Como simples ilustração, o número 6 pode ser entendido como a representação mística do homem em decadência, e o 9 o homem em ascensão, assim, sendo o 6 o homem em decadência, é normal que 666 se apresente como o número da besta, etc., etc.

Eis os valores da letras hebraicas:

Letra		Valor
Nome	Sinal Gráfico ⁸⁷	
Aleph	א	1
Beth	ב	2
Gimel	ג	3
Daleth	ד	4
Hê	ה	5
Vav	ו	6
Zayin	ז	7
Hêth	ח	8
Têth	ט	9
Yodh	י	10
Kaph	כ / ך	20
Lâmedh	ל	30
Mem	מ / ם	40
Nun	נ / ן	50
Samekh	ס	60
Ayin	ע	70
Phê	פ / ף	80
Tsadhê	צ / ץ	90
Qôph	ק	100
Resh	ר	200
Shin	ש	300
Tau	ת	400

Assim, por exemplo, vejamos o nome de Jesus que, em hebraico, é composto pelas letras Yodh, Shin, Vav, Ayin (Yeshua). Somando-se 10 (Yodh), 300 (Shin), 6 (Vav) e 70

⁸⁷ O segundo dos símbolos duplicados, onde houver, finalizam a palavra com a letra correspondente.

(Ayin), chega-se a 386; somando-se estes algarismos, temos 17; somando-se novamente, 8.

Repetindo-se a operação com o valor absoluto das letras, teremos: $1+3+6+7$, que totalizam 17, cuja soma dá 8.

Portanto, 8 no valor total, e 8 no valor absoluto, temos: $8+8=16$, que, algarismos somados, dá 7 - o valor perfeito, utilizado por Deus na criação do mundo (sete dias), determinação do Pentecostes (sete semanas de sete dias), etc., etc.

6.2. VISÕES DO JUDAÍSMO

O judaísmo apresenta conceitos interessantes e próprios, alguns dos quais impregnam religiões grandes ou não, dele derivadas ou não; vejamos alguns:

6.2.1. Messianismo

A esperança em um Messias condutor e redentor atinge o judaísmo desde os tempos dos profetas, ou, numa visão mais ampla, desde Abraão, o Patriarca. Aceito por cristãos como o Messias, nas não reconhecido como tal pelos judeus, Jesus de Nazaré foi, sem dúvida, o mais sagrado produto dessa fé. O não reconhecimento de Jesus pelos judeus permitiu, enquanto efeito histórico relevante, a revolta comandada por Bar Kochba que, por fim, determina a destruição de Jerusalém.

6.2.1.1. Previsão Bíblica De Jesus

Daniel 9, 20-27 nos dá a época de nascimento do Messias:

Eu falava ainda, pedindo, confessando meu pecado e o de meu povo de Israel, depositando aos pés do Senhor, meu Deus, minha súplica pelo seu nome santo; não havia terminado essa prece, quando se aproximou de mim, num relance (era a hora da oblação da noite), Gabriel, o ser que eu havia visto antes em visão. Deu-me, para meu conhecimento, as seguintes explicações: “Daniel, vim aqui agora para te informar. Apenas havias iniciado a tua oração e uma palavra foi pronunciada; eu venho desvendá-la a ti, porque és um homem de predileção. Presta pois atenção a este oráculo e compreende bem a sua revelação: “Setenta semanas foram fixadas a teu povo e à tua cidade santa para dar fim à prevaricação, selar os pecados e expiar a iniquidade, para instaurar uma justiça eterna, encerrar a visão e a profecia e ungir o Santo dos Santos. Sabe, pois, e compreende isto: desde a declaração do decreto sobre a restauração de Jerusalém até um chefe ungido, haverá sete semanas; depois, durante sessenta e duas semanas, ressurgirá, será reconstruída com praças e muralhas. Nos tempos de aflição depois dessas sessenta e duas semanas, um ungido será suprimido, e ninguém (será) a favor dele. A cidade e o santuário serão destruídos pelo povo de um chefe que virá. Seu fim (chegará) com uma invasão, e até o fim haverá guerra e devastação decretada concluirá com muitos uma sólida aliança por

uma semana e no meio da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; sobre a asa das abominações virá o devastador, até que a ruína decretada caia sobre o devastada”.

Se levarmos em conta que a predição refere-se a um período, e não a uma data exata; se levarmos, ainda, em conta, que a “semana” predita tem a duração de 7 anos, conforme o oráculo de Jeremias, teremos:

1. Declaração de um decreto sobre a restauração de Jerusalém: o édito de Ciro, ocorrido em 538 a. C, praticamente não cumprido; voltam somente 43.360⁸⁸ pessoas, comandadas por Zorobabel, encarregado de reconstruir o Templo;
2. “Édito de Ester”, instituindo a volta dos judeus a Jerusalém e a festa do Purim, confirmando o édito real selado por Artaxerxes (Assuero) em seu sétimo ano de reinado, é cumprido, resultando na efetiva volta dos judeus em 463 a.C.;
3. Setenta “semanas” depois ($7 * 70$), estamos a 490 anos do édito de Ester, ou seja: $490 - 463 = 27$ d.C.;
4. Nesse ano de 27, Jesus é batizado por João Batista, já que o batismo se deu quando Jesus estava com 30 anos, e há um “erro” de aproximadamente três anos entre seu nascimento e o início do calendário atual.

6.2.1.2. Sabataísmo

Há uma tradição que diz que o Messias nascerá em Tisha b’Av, o 9º dia do 5º mês (Av) do calendário judaico, e que este dia de luto transformar-se-á em dia de júbilo. Este fato deu base ao sabataísmo, ou seja, o reconhecimento do falso Messias Shabtai Tzvi, nascido naquela data.

Por muito tempo foi ele reconhecido como o Messias Prometido, e seus desmandos eram considerados como prova de seu poder divino.

Por fim, Shabtai resolve dirigir-se à Turquia, então sede do califado muçulmano, e reivindicar ao Islã submissão ao Messias Prometido: ele, Shabtai Tzvi. Shabtai não só é ridicularizado, como se converte ao Islã, recomendando a mesma postura a seus adeptos.

6.2.1.3. Rastafari

Talvez não se trate do messianismo clássico, mas cabe aqui como ilustração da

crença em um Messias, além de sua atualidade:

Na Jamaica de 1834, apesar de a escravidão já ter sido abolida, os descendentes de africanos ainda sofriam o domínio dos ingleses. No começo do século, surgiu um pastor jamaicano chamado Marcus Harvey, que fundou a Associação Universal para o Desenvolvimento do Negro, iniciando uma corrente política com o objetivo de libertar os negros da opressão e dominação branca vigentes. Ele defendia a criação de um país negro na África, que recebesse de volta todos os descendentes de africanos exilados na América.

Mas, não foi por isso que o pastor Harvey ficou famoso, Sua fama decorreu de uma previsão para o futuro de seu povo, que afirmava que logo surgiria um rei negro, filho do rei Salomão e da rainha de Sabá, que libertaria a raça negra do domínio branco.

Alguns anos depois, este negro apareceu: em 1930, Ras Tafari Makonen, é coroado imperador da Etiópia, com o nome de Hailé Salassié⁸⁹. Na mesma época, os seguidores de Harvey, na Jamaica, entenderam que a profecia estava sendo cumprida e iniciaram uma nova religião chamada “rastafári”, que foi propagada pelo mundo todo pelas músicas de Bob Marley.

6.3. CURIOSIDADES JUDAICAS

O judaísmo apresenta, ainda, posturas que nos parecem curiosas, mas que suscitam dúvidas a judeus e não judeus. Esclareçamos algumas:

6.3.1. Calendário

O calendário cristão tem início com o nascimento de Jesus, aqui considerado o Messias. Aos judeus, entretanto, o filho de Maria e José foi somente um profeta, não sendo, portanto, o Ungido. Disso decorre que a contagem do calendário judaico não se alterou com tal nascimento. A diferença entre os dois calendários é de 3760 anos, já que, para o judeu, a contagem dos tempos se inicia em Adão.

⁸⁸ Esdras, 2, 64

⁸⁹ Segundo GLEICE BÁRBARA MARCIANO, em seu trabalho sobre a Etiópia (Registro de Reunião NUCAB 07.jun.97), a coroação ocorreu a 2.nov.30; seu reinado durou até sua deposição, em 12.set.74; informa que “Salassié” é o nome cristão de Ras Tafari, não nome de adoção.

Assim é: considerando-se que a Torah admite 1656⁹⁰ anos de Adão até o dilúvio; considerando-se, ainda, que o nascimento de Cristo se dá entre os anos 3 e 5 a.C.⁹¹ em decorrência de erro inicial de contagem quando da adoção do calendário juliano, erro este já admitido científica e religiosamente, podemos conciliar os calendários judaico e cristão:

Personagem Bíblico	Fato	Tempo/Idade
Sem	Nasce Arfaxad, 2 anos pós-dilúvio	2
Arfaxad	Nasce Salé	35
Salé	Nasce Héber	30
Héber	Nasce Faleg	34
Faleg	Nasce Réu	30
Reú	Nasce Sarug	32
Sarug	Nasce Nacor	30
Nacor	Nasce Tare	29
Taré	Nasce Abraão ⁹²	70
Total		292

Conciliemos:

Í t e m	Período em anos
Pré-dilúvio	1.656
do dilúvio a Abraão	292
de Abraão a Jesus	1.815
Total	3.763

A variação de 3 anos entre o resultado acima e a diferença entre os calendários está dentro do erro admitido para o ano do nascimento de Jesus.

Além da variação quanto ao início da contagem dos tempos, deve-se atestar que o mês judaico é medido pelo movimento da Lua em torno da Terra, não o da Terra em torno do Sol. Assim, como o calendário lunar começa com a lua nova e tem 29/30 dias, um ano terá somente 354 dias. Daí a necessidade de um mês suplementar - que é a repetição do mês anterior, sempre colocado como último do ano a cada dois ou três anos, compatibilizando a contagem lunar à solar.

Outra curiosidade, talvez principal, está em que o judeu comemora o Rosh

⁹⁰ Segundo a Bíblia Sagrada, p. 1594, nota 2; segundo a mesma fonte, a Septuaginta indica 2262 anos para o mesmo período; ver genealogia de Noé, citada em Gênesis 5, 3-32, combinada com Gênesis, 7, 11

⁹¹ Bíblia Sagrada, p. 9 e 14

⁹² ver a genealogia de Abrão, citada em Gênesis, 11, 10-26

Ha'Shanah (Ano Novo) no sétimo mês, e, não, no primeiro, como seria de se esperar. De fato, do ponto de vista judaico, ocorrem dois inícios de ano: o ano civil - Rosh Ha'Shanah, no sétimo mês e o ano cultural em Nisã, mês da Páscoa - este sim no primeiro mês, marco da libertação no Egito.

A correspondência com o calendário cristão dá-se da seguinte forma: o sétimo mês judaico corresponde a setembro/outubro, e o primeiro mês a março/abril.

6.3.2. A Mulher no Judaísmo

À primeira vista, a mulher é discriminada no judaísmo, já que não lhe cabe ler a Torah em congregação, não usa os paramentos religiosos (tallit, tefilin, quipá), senta-se em separado, não compõe o quorum para orações conjuntas, etc.

No entanto, essa não é a interpretação correta: o judaísmo vê a mulher como um dos pilares da religião⁹³, uma vez que lhe cabe, antes de mais nada, guardar e transmitir a religião.

É preciso entender que a vida judaica não se fundamenta na sinagoga, mas, sim, no lar. Tal é o respeito à função feminina no judaísmo que o judeu genético é aquele filho de mulher judaica e, não, de homem judeu.

Em verdade, o judaísmo vê a mulher como próxima a Deus pelas suas funções de educadora religiosa quanto aos filhos, e lhe dedica as obrigações de pureza do lar.

Entendem que por estar próxima a Deus, é-lhe dispensado o uso de paramentos que, obrigatórios ao homem, têm por finalidade única aproximá-lo do Senhor.

⁹³ A respeito, o excelente *O Rabino David Weitman responde*, Morashá nº 23, p. 36-38

CAPÍTULO 7. ISLAMISMO

O Islã não parece ter influenciado as práticas judaicas dos falachas, talvez pela tolerância com que essa religião trata o judaísmo; entretanto, se não direta mas indiretamente, há influências culturais e sociais refletidas nas práticas religiosas. Estas aparecem, pelas limitações que, fatalmente, a religião dominante impõe à dominada, e o Islã domina a região etíope desde o sec. VII de nossa era.

Ademais, ao tornar-se a religião oficial de todo o norte-nordeste africano, adquire por só por este fato relevância neste estudo.

Portanto, parece oportuno examinar-se um pouco do Islã:

7.1. MAOMÉ

Maomé - em árabe, Muhammad - é o fundador da mais recente das religiões com origem em Abraão - o Islamismo.

Quanto à sua biografia, diz-se que existem tantas teorias quanto biógrafos, não se sabendo, ao certo se sua instrução sacra tem origem em cristãos, judeus, ambos, ou é totalmente autóctone em sua base.

Contudo, é certo que seu nascimento deu-se por volta de 570 d.C., em Meca, Arábia Saudita, cidade onde, já àquela época, erguia-se a Caaba - um templo em forma de cubo, onde todas as crenças eram possíveis.

Desde o início intrigou a Maomé a diversidade de deuses e, conseqüentemente, de crenças e rituais a que ele assistia, praticados pelos integrantes das caravanas que por ali passavam.

Bem cedo órfão, a criança, segundo alguns biógrafos, foi criada por seu tio - um rico comerciante. É provável que, assim, desde a infância, Maomé o acompanhe nas viagens e visite países de grande cultura, em especial a Síria, então cristã.

Aos vinte e cinco anos casa-se com Khadija, rica viúva que lhe proporciona sustentação incondicional - quer financeira, quer filosófica.

No entanto, atormentou-o sempre a busca da verdade religiosa, de tal forma tornou-

se obcecado pela busca da verdade, que tornou-se costume retirar-se para longas meditações. Em uma delas, já aos 40 anos, sentiu-se visitado pelo anjo Gabriel⁹⁴ (aquele que anunciou Jesus a Maria) e este lhe ordena: “Recita !”

Atordado pela visão, Maomé volta para casa e conta a Khadija sua experiência, e esta não só acredita, como lhe aconselha a procurar novos encontros com o anjo e a divulgar tais acontecimentos.

Maomé, então, inicia sua pregação em Meca. Corria o ano de 612 d.C. e, aos poucos, foram surgindo adeptos que passaram a coadjuvá-lo durante suas visões, anotando os versículos que recebe do anjo. Essas anotações eram feitas em qualquer meio, tais como cascas de ovo, pedaços de madeira, folhas, etc., etc.

Durante 10 anos Maomé prega em Meca. Segundo os historiadores sua pregação, cujo fio condutor era a existência de um único deus, passa a incomodar os comerciantes locais, pois as tribos nômades que passavam por Meca eram, em sua quase totalidade, politeístas.

Assim, Maomé se vê expulso de Meca e, em 622 d.C., transfere-se para Yatrib - cidade a algumas centenas de quilômetros ao norte. A essa retirada dá-se o nome de Hégira, e se constitui no marco inicial da contagem islâmica de tempo. Conta-se o tempo muçulmano em a.H. e d.H. (antes e depois da Hégira), assim como os cristãos contam a.C. e d.C. (antes e depois de Cristo).

O sucesso da doutrina monoteísta encontra fácil eco entre a população - em grande parte judaica e, portanto, também monoteísta - posto que o complexo ritual judaico perde importância no Islã, uma vez que a essa religião é bem mais simples e tolerante.

O crescimento da nova fé entre a população provoca a reação dos judeus de alta estirpe, “doutores da Lei”, seguindo-se daí brigas e escaramuças. Maomé termina fazendo uso da força, expulsando parte dos judeus e massacrando outros. Segundo alguns historiadores, Maomé passa a governar a cidade, que passa a chamar-se Medina.

Acreditando, então, que sua missão era levar a nova fé a todo o povo árabe, Maomé dirige forças para Meca, sua cidade natal, ali, com grande habilidade enquanto condutor de

⁹⁴ Jibra'íl, em árabe

homens e estrategista, consegue conquistar a cidade em 630 d.C. Chegando à Caaba, dá sete voltas em torno dela, e grita: “Allah Akbar!⁹⁵”

A seguir, destrói todos os ídolos, e “canoniza” a pedra preta que lá se encontra, e, para os muçulmanos, é objeto mais sagrado, pois representa Allah.

Os dois anos seguintes são calmos e Maomé governa com serenidade e paternalismo.

Em 632, preparava uma expedição contra a Síria, quando falece repentina e calmamente, deixando o islamismo solidamente implantado em toda a Arábia Saudita. O povo árabe, nômade e disperso, agora é uma nação.

7.2. PRINCÍPIOS E PRÁTICA DO ISLAMISMO

Em primeiro lugar, é preciso salientar que o islamismo não nega a mensagem mosaica ou a mensagem cristã. Moisés e Jesus são aceitos como profetas, e Maomé é considerado o último, maior e definitivo profeta de Deus.

O próprio Corão, afirmando, por boca do anjo Gabriel que “é certo que legamos a Torah e elegemos o povo do Livro”. Ainda nesta linha, proclamam os islâmicos que “só Allah é Deus, e Maomé o seu profeta”.

A religião islâmica é caracterizada por sua simplicidade, bem como pelo arraigado da fé.

Baseia-se em cinco princípios - ou colunas -, a saber:

1. Ter absoluta fé em Alá;
2. Peregrinar a Meca, pelo menos uma vez na vida;
3. Dar esmolas;
4. Jejuar no Ramadã⁹⁶, e
5. Orar cinco vezes ao dia.

Como se vê, o ritual islâmico nada tem de complicado. A fé religiosa deve ser

⁹⁵ “Deus é maior!”

⁹⁶ Mês sagrado do Islã, por ser aquele em que Maomé chega a Medina – então, Yatrib

absoluta, de tal forma que “se Deus é Deus, não existem rivalidades sobre quem é Deus, deuses rivais ou deuses” - a palavra Allah, em árabe, significa literalmente “aquele que é Deus”, e islã traduz-se por submissão.

Aqui, parece oportuno inserir este parênteses:

Tanto o árabe quanto o hebraico, línguas de mesma origem, têm escrita consonantal (sem vogais); pois bem: o árabe islam, portanto, é escrito com as consoantes slm. O hebraico shalom (paz) também: assim, não é gratuito dizer-se que islam significa “submissão à paz”, ou, por extensão, “submissão a Deus”.

Encerra-se o parênteses.

A peregrinação a Meca deve-se ao fato de que, lá, se encontra a Caaba, onde está o meteorito preto considerado sagrado pelos muçulmanos enquanto prova material da existência de Deus; por este motivo, os muçulmanos rezam voltados para Meca.

O ritual de visitação a essa cidade, dentre outras práticas, relembra a expulsão de Ismael por Abraão, uma vez que os fiéis simulam o desespero de Agar (mãe de Ismael) procurando água no deserto para dar ao filho: dão sete voltas em torno do poço onde supostamente a mãe saciou a sede do filho, e consideram a água milagrosa.

Dar esmolas, para o muçulmano, é um ato de fé, e essa esmola não se limita às coisas materiais, mas, pelo contrário, inclui a “doação” espiritual, maior prova de caridade. Cabe notar que é esmola o dízimo que, administrado pelos sacerdotes, formou a riqueza inicial do Islã.

O jejum do mês de Ramadã - o nono mês do calendário árabe, que é lunar - parece ter-se originado nas práticas judaicas do Yom Kippur. Esse jejum é “sui-generis”, uma vez que a proibição quanto a qualquer tipo de alimento é radical, mas não atinge o período noturno; só não é permitido alimentar-se enquanto o sol brilhar.

A oração, repetida cinco vezes ao dia - originada pelos costumes de Maomé - pode ser executada em qualquer lugar, e, não só nas mesquitas. Basta ao crente que tenha como forrar o chão em que irá ajoelhar-se. Este costume deu por fruto verdadeiras obras de arte em tapeçaria, produzindo peças que, em sua maioria, possuem desenhos indicando a posição de Meca - de tal forma que o fiel não tem como errar a direção em que se posta

para rezar.

Deve-se destacar que o Islã, antes de tudo, é extremamente tolerante com seus “irmãos” de fé, correligionários em Abraão. Prova disto, foi a Espanha islâmica - denominada historicamente “Espanha das três religiões” - onde coexistiram e cooperaram em relativa paz o islamismo dominante, o judaísmo e o cristianismo.

Para tanto, o próprio Corão - livro sagrado muçulmano, prega a proteção aos *dhimmis*, ou seja, àqueles que professam fé abramica não muçulmana. Dessa proteção o Islã tirou proveitos, instituindo o “imposto de proteção” que muito o enriqueceu quando de sua expansão territorial.

A radicalização dos muçulmanos contra os cristãos, é importante frisar-se, tem origem nas Cruzadas cristãs que, dizimando populações islâmicas em nome do Cristo, desencadearam a jihad⁹⁷ - guerra santa muçulmana.

É de se notar, ainda, que a tolerância islâmica tende a produzir sincretismo, contra o qual se levantam xiitas⁹⁸ e sunitas⁹⁹ fundamentalistas, fazendo uso, por vezes, da jihad - daí, o terrorismo internacional árabe, tão em voga nos dias atuais.

7.3. PRINCIPAIS GRUPOS ISLÂMICOS

Os muçulmanos, hoje, estão subdivididos em diversos grupos, com pouca diferença conceitual, sendo que os principais são os sunitas, xiitas, kharidjitas e mahdistas¹⁰⁰.

7.3.1. Sunitas

Os sunitas pregam, basicamente, a relação direta com Allah, sem intermediários. Suas práticas religiosas buscam seguir os costumes de Maomé.

Como o direito muçulmano baseia-se no Corão e este, compilado quase dois séculos após a morte do Profeta, não abrange todas as relações sociais, os muçulmanos recorrem às decisões que Maomé e seus seguidores mais próximos tomavam quando se defrontavam com situações não cobertas pelo Livro. Essa coletânea de decisões, mesmo por analogia,

⁹⁷ Ação que visa manter o equilíbrio da vida em Allah

⁹⁸ De shi'at Ali - seguidores de Ali

⁹⁹ De sunna, “costume”, práticas do Profeta e de seus seguidores mais próximos.

¹⁰⁰ Seita muçulmana messiânica, que aguarda seu Mahdi - guia espiritual

formam a base das práticas sunitas.

7.3.2. Xiitas

Já os xiitas, pregam que os continuadores de Maomé devem ser descendentes dele, dentre os quais o maior foi Ali, sobrinho e genro do profeta - pois se casou com Fátima, a única filha de Maomé que deixou descendentes.

O xiitismo tem início quando do assassinato de Ali, então califa, por um fanático kharidjita; Ali estava rezando quando foi assassinado.

A sunna xiita só admite as decisões dos descendentes de Ali, portanto, sua ortodoxia é mais sunita que a dos próprios sunitas.

7.3.3. Kharadjitas

Estamos diante do primeiro cisma do Islã. Estando Ali em uma batalha pela confirmação do califado, desiste da luta ao ver que seus adversários prendem pedaços do Corão nas lanças. Um grupo de seus seguidores quer prosseguir lutando, e Ali se opõe, resultando que o grupo desliga-se de Ali. O vocábulo árabe kharadj significa, em tradução livre, “os que se desligam”.

7.3.4. Mahdistas

Em árabe Mahdi significa condutor; mahdistas são aqueles que esperam um condutor, um Messias. O mahdismo tem grande importância na história da África, especialmente quanto à região do Chifre. Ali eles derrotaram e levaram à morte, em 26 de janeiro de 1885, o general inglês Gordon que tentava dominar a região.

PARTE 3 - FALACHA, O ERRANTE

CAPÍTULO 8 - P S FALACHAS

A região denominada “chifre” da África comporta nações com marcada pluralidade religiosa. Etiópia, Somália, Eritreia e Djibuti compõem, certamente, verdadeiro cadinho cultural -tanto do ponto de vista étnico, como religioso.

Lá, a antiga Abissínia, por sua localização geográfica, sempre foi porta aberta àqueles que vêm do Oriente Médio, a leste; a oeste, por pouco não se confunde com o Egito.

Ali, na antiga Ifríqya dos fenícios, está a esquina do mundo antigo. Rotas de comércio, confluência de grandes impérios, depósito natural de ouro e minerais.

Primeiro, chegaram os judeus. Esse acontecimento tem origem bíblica e remonta ao período de expansão comercial no Reino de Salomão que, em seu esplendor, recebe a visita da rainha de Sabá; daí nasce Menelik - indubitavelmente tido como filho da rainha e Salomão - que seria o fundador da dinastia etíope que termina em Hailé Salassié.

A expansão do judaísmo através dos tempos atravessa o estreito formado entre o Golfo de Aden e o Mar Vermelho, chegando ao Continente Africano. Encontra terra fértil, pois os descendentes de Menelik já os consideravam como irmãos.

O Cristianismo vem já no século II d.C., atingindo principalmente a Etiópia e o Egito, mas não deixa marcas significativas.

Muçulmanos, a seguir, chegam ao continente já em seus primeiros anos de expansão, dominando os berberes através da Etiópia, e estes difundem a religião por todo o norte africano. No início do século VII, o islamismo já atingia a Mauritânia, no Atlântico.

Aos berberes, povo nativo, coube - se assim se considerar - aceitar as religiões alienígenas que, quase sempre lhes eram impostas politicamente; isto é, aceitar que estranhos lhes imponham sua religião oficial. Apesar disso, a base africana sempre permaneceu, embora sincrética.

8.1. ORIGENS DO POVO ABISSÍNIO

Nenhuma documentação confiável pode ser levantada para apuração da origem

histórica do povo abissínio. Entretanto, pode-se levantar hipóteses a partir das características lingüísticas, étnicas e culturais, e concluirmos adequadamente. Senão, vejamos:

8.1.1. Etnia

A *Gran Enciclopédia del Mundo* informa que eles utilizam-se de um dialeto camita, comum aos habitantes da península arábica já nos tempos de Abraão. As línguas dessa região - árabe, aramaico e hebraico - têm raiz camita, semita ou mista, sendo todas elas variações do aramaico. Os nomes camita e semita são retirados dos filhos de Noé, Cam e Sem.

A mesma Enciclopédia, ainda, nos fornece outra pista, explicitando que “diferem muito pouco do tipo físico que apresentam os abissínios das classes superiores”. Portanto, são da mesma etnia.

Ora, se os abissínios - hoje habitantes do Chifre da África - indubitavelmente são berberes, berberes são os falachas, uma vez que o tipo físico e a língua assim confirmam.

8.1.2. Cultura

Os traços culturais guardam estreita semelhança com aqueles tipicamente judaicos, uma vez que a educação está em mãos dos sacerdotes, como registra a Enciclopédia Ilustrada Epasa

, assim como foi o costume de Israel. Só é judeu quem sabe ler as Escrituras. Acrescente-se ainda que a santificação do sábado e a comemoração da Páscoa são práticas judaica típicas, assim como a proibição de entrada nos lugares considerados santos - aqui, as casas dos monges - sempre reservados aos sacerdotes levitas.

Vemos, ainda, a dedicação ao trabalho manual, que destacou os judeus da Europa Oriental, por exemplo, quando de sua expulsão da Inglaterra e França, possibilitando-lhes a admissão na Alemanha.

8.1.3. Afinal, quem são os falachas?

Tais indícios podem ser conjugados com a seguinte hipótese: o cisma do Estado de Israel sob o reinado de Roboão, como já se viu, provocou a retirada da tribo de Dã, cujo

território passa a pertencer ao reino de Judá.

Seria incorreto supor-se, então, que essa tribo tenha se dirigido ao Egito, grande Império, onde seus antepassados sempre procuraram refúgio? A travessia de volta e a busca de local para instalar-se sedentariamente, é provável, causou um período de nomadismo que justificaria o nome falacha, errante.

Por fim, a localização dos falachas no reino de Amhara, região da Eritreia às margens do Mar Vermelho, parece confirmar a hipótese da tentativa de volta ao Egito - ao qual a região pertencia à época do cisma de Israel.

Tal localização reveste-se ainda, de um certo caráter místico-religioso: não foi por ali que Israel atravessou o Mar Vermelho no início do êxodo, “evitando a terra dos filisteus”?

Ora, a hipótese ganha maior força quando se recorda que Menelik, filho de Salomão, dá início à dinastia que culmina em Hailé Salassié: aos danitas nenhum rei seria mais bem-vindo que um filho de Salomão (o último rei a governar Israel unido), uma vez que foi no reinado seguinte ao de Salomão que o reino dividiu-se, provocando o “anti-êxodo” dos danitas.

Também não é demais supor que a localização junto ao Mar Vermelho contenha em si a esperança de voltar à pátria logo que a situação política se estabilizasse. Mas isto não ocorreu, e Israel caiu sob Sargão II, inviabilizando a volta à Terra Prometida. Por que não a Judá? Por que Judá, pouco mais de uma geração depois, também cai sob Nabucodonosor! E os danitas se vêem só, e mantêm as tradições judaicas.

Esta hipótese encontra fundamento nos próprios costumes judaicos dos falachas. Se a retirada do território de Israel ocorreu quando do cisma desse Estado, somente as festas e práticas anteriores a essa época serão reconhecidas pelos retirantes. Assim,

Comemora-se a Páscoa, mas não o Purim. Ora, a Páscoa é instituída no momento imediatamente anterior ao êxodo do Egito, e o Purim comemora o retorno da Babilônia. Assim, se os danitas deixaram Israel quando do Cisma, estão em Israel exatamente entre as duas festas;

Se não conhecem nenhum Talmud, é porque não estavam em Israel à época em que

os mesmos foram compilados; como ambos o foram após o Cisma...

Não usam tefilin porque este, em Israel, fazia parte das vestes sacerdotais, e o sacerdócio foi reservado aos levitas.

A dedicação do Templo é a Festa de Chanucá, instituída por Matatias, pai de Judas Macabeu. Este Judas é o comandante da revolta contra o helenismo de Alexandre, ocorrida pós-cisma.

A existência de livros sagrados em língua original, tais como a Bíblia como Velho Testamento e vidas de Abraão e Moisés - confirmam a ascendência judaica. Também a guarda do sábado, embora sincretizado a ritos pagãos. Costumes que vão a favor do judaísmo, mas são inócuos quanto à origem dos falachas.

Quanto às purificações e a não aceitação de cristãos, nada acrescentam, pois as purificações fazem parte da Torah, e, sincretizadas, produzem ações locais; por outro lado, a não aceitação de cristãos somente se prende à aversão à heresia.

8.1.4. Outras hipóteses

Podemos levantar outras possibilidades que sancionam a presença judaica entre os etíopes, mas todas são de difícil sustentação:

8.1.4.1. afinidade aos judeus durante o êxodo

Conta a Bíblia que, libertos os judeus do Egito, conduzidos por Moisés, dirigiram-se ao Mar Vermelho. Note-se que entre os dois pontos, está a Etiópia, Abissínia à época. Os etíopes, talvez impressionados pela estória maravilhosa que os viajantes contavam quanto à forma de sua libertação, passaram a temer o mesmo Deus, tornando-se judeus.

8.1.4.2. conversão por convivência

A chamada “diáspora” judaica, historicamente, inicia-se com a destruição de Jerusalém e do Segundo Templo por parte dos romanos, em 70 d.C. Entretanto, não é avessa à História a afirmação que, desde os primeiros tempos, judeus se dispersavam, buscando contato com outros povos. Também não se desconhece o desaparecimento da perspectiva da História das 10 tribos, após a destruição da Israel dividida por Sargão II.

Não é demais aceitar-se que judeus, atravessando a Arábia - talvez em direção ao

Egito, de longa afinidade - deixassem colônias em seu caminho. Os judeus aí fixados, miscigenando-se com os berberes locais, dariam origem aos falachas.

A hipótese de formação de colônias, aliás, pode ser aplicada a outras épocas da história judaica, tais como a imposição do helenismo por Alexandre, que desencadeou a revolta dos Macabeus e positivou o desenvolvimento da comunidade judaica em Alexandria; fuga de judeus temerosos pela reação de invasores à sua insubordinação, como ocorre com Babilônia e Roma, ambas culminando com a destruição do Templo.

Entretanto, nenhuma das hipóteses anteriores sobrepõem-se, por exemplo, à análise das práticas do judaísmo falacha, tais como a não utilização de vestimentas sagradas em alguns casos, e a não comemoração de festas e jejuns em outros.

8.2. CONVIVÊNCIA SOCIAL

Embora, nada confiável, é possível encontrar quem dê base ao discurso sobre este aspecto sob os falachas, pode-se ampará-lo na descrição que nos faz Lobagola, devido à proximidade das épocas em que deixam Israel e se dirigem à África, bem como pela igualdade das condições encontradas: sobre a base fetichista, o assento do Islão, que recebe judeus em seu seio.

Salta à vista o sincretismo judaico/fetichista¹⁰¹, cujas práticas judaicas são mantidas conforme vindas de Israel, e perpetuadas pelo ensino de rabinos.

Entretanto, a vida se pauta por limitações fetichistas, já que para os b'nei Ephraim, são tabus a água - exceto aquela que os sacerdotes fetichistas liberam para uso - e a mulher grávida, por exemplo, a quem não se pode oferecer, sequer, uma gota d'água, também é tabu, um dos princípios do fetichismo, levantar o que quer que seja que tenha caído por acidente ou doença (se caiu ou se morreu, é porque os deuses ou demônios assim o determinaram, e a vontade dos deuses/demônios sobrepõe-se à do homem).

Outros tabus existem e limitam - quando não dirigem - a vida social, quer de judeus, quer de fetichistas ou, ainda até, crentes de qualquer fé radicados na aldeia.

8.3. ASCENSÃO E QUEDA

¹⁰¹ *ibidem*, p. 34

Seja qual for a origem, a verdade é que o judaísmo etíope atinge seu apogeu com Kahina, da qual já se falou; para fazer frente aos exércitos islâmicos, deve-se considerar que há de se ter razoável conhecimento bélico - e armamento suficiente - o que não se consegue repentinamente. Portanto, o reino judeu era, como de fato decorre de sua posição geográfica privilegiada e das riquezas comerciais que a Etiópia dispunha, pelo menos, poderoso.

Para tanto, é preciso que o reino tenha adquirido maturidade e consistência, o que demanda tempo. Assim, se os falachas são os danitas, deixaram Israel em 937 a.C.; os muçulmanos chegam em 702 d.C., o que dá mais de 1600 anos de amadurecimento social, religioso, civil e militar.

Para bem fixar a idéia, basta lembrar que a conquista da Espanha ocorreu após 7 anos de luta, e que os muçulmanos que a invadiram eram, em sua esmagadora maioria, berberes da Mauritânia. Sete anos de luta - setecentos de dominação.

Conforme prova a existência dos falachas, a conversão ao islamismo pós Kahina não erradicou a fé judaica da Etiópia. Registre-se que um pequeno grupo permaneceu fiel, não absorvido pela fé dos conquistadores. Mais, não há, Parece que o historiador muçulmano não se preocupou em registrar usos e costumes de tão ínfima minoria. Não se gastou tinta com falacha. Entretanto, bons judeus, falachas não desaparecem. Eles ressurgem para a história em 1984, do “buraco negro” em que toda a estória da África esconde-se pós Kahina.

CAPÍTULO 9 - DIÁSPORA EM CASA?

Negro, e judeu. Quando o falacha está em Diáspora? É um judeu disperso na Etiópia? É um estrangeiro em Israel?

O patriarca Abraão resume o dilema, ao adquirir um túmulo para Sara: “Sou, no meio de vós, simples hóspede e estrangeiro; concedei-me, não obstante, a propriedade de uma sepultura na vossa terra...”

O falacha é sempre um estrangeiro, está sempre em diáspora, uma vez que, a um só tempo, é negro e judeu: disperso longe de Sião, estrangeiro em Israel.

9.1. TRANSPOSIÇÃO PARA ISRAEL

Os falachas sofriam, já na Etiópia, discriminação religiosa, pois, seu judaísmo ortodoxo parecia tão estranho aos não judeus, que se lhes atribuía, até, a prática de magia negra e o poder de lançar mau-olhado às pessoas e ao gado.

Assim sendo, foram eles vítimas da guerra intestina que grassava naquele país em 1984, de tal forma que, em perigo de extermínio, foram em parte resgatados por Israel (Operação Moisés).

Israel, desde sua fundação, priorizou a retirada de judeus residentes em zonas de conflito pelo mundo. De tal forma priorizava tal ação, que lhe dedicava o 2º maior volume orçamentário, só menor que as verbas destinadas à defesa. Dessa forma, já lá estavam em Israel entre 1949/50, em torno de 43.000 iemenitas judeus, que foram retirados de seu país de origem através de mega-operação aéreo-marítma.

Na Operação Moisés, montou-se verdadeira “ponte aérea” com a Etiópia. Através dela foram retirados aproximadamente 15 mil “falachas”. Os demais 14 mil, praticamente o restante da comunidade à época, foram trazidos em 1991, durante a operação que se denominou “Operação Salomão” - outra “ponte aérea” constituída entre Tel Aviv e Adis Abeba, e que durou 33 horas.

Assim, transpostos aproximadamente 29 mil indivíduos, a comunidade “falacha” na Etiópia praticamente desapareceu; remanesceu, entretanto, de forma embrionária e nela a

raiz judaica permaneceu, ainda que em grupos numericamente pouco significativos.

9.2. CONVIVÊNCIA EM ISRAEL

Ao contrário do que era de se esperar, os “falachas” não encontraram fácil adaptação em Israel. Prova disto encontramos na “Folha de S. Paulo”, que noticia, em 29 de janeiro de 1996, o protesto de judeus etíopes contra o racismo. Nesta passagem, o protesto ocorreu em frente ao gabinete do então primeiro ministro Shimon Peres contra o descarte de sangue doado por membros da comunidade, que estaria sendo destruído pelos bancos de sangue sob a alegação de portarem o vírus da AIDS.

É de se destacar que, à época, a comunidade negra compunha-se de cerca de 60 mil cidadãos. Passados os primeiros sustos; vencidas as dificuldades de adaptação a um país novo, novo clima, nova cultura, os falachas, que inicialmente foram colocados em “kibutz”, encontram-se perfeitamente integrados à vida israelense.

A confirmação da sobrevivência dessa comunidade na Etiópia é atestada por notícia veiculada no jornal “Folha de S. Paulo”, que se refere à morte do líder espiritual Menashe Zemro, ocorrida em 7 de outubro de 1998, aos 92 anos. Diz a notícia que, embora não aceito pelos rabinos ortodoxos, Zemro era reconhecido como líder espiritual pelos judeus etíopes que vivem em Israel.

Os falachas demonstram sua ortodoxia a todo momento conforme atestam todos quantos lá os encontram. Sua adaptação é total, de tal forma que nos informa o Consulado de Israel em São Paulo, através de fax, datado de 16 de novembro de 1998:

“... informamos que os judeus etíopes não possuem um lugar definido, estando sim espalhados por todo o Estado de Israel.”(sic).

CONCLUSÃO

Sou, no meio de vós, simples hóspede e estrangeiro; concedei-me, não obstante, a propriedade de uma sepultura na vossa terra..

Embora tangenciando tantos aspectos, esta pesquisa perseverou em seu fio condutor, eis que, procurando estudar a ‘Diáspora em Casa’, e enfocando especificamente a saga dos falachas, abriu significativos espaços para a discussão de fundamentais aspectos religiosos e étnicos.

A identificação e localização dos chamados judeus errantes – os eternos ‘estrangeiros e hóspedes’, nos fazem, no entanto, retornar à temática inicial, ou seja: Estando em Israel, em função de circunstâncias religiosas, estariam os falachas finalmente em casa? Ou, em casa permaneceram aqueles que ficaram no Chifre da África.

O definitivo deslinde destas questões não parece guardar grande relevância, mas, referendados os aspectos de origem tanto religiosa quanto geográfica, tem-se seguramente, a partir deste instigante tema, a oportunidade de identificar a milenar peregrinação de um povo que, levando eles sua fé, expandiu o universo de suas práticas religiosas e influenciou decididamente na formatação da humanidade – em suas convergências e contrastes.

No específico, tratando-se dos falachas, na riqueza dos elementos que localizamos e procuramos inserir nesta pesquisa, tem-se que permanecendo no Chifre da África, ali continuarão, sofrendo as agruras de uma definição geográfica, mantendo-se como um sentinela avançada do judaísmo na África, ou, deslocando-se para Beit Israel, confirmam a saga dos judeus, que finalmente, juntando-se ao seu povo, retoma um novo capítulo de suas vidas. De qualquer forma, confirmam seu judaísmo na manutenção dos laços com o ‘destino comum’ do eterno retorno à terra de Sião.

APÊNDICE 1 - GLOSSÁRIO

Aboth - do Rabi Nathan, subdivisão do Talmud apresentada como um suplemento do Pirké Aboth e atribuída ao sábio Nathan da Babilônia. Aparece no Talmud sob forma fragmentária. MT

Agadá - (ver Hagadah)

Aleinu - uma das preces mais sublimes da liturgia israelita, recitada, em geral, no final de cada ofício religioso. O Aleinu proclama a Unidade de Deus a missão que compete a Israel tornar a verdade conhecida de todos os povos, de modo que o Santo seja adorado pela humanidade inteira e os seus mandamentos fielmente obedecido. “Aleinu lenhabeah” = devemos louvar

Aliyah - Subida, ascensão. Ato de ser chamado na sinagoga, durante o serviço religioso, para a leitura da Torah. Movimento de restauração do nacionalismo judeu, iniciado em 1878, com a fundação da primeira colônia judaica em Petah Tiqwa, por um grupo de nativos de Jerusalém e que teve várias ondas de revivificação: a primeira em 1882/1903, com refugiados da Rússia, Polônia e Iêmen; a segunda em 1904/1918, com os que escaparam dos pogroms (mortuário) russos e poloneses; a terceira em 1919/1923, com jovens refugiados poloneses e russos da Primeira Guerra Mundial (que futuramente criaram o Histadrut e o Haganah); a quarta em 1924/1928, com artesãos e lojistas poloneses (após restrição econômica) e a quinta - a mais importante - a partir de 1933, devida à perseguição nazista de judeus europeus, com refugiados do Holocausto.

Aliyah Bet – programa ilegal de imigração judaica estabelecido durante o Mandato Britânico na Palestina para livrar o país desse domínio, utilizando terrorismo e atos violentos, ataques com bombas e seqüestros, realizados pelas instituições Haganah, Irgun Tzevai Leumi, Lohamei Cherut Israel, Malmach (forças judaicas).

Am ha-aretz - Literalmente significa ‘pessoas da terra’, ‘nativos’ (naturais da terra); termo pejorativo aplicado àqueles que desconhecem o judaísmo; as pessoas comuns; a população como um todo.

Amorai - Eruditos judeus que explicaram e comentaram a Mishnah, do século III ao VI d. C.; compilaram a Guemarah, coletânea destas explicações.

Arameu ou **Aramaico** - Língua norte-semítica, ainda em uso restrito. Divide-se em três grupos principais: aramaico antigo, intermediário e novo aramaico, este ainda falado pelos cristãos nestorianos curdos na Síria, Iraque, Turquia, Pérsia e Rússia. O aramaico é mais aparentado com o hebraico do que as outras línguas semíticas, e era a língua falada em Judá à época de Cristo.

Ashquenazim ou **Asquenazitas** – judeus alemães e seus descendentes; por extensão, todos os judeus originários da Europa Central e Oriental - em oposição aos sefardis, originários da Península Ibérica; alguns asquenazitas que migraram para a América do Norte e do Sul, Austrália e África do Sul, constituíram a primeira geração de líderes israelenses que, por seu número, dominou a sociedade sionista.

Avdalá - cerimônia do ritual israelita. Cumpram-na os religiosos no sábado à noite, na hora em que terminam as festas e começa o período em que o trabalho é permitido. Consiste numa prece em que o crente implora as bênçãos do Senhor para a semana que se inicia. No momento de proferir a prece ritual, o judeu tem diante de si um círio aceso, vinho, aroma, isto é, luz, vinho, perfumes - símbolos dos benefícios que devemos a Deus. Avdalá significa “separação”

Ba'al Shem - ‘Senhor do Nome de Deus’, um cabalista erudito que sabia como usar o poder do Nome de Deus; termo aplicado a homem milagroso e taumaturgo, especialmente na Europa Oriental.

Ba'al Shem Tov - apelido dado a Israel Ben Eliezer (1700-1760), taumaturgo e místico de grande prestígio que viveu na Polônia onde fundou a seita do hassidismo, em oposição ao judaísmo ortodoxo que leva ao exagero as minúcias da prática religiosa ao talmudista, cujas discussões se perdiam em sutilezas enervantes; procurava Ba'al Shem o refúgio das florestas silenciosas e das montanhas, na certeza de que Deus está muito perto do homem e que uma intensa prece pode fazer com que a criatura, desembaraçada das preocupações mesquinhas e indignas, possa, face a face, comunicar-se com o Criador. Os israelitas viam no Ba'al Shem um homem dotado de predicados sobrenaturais, que previa o futuro,

realizava milagres, curava enfermos e, como ele agisse desinteressadamente, só pelo desejo de ser bom e ajudar e de ajudar aos outros, o povo acostumou-se a chamá-lo “Ba’al Shem Tov” que significa “Bom Senhor de Nome de Deus”. O dogma central do hassidismo (pietismo) é a crença que tudo - a alma, a matéria, o bem, o mal, as aves, as nuvens, a luz, os rochedos etc. - são manifestações de Deus. Decorre desse dogma que Deus pode ser adorado em toda a parte e não só por meio de fórmulas certas ou palavras invariáveis. Logo, o indivíduo mais ignorante pode, como o mais sábio, aproximar-se de Deus: sendo tão fácil chegar a Deus, os homens devem transbordar de alegria, cantar, dançar e até embriagar-se moderadamente. O Ba’al não deixou livro, mas as suas sentenças foram guardadas por vários discípulos e, finalmente, publicadas em hebraico, “ídish” e alemão.

Baba Mazia - porta do Meio - Uma das subdivisões do Talmud.

Bagrut - exame de madureza que o jovem faz após terminar o curso secundário, o que lhe permite, então, o direito a ingressar no curso universitário (após cumprir o serviço militar obrigatório).

Balalaica - instrumento de corda.

Bar (aramaico) ou **Ben** (hebraico) - Filho de, da família - corresponde às partículas portuguesas de sobrenome, tais como ‘de’, ‘dos’, etc.

Bar-Mitzvah - literalmente, “filho ao mandamento”, ou seja, maturidade religiosa para o judeu; cerimônia que ocorre no décimo terceiro aniversário, pela qual os jovens são aceitos na congregação dos homens, após terem realizado o curso regular de estudos sobre o judaísmo. No sábado após seu décimo terceiro aniversário, o jovem lê a Torah na sinagoga pela primeira vez, cerimônia que supõe anos de preparação e é seguida de festivas comemorações na família.

Beduínos - representam 10% da população árabe muçulmana. Organizam-se em 30 tribos espalhadas pelo sul do país. Anteriormente nômades, passam hoje pelo processo de urbanização, saindo da sociedade tribal, para viver em assentamentos municipais.

Beit din - literalmente, “casa da Lei”; Tribunal Rabínico, sinônimo de Sanhedrim (em latim, Sinédrio).

Bellemen - estrado sobre o qual fica o rabi na sinagoga.

Berachotk - uma das subdivisões do Talmud. Contém as diversas preces e inúmeras histórias e lendas. O vocabulário Berakkolth significa benção.

Berditschever - um dos muitos religiosos israelitas que adotaram as teorias do hassidismo. Faleceu em 1809. Incontáveis são os episódios e anedotas que envolvem o nome desse sábio.

Bereshit - veja Gênesis.

Besht - apelido pelo qual era conhecido o Baal Shem. Veja Baal Shem Tov.

Bíblia Hebraica - do grego Bíblia, “os livros” - Coleção de 24 Livros Santos dos Hebreus que a tradição judaica declarou inspirados por Deus. Esses 24 Livros são classificados pelos doutores israelitas em três grupos: 1º - Torah de Moisés ou Pentateuco; 2º - Os Neviim (os Profetas); 3º - Os Ketuvins (os escritores) que compreendem as obras líricas, morais e poéticas (Salmos de Davi, Cântico dos Cânticos, etc.).

Bokaiva - aquele que lê a Torah.

Cabalá - ver Kabbalah.

Caraíta - Membro de uma seita judaica do século VIII que rejeitava a Lei Oral ou ensinamentos rabínicos pós-bíblicos, e que se restringia somente à Bíblia. Movimento liderado por Anan Ben David, de Bagdá, que se declarou contra os rabinos, reconhecendo como autoridade exclusivamente a Palavra bíblica entendida literalmente. Recusavam o Talmud, e aplicavam um método crítico ao estudo das Escrituras, aproximando-se, em muitos pontos, do que é agora usado por avançados eruditos bíblicos.

Cardo - artéria comercial dos períodos romanos e bizantino, foi desenterrada e restaurada; suas construções abobadadas funcionam como lojas e estabelecimentos comerciais.

Casamento levirato - Casamento obrigatório da viúva sem filhos com o irmão do marido morto. É um direito legal da viúva. Os filhos advindos são considerados sucessores do morto. (Deuteronômio 25,5).

Circassianos - muçulmanos sunitas concentrados em duas vilas na Galiléia. Não são árabes.

Cohen - Judeu de descendência sacerdotal ou aarônica. Pertencente à tribo de Levi.

Conversos - Termo do espanhol medieval e renascentista para os judeus que se converteram ao cristianismo, e os seus descendentes.

Dayyan - Juiz de um tribunal rabínico. Pessoa encarregada de pronunciar a sentença em um tribunal rabínico. Enquanto o rabino julga as questões e ordem religiosa, o Dayan julga os assuntos econômicos e resolve problemas de Direito Civil.

Debarim Rabba - coletânea de lendas e comentários sobre o Deuteronomio. Acredita-se que tenha sido elaborado no ano 900 (aproximadamente) da era cristã.

Deuteronomio - em hebreu Devarim (as palavras), quinto e último livro do Pentateuco. Apresenta-se, de forma geral, em forma de discursos pronunciados por Moisés ao povo israelita. Chamado pelos israelitas “Mishné Torá” - segundo livro da Torá - o termo foi traduzido para o grego como “ho deuteronomion”: daí, Deuteronomio.

Diáspora - [do gr. diasporá, ‘dispersão’.] 1. A dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos. 2. P. ext. Dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominadores ou religiosos, intolerantes: “Uma nova diáspora se iniciava. Os parentes estavam dispersos pelo mundo. Uns se adaptavam noutras terras aprendendo inglês, outros francês.”(Orígenes Lessa, Balmino, Homem do mar, p. 81.) Aurélio 2. Ed., 1986, p. 586. b) Movimento de dispersão do povo hebreu através do mundo, após o reinado de Adriano (130 D. C.) A Diáspora refere-se também ao período a partir do cativeiro babilônico. Na Jerusalém arrasada, é construída a Aelia Capitolina, mais tarde denominada Palestina. Nesse período, a maior parte dos Judeus é obrigada a deixar o país devido à carestia, às perseguições e à imposição de pesados impostos. Oficialmente, a diáspora perdurou até a proclamação da independência de Israel - 14 de maio de 1948. DE PAULA, Maria Helena Grohmann Rodrigues. Panorama atual da Educação em Israel. In Revista de Estudos Universitários. Sorocaba. Uniso. 1996. V. 22 nº 2 (p. 19/59)

Divórcio - Carta de divórcio religioso, permitido pela Lei de Moisés, mas repudiado pelos legisladores. A carta de divórcio, Guet, é escrita em caracteres hebraicos e deve conter 12 linhas, valor numérico desta palavra, além das duas meias linhas onde assinam as testemunhas; é interessante indagar como foi o problema do divórcio encarado pelos sábios israelitas que compuseram o Talmud. Vale a pena sublimar, no famoso Livro da Lei, este pensamento admirável: “Quando uma esposa é repudiada pelo marido, um estremecimento

de horror agita a terra inteira”.

Drusos - habitantes de 22 vilas ao norte de Israel, pertencem a uma seita secreta que mantém sua autonomia cultural, social e religiosa. Sua filosofia - Taquia - prega completa lealdade dos adeptos ao governo do país em que vivem.

Elias - Uma das figuras mais relevantes do Antigo Testamento. Nasceu em Tesbe, cidade da tribo de Neftali. Encarregou-o Deus da Missão de afastar os israelitas do culto de Baal e Astartréia. Realizou Elias vários milagres no monte Carmelo, confundiu publicamente os sacerdotes dos falsos deuses. Perseguido pela Rainha Jezebel retirou-se para o deserto, onde Deus o consolou com uma soberba visão. Depois de ter previsto a ruína do rei Acab e a destruição do povo e do exército desse monarca, entregou ao profeta Eliseu a continuação de sua obra. Elias não morreu; segundo as escrituras, foi arrastado para o céu num carro de fogo. A vida de Elias é relatada no Livro dos Reis, na Bíblia. É o profeta que virá anunciar a volta do Messias, salvador de Israel e da humanidade.

Eretz Israel - Terra de Israel; a Terra Prometida; Palestina.

Eruvin - Amálgamas. Segundo tratado da ordem Moed da Mishnah, uma das subdivisões do Talmud.

Essenianos - seita que floresceu na Palestina na época correspondente ao Segundo Templo, mas cuja origem exata não foi, até agora, devidamente esclarecida; essenianos pregavam a igualdade civil, viviam castamente, cultivavam as terras e dedicavam-se aos trabalhos manuais. Para eles, o escopo primordial da vida se resumia no amor a Deus e aos homens. Os israelitas atribuem aos essenianos uma Doutrina Secreta que foi, segundo presumem os historiadores judeus, a célula inicial da Cabalá.

Exilarca - Chefe laico dos judeus na Babilônia. O rei no exílio.

Fariseus - de “pharash”, interpretar - ou, segundo alguns, reparar. Lançaram os fariseus os alicerces da tradição rabínica mediante a interpretação da lei sagrada.

Galaad - uma das regiões em que se dividia a antiga Judéia.

Galut - O exílio, a comunidade exilada. Diáspora, dispersão. Nas épocas bíblicas, a palavra significava refúgio e, ao mesmo tempo, a proteção dada ao refugiado.

Gaon - Termo hebraico equivalente a ilustre. Diretor da Academia babilônica.

Gênesis - em hebreu Bereschit (começo), primeiro livro do Pentateuco.

Góí - Na Bíblia: nação, povo; apelido pejorativo com que os judeus, em geral, designam um indivíduo que não é judeu. O vocábulo “góí” (ou “góim”) pertence ao idioma denominado “yidish”.

Golem - Um homem artificial a quem foi dado vida através da magia.

Guemará ou **Guemarah** - do aramaico aprender, completar. Decisões, etc., dos amoraim, que complementam a Mishnah e formam parte do Talmud; elaboração posterior à Mishnah, que prosseguiu por mais 3 séculos. Designa, também, o terceiro ciclo de estudos (dos 15 aos 18 anos) em que se aprofundava o estudo das leis orais, junto a conhecimentos de história, medicina, anatomia e geometria.

Guenizá - Lugar onde são depositados os escritos sagrados; geralmente refere-se àquele de Faustat (antigo Cairo).

Guet - Queixa com vistas ao divórcio, na religião judaica. A própria carta de divórcio. Veja divórcio.

Gueto - Palavra de origem desconhecida. Acredita-se que tenha resultado da abreviatura de borgueto, diminutivo de borgo - quarteirão; o gueto era o bairro ou quarteirão fechado, em que viviam os judeus. O primeiro bairro judeu considerado como gueto foi construído em Veneza, em 1516. O último dos guettos, em Roma, foi desmantelado em 1870. Os nazistas renovaram a existência dos guettos durante a Segunda Guerra Mundial, com o fim de facilitar a “solução final” do problema judaico.

Hagadah - Narração. Livro mais popular da literatura hebraica; na literatura talmúdica, é um conjunto de interpretações e tradições não jurídicas e sem força de lei.

Haganah - Defesa, proteção. Força de defesa judaica criada em 1935, durante o mandato britânico, que foi a base do exército israelense. O maior dos três movimentos clandestinos judaicos (Etzel e Lech, são os outros) que agiram durante o período do Mandato Britânico; tornou-se o berço do exército de Israel.

Halachah - Curso. A lei judaica; significa uma lei específica, ou a totalidade da lei; a parte

do Talmud que trata de assuntos legais, em contraposição à Hagadah.

Hanukah - Festa das Luzes, dedicação do Templo; consiste em um período de oito dias, começando no vigésimo quinto dia de Kislev, quando não acontece nem jejum nem lamentação. A data também é conhecida como ‘Festival das Luzes’ porque uma das velas no Menorah é acesa a cada noite para comemorar o triunfo dos Macabeus sobre os gregos pagãos.

Haretz - para a maioria dos israelenses, a denominação da terra prometida, conhecida também por Eretz Israel; Sion, referindo-se a uma das colinas de Jerusalém.

Haskalah - Literalmente, inteligência. Designa o movimento de renovação do judaísmo iniciado na Alemanha, em meados do século XVIII sob a direção de Mendelsohn. A forma judaica do iluminismo europeu daquele século. Aquele que acreditava nele era chamado de maskil.

Hassid - religioso israelita, adepto da teoria do hassidismo (Veja: Baal Shem).

Hassidim - Plural de Hassid.

Hassidismo - Veja Baal Shem Tov

Hazan - Cantor litúrgico. O condutor das rezas litúrgicas. O cantor da Sinagoga. É palavra antiquíssima e, talvez, tirada do assírio haganou - chefe, diretor.

Hebreu - Do radical judaico ivri que originariamente designava “pessoa de outra margem”(aludia ao rio Jordão). O termo deveria aplicar-se só aos israelitas e judeus antes do cativo babilônico. Depois dessa data o termo judeu tornou-se de uso comum. O termo abrange os “filhos de Héber”, portanto inclui todos os nômades semitas, quer ismaelitas, amonitas, moabitas, edomitas, madianitas, além dos israelitas. Israel é o único remanescente dos “hebreus” da antigüidade.

Heider ou **Cheder**: Quarto. Escola primária judaica.

Herem - Excomunhão, banimento. Spinoza, Uriel Acosta e Sabetai Tzvi são famosos excomungados da congregação judaica.

Het-adnessed - Casa de orações.

Hillel - também chamado Hillel, o antigo ou Hillel, o Grande, um dos maiores doutores da

Torah. Acredita-se que tenha falecido no ano 10 da era cristã. Hillel é autor das famosas Sete Regras de Interpretação que devem orientar a interpretação dos comentários das Santas Escrituras.

Histradrut - Federação Geral dos Trabalhadores, fundada em 1920, para cuidar do bem estar dos trabalhadores e providenciar empregos através da criação de cooperativas no setor industrial e colocação de mão-de-obra nas colônias agrícolas cooperativistas.

Holocausto - plano criminal de liquidação da comunidade judaica européia, organizado pelo regime nazista da Segunda Guerra Mundial (1939/1945), durante o qual foram assassinados 6 milhões de judeus, inclusive 1,5 milhão de crianças. em hebraico, shoah.

Irgun ou **Irgun Zvai Leumi** - Ala militar clandestina do movimento revisionista em Israel, fundada em 1937 pelos membros de Beta - Organização Revisionista na Palestina. Núcleo muito ativo durante a luta pela independência.

Islã - palavra árabe, e que, literalmente, designa “abandono em Deus” ou melhor, “resignação”. Sistema religioso fundado por Maomé. Em sentido comum designa o conjunto dos países que seguem a religião maometana.

Israel - Significa, em hebraico, “aquele que tem lutado com Deus e vencido; o vocábulo deriva de Sara, lutar, e El, Deus. Nome dado a Jacó pelo anjo de Deus, que o confirma a seguir. As letras de Israel, em hebraico, fazem alusão aos patriarcas e às matriarcas do povo judeu: I = Iacov; S = Sara; R = Raquel; A = Avraham; L = Lea. Hoje, é o nome do país dos judeus.

Judaísmo Conservador - Termo usado nos Estados Unidos para o culto judaico que modifica a Lei para atender às necessidades modernas, ao mesmo tempo, que evita as mudanças em abundância do judaísmo reformista.

Judaísmo Ortodoxo - Judaísmo tradicional baseado no estrito cumprimento da Lei.

Judaísmo reformista - Culto judaico que modifica a Lei para atender às necessidades modernas. Teve início na Alemanha com Israel Jacobson, que encurtou o ofício e introduziu o vernáculo, utilizou o órgão, e instituiu a cerimônia da confirmação em grupo.

Kabalah - misticismo judaico, cujo estudo floresceu nas casas de estudo que se espalharam por todo o território israelense, após a Diáspora. Tratado filosófico e religioso hebraico, que

pretende resumir uma religião secreta que se supõe haver coexistido com a religião popular dos hebreus. Designa também o conteúdo deste tratado, particularmente a decifração de um sentido secreto da Bíblia e uma teoria sobre o simbolismo das letras e dos números. A Kabbalah foi por Moisés transmitida aos Profetas, passou para os tanaítas (2º século depois de J.C.). e vai lançar suas raízes nas audaciosas interpretações dos primeiros capítulos do Gênesis, na visão de Ezequiel e no Cântico dos Cânticos.

Kadish - Santificação, consagração; prece em arameu, redigida na época do Segundo Templo. oração agradável a Deus, reiterando a Santidade de Deus e de seu Reino. A variação Kadish Yatom é recitada em favor do falecido nas cerimônias fúnebres, e trata-se de uma obrigação específica dos filhos.

Karfameinskaia e Kazatchock - danças populares dos camponeses russos. A kazatchock era executada por meio de sapateados.

Kasher - Adequado para comer, limpo. Comida que segue as leis dietéticas judaicas; proíbe a ingestão de animais que estiveram doentes, bem como a ingestão de sangue; entre outras coisas, proíbe carne de porco, peixe com escamas e mistura de carne com derivados de leite; o peixe pode ser preparado com leite e seus derivados.

Kashrut - Adequação; nome derivado do adjetivo Kasher, que geralmente é traduzido como 'ritualmente aceitável'. As leis Kasher estabelecem basicamente o que é permitido na alimentação, bem como o modo de preparação e conservação de comidas e bebidas. Baseadas em citações bíblicas (Gênesis, Levítico, Deuteronômio), do Talmud e da Mishnah, tais leis incluem preceitos higiênicos, sanitários, estéticos, folclóricos, psicológicos e éticos.

Ketubah - Contrato de casamento judaico.

Kibbutz - Grupo, colônia coletiva; de origem iídiche, trata-se de uma estrutura social e econômica que surgiu da sociedade pioneira do início do século XX e acabou se tornando um modo de vida rural, pois é uma colônia agrícola ou pequena fazenda coletiva, baseada em princípios igualitários (democracia) e comunitários (socialismo). Plural, kibbutzim.

Kibbutzniks - membros dos kibbutzim, que surpreendentemente representam menos de 3% da população de Israel, embora nas áreas rurais formem 1/3 dos habitantes locais. A

maioria dos membros dos kibbutzim primitivos era originária da Europa Central e Oriental, mas, hoje, a vasta maioria é nascida em Israel. Comumente são mais jovens que a população em geral, suas famílias são numerosas e 90% vivem em comunidades que hoje alcançam até a terceira geração de uma típica família multigeracional.

Kidush - Santificação. Bênção feita com vinho, que precede o Shabath ou repasto de uma festividade. Expressa a gratidão de Israel a Deus, agradecendo-lhe o ter, com sua benevolência, dignificado o povo de Israel ao lhe conceder o Sábado sagrado, lembrança da Criação e da Libertação do Egito. A variante Kidush Ha'Shem é a Santificação do Nome, a morte como mártir.

Kippah ou **Yarmulka** - casquete que é o sinal mais comum do judeu religioso; não há um tamanho universalmente reconhecido para os 'yarmulkas' e pode-se encontrá-lo sob vários estilos, cores e materiais utilizados. Muitos interpretam a cobertura da cabeça como um sinal de humildade perante Deus, e aceitação de sua supremacia. Atualmente, seu uso é matéria de discussão e debate: enquanto alguns usam até para dormir, outros consideram seu uso necessário somente nas orações e cultos religiosos.

KKL - fundo nacional judaico, criado em 1901, para adquirir terras a serem repassadas para o povo judeu na Palestina, como arrendamentos hereditários, transformados em terras aráveis e férteis após séculos de abandono.

Knesset - Assembléia, reunião; parlamento israelense, composto de 120 membros eleitos a cada 4 anos. A Assembléia Nacional tem sua sede no edifício inaugurado em 1966, cuja construção foi financiada por James Rothschild, com colaborações artísticas de Marc Chagal, Dani Caravan e David Palumbo.

Kria - Ação de rasgar as vestes em sinal de desespero e humildade perante a vontade de Deus.

Kupat Holin Klalit - o mais importante seguro de saúde de Israel. Era, no início, um fundo criado por trabalhadores para financiar o salário de médicos itinerantes. Hoje, atinge a maior parte da população, que tem acesso a hospitais, centros médicos e casas de convalescença.

Lei Oral - Torah Shebe al Pe, Leis não escritas. De acordo com a tradição, Moisés recebeu

instruções divinas que não se incorporam ao Pentateuco, sendo transmitidas a Josué, aos anciãos, aos profetas e aos homens da Grande Sinagoga, sendo recolhidas no ano 20 a.C. pelo rabino Yehuda Ha’Nasi. Leis não aceitas pelos judeus caraitas; contraposição à Torah escrita ou Bíblia; primeira forma escrita encontrada na Mishnah.

Likud - partido conservador, segundo maior de Israel, opondo-se ao partido trabalhista.

Macabiadas - são as ‘Olimpíadas Judaicas’, realizadas a cada 4 anos, que reúnem atletas judeus de todo o mundo. Além das Macabiadas, existem outras organizações esportivas: Betar, criada em 1924; Hapoel, em 1926; e Elizur, em 1939. São usados recursos provenientes da loteria nacional para financiamento de instalações, atividades e premiação esportiva. Deriva do vocábulo Makeb, Makabá ou Makébet, martelo, isto é, valoroso, ilustre guerreiro. Alusão a Judas Macabeu.

Maccoth - uma das subdivisões do Talmud. Contém as disposições relativas aos crimes, delitos e contravenções.

Maktub - Estava escrito. Vocábulo árabe. Particípio do verbo katba (escrever). Expressão característica do fatalismo muçulmano. Significa: Tinha que acontecer.

Maguid - Narrador, predicador. Pregador do hassidismo. No seu empenho em conquistar prosélitos o maguid vai de comunidade em comunidade, ensinando e proferindo sermões.

Malamed - professor.

Marranos - Judeus secretos, falsamente convertidos ao cristianismo sob a Inquisição espanhola.

Maskil - Membro do Iluminismo judaico ou hascalah.

Massada - última fortaleza dos zelotes judeus, situada na montanha do mesmo nome, a oeste do Mar Morto. Invadida pelos romanos em 73 AC. Por serem encontrados mais de mil cadáveres, tornou-se símbolo da determinação dos judeus em morrerem livres na sua própria terra.

Massorético - Palavra usada para definir a tradição acolhida para a correta grafia e pronúncia da Bíblia.

Matzeivah - Túmulo, enterro; termo utilizado, em geral, para a cerimônia de inauguração

da pedra tumular, o que ocorre, geralmente, no 30º dia após o enterro, ou, ainda, no primeiro aniversário deste; na ocasião, recita-se o Kadish.

Meir - Foi o maior didata de Torah que se pode assinalar em Israel. Viveu esse rabi no II século depois de Jesus Cristo. Teve por esposa a sábia e piedosa Beruria, filha do Rabi Charinia. No conto Resignação (in Lenda do Bom Rabi. Col. Saraiva, nº 12. São Paulo, Saraiva, 1951.) a nobre e santa atitude de Beruria, a mãe israelita, exaltada pelos mais sábios rabis como modelo de perfeição.

Menorah - candelabro de sete braços (símbolo dos hebreus desde a época mais antiga), representa a fé e a esperança que nutriram o povo por mais de 5 mil anos (através do martírio), na sua missão de defender a religião da justiça entre os homens. Em frente ao Knesset encontra-se um gigantesco menorah de bronze, decorado com 29 cenas históricas de Israel, gravadas em baixo relevo por Beno Elkian.

Meribah - Nome de uma localidade, situada no deserto de onde o povo sedento se levantou contra Moisés proferindo imprecções contra Deus. Moisés confirmando o sentido divino de sua missão fez a água pura surgir milagrosamente brotando da rocha viva.

Mesquita - Local de culto religioso dos muçulmanos, que rezam voltados para Meca (direção indicada pelo nicho - Mihrab - na parede do templo). As orações acontecem 5 vezes ao dia, envolvendo homens e mulheres, em separado, sapatos removidos e abluções realizadas antes do início das orações. O Iman dirige o culto, realizado à tarde das sextas feiras, dia do descanso, acompanhado de sermão público.

Mezuzah - Símbolo religioso colocado à direita do umbral das casas, edifícios públicos, sinagogas; seu uso costumeiro data do período da escravidão no Egito, e há desacordo sobre seu significado: alguns acreditam que ele protege as casas, outros que protegem seus habitantes do pecado e outros, ainda, acreditam que ele é uma lembrança ou um aviso da insignificância dos afazeres diários, comparados à grandeza de Deus. É comum beijar-se os dedos após tocar a Mezuzah, que pode ser de madeira, metal, plástico, pedra, cerâmica ou mesmo de papel, contendo um pergaminho com os dois primeiros versículos da Shemah e à palavra Shaddai ('Deus Todo-Poderoso') no verso.

Midrach - Estudo, investigação e interpretação dos textos sagrados; designa a exêgese bíblica baseada no método de Drash, que é uma análise minuciosa do texto bíblico, verso

por verso e, às vezes, letra por letra.

Midrach Rabba - grande Midrach; nome dado a uma vasta coletânea de interpretações haggádicas, relativas aos cinco livros do Pentateuco, e também ao “Cântico dos Cânticos”, Eclesiastes, Provérbios, Rute e Ester.

Midrach Tanchouma - coletânea de comentários sobre temas folclóricos do Pentateuco. Essa coletânea é atribuída ao Rabi Tanchouma, que viveu no IV século.

Mikrah - era o primeiro grau do ensino da ‘Casa de Estudos’, cuja divisão inferior recebia, antigamente, crianças de 6 a 10 anos.

Minoura - Festival que acontece depois do último dia da Páscoa, muito celebrado pelos judeus do norte da África. Sua origem é desconhecida, mas sua temática é a confiança em Deus e a paciência em esperar o Messias. Simboliza amizade e fraternidade.

Minyan - grupo de orações públicas, formado por, no mínimo 10 homens (maiores de 13 anos). Os judeus rezam 3 vezes ao dia: de manhã, à tarde e à noite, com orações adicionais no Shabath (sábado) e datas religiosas. Os serviços religiosos podem acontecer em qualquer lugar, e os judeus, freqüentemente, arranjam encontros informais para os serviços diários nos locais de trabalho, nos centros de estudos e nas residências.

Mishnah - do verbo Shano, repetir, ensinar, e, ao mesmo tempo, do número shnaim, dois; versão compilada da Lei Oral judaica. Coletânea de decisões, interpretações e comentários sugeridos aos doutores da Lei pelos textos bíblicos. A Mishnah é dividida em seis ordens: Zeraim (grão), Moed (festas), Nashim (família), Neizikin (relação entre os homens), Tohoroth (leis e proibições) e Kodachnim (cerimônias religiosas). Cada uma dessas ordens admite diversas subdivisões. A Mishnah é principalmente a obra dos Tanaim, ou melhor, dos tanaítas. É a primeira compilação escrita de lei oral judaica, codificada por volta do ano de 210, para a qual foram dedicados 400 anos de esforço coletivo. Designa, também, o período intermediário (10 a 15 anos), em que se estudava a lei oral, que compreendia leis civis, penais e comerciais. O vocábulo mishnah, por sua derivação, significa repetição e segunda lei.

Mohel - Aquele que executa a circuncisão.

Moshav - Cooperativa de pequenos proprietários em Israel. Vila agrícola na qual cada

família mantém sua própria casa e fazenda. A cooperação consiste na aquisição e comercialização dos serviços comunitários: os 400 moshavin, que respondem por 3,5% da população, reúnem em média 60 famílias cada um. Seus princípios básicos são: 1) a terra pertence ao Estado; 2) ajuda mútua entre seus membros; 3) trabalhe por você mesmo; 4) sistema coletivo de venda; 5) terra e água igualmente divididas entre os membros. O primeiro moshav foi construído em 1921.

Mossad - serviço secreto israelense, criado em 1953; é considerado um dos mais eficientes do mundo.

Muro das Lamentações - Muro ocidental do Templo de Jerusalém, único remanescente da parede de arrimo do Segundo Templo; foi descoberto durante as escavações do bairro hebraico, depois da guerra dos 6 dias. O Muro mede 7 metros de largura, e era parte da fortificação que o rei Ezequias construiu às voltas da cidade em 701 A. C. Também chamado de Muro Ocidental, é o foco de orações e anelos dos judeus em diáspora, que sonham com a peregrinação de volta à Palestina, ao pronunciar as palavras ‘o ano que vem, em Jerusalém’.

Nagid - Príncipe, chefe; título dos chefes leigos das comunidades judaicas no Egito e na Espanha, desde o século XI até 1520.

Nasi - Presidente do Sinédrio; um príncipe judeu; um descendente de Hillel, reconhecido pelo patriarca judeu.

Nedarim - uma das divisões do Talmud, que se refere a regras concernentes aos votos pessoais.

Nome de Deus - O judeu, ao invocar o nome de Deus, diz Santo e não Jeová. O nome de Deus só era pronunciado uma vez em cada ano, no Templo, pelo Sumo Sacerdote, quando abençoava o povo no dia da expiação. Os israelitas, como demonstração de respeito e fé, substituíam o sublime Jeová por Adonai (Senhor). Deriva-se o vocábulo Jeová da forma Haja ou Hava que exprimia existir, ser. Lê-se no Êxodo (III 14): E disse Deus a Moisés: “Serei o que Serei”. Afirmam os estudiosos da Cabalá que era difícilíssima a pronúncia da voz Jeová pelos hebreus: a excelsa palavra era representada na escrita, por quatro letras, cada uma das quais possuía certo poder mágico e atributos cabalísticos. Os Iniciados (como Salomão e os sábios); segundo a lenda, traziam o Nome Inefável gravado num anel, e com

esse signo operavam prodígios. Tal é a origem do chamado ‘Signo de Salomão’. Outros vocábulos que empregavam os hebreus para indicar o nome de Deus: ”Elohah” (no singular), Elohim (no plural); Schaddai ou Shammah, onipotente; El, o forte.

Palmach - O setor da Haganah que funcionava em tempo integral, sem nunca se desmobilizar. Criado em 1941, em colaboração com o Comando das Forças Britânicas no Oriente Médio, estava designado para lutar contra o exército alemão caso este invadisse Eretz Israel (Palestina); as primeiras unidades foram treinadas em técnicas de guerrilha e sabotagem, por oficiais britânicos; o Palmach passou para a clandestinidade, desenvolvendo sua luta pela liberdade de imigração e independência; ao começar a Guerra de Libertação, o Palmach era a principal força combatente, posta em ação na maioria das frentes. Palmach significa as iniciais hebraicas de Plugot Maharatz, Batalhões de Choque.

Parábola - Do grego parabolé. Apresentava Jesus os seus ensinamentos sob a forma de parábolas. Etimologicamente, parábola significa semelhança, aproximação, analogia desenvolvida. No Antigo Testamento designa uma forma especial, um gênero de apólogo desenvolvido. É uma narração quase sempre fictícia, que exprime simbolicamente uma verdade religiosa e em que entram, como principais agentes, seres ou hábitos da vida humana; método empregado no discurso, por meio do qual as verdades morais ou religiosas se ilustram por analogia aos fatos da vida comum.

Parnas - Amparar. Pessoa que sustenta material e moralmente a sinagoga; presidente eleito de uma comunidade que mantém a sua sinagoga.

Pesikta Rabbathi - coletânea de comentários tirados da Torah e dos Profetas. Acredita-se que tenha sido redigida por volta de 845.

Pessach - ‘passagem’, em hebraico. Refere-se à Páscoa judaica. Na época pré-mosaica, era a festa da primavera dos pastores nômades. Posteriormente transformou-se em memorial da saída do Egito, ocorrida no dia 14 do mês de Nissan. É também considerado festa da primavera, pois sua data coincide com a primavera em Israel; a comemoração dura oito dias, sendo, o primeiro e o último, dias festivos.

Pidiyon Ha’ben - Cerimônia de resgate do filho primogênito. Originou-se da crença que os primogênitos pertencem a Deus. Não são obrigados ao resgate os filhos de pais kohen, nem aqueles cuja mãe não é judia ou tenha sofrido anteriormente um aborto com mais de quatro

meses de gravidez; a cerimônia ocorre após trinta dias do nascimento.

Pilpul - Um debate ou disputa talmúdica, normalmente minuciosa em excesso.

Pirké Aboth - veja: Aboth.

Piyut - Poesia litúrgica em hebraico, adicionada ao ritual a partir do século VII a.C.; seus compositores são chamados Paytanim, cuja raiz é a mesma da palavra poeta.

Pope - padre ortodoxo de grande prestígio no regime czarista. O pope, nas aldeias do interior, era a segunda autoridade, depois do puritz.

Portas - oito portas foram construídas nas muralhas da cidade de Jerusalém: 4 são principais, porque direcionadas às principais cidades: Jaffa, Damasco, Sião e Porta dos Leões; as outras são Porta Nova, de Herodes, do Esterco e Porta Dourada ou da Compaixão, selada pelos árabes há séculos - é por ela que o Messias entrará em Jerusalém, diz a tradição judaica.

Purim - Sorte. Lembra o édito que permitiu aos judeus exilados na Babilônia retornarem à Palestina, episódio protagonizado pela rainha Esther; - judia casada com o rei Artaxerxes (Assuero); celebrado no décimo quarto dia do Adar, relembra a história da luta pelo poder que mescla tanto a autoridade secular quanto o compromisso religioso. Apesar de sua seriedade e relevância, a comemoração é envolvida por uma atmosfera de alegria e carnaval, com fantasias, comidas e bebidas típicas (“Haman’s ears”, “Osnei Haman”). O vocábulo purim deriva de pur, sorte, porque o dia escolhido para extermínio dos judeus, que ocorreria no reino de Esther, foi escolhido por sorteio promovido por Amã, o inimigo dos judeus. Na comemoração do Purim, lê-se, na sinagoga, a Meguillah Ester (Livro de Ester, contido na Bíblia) - rolo contendo a estória desta rainha e sua intervenção ao salvar os judeus.

Puritz - o príncipe. Nome dado ao antigo governador de uma ou mais aldeias russas. O puritz era, perante a comunidade local, senhor absoluto e tinha o direito de vida e de morte sobre qualquer de seus súditos.

Qumran - designa as ruínas do antigo estabelecimento monástico habitado por antiga seita hebraica, os essênios, que entre 11 A. C. e 70 D. C. viveram em comunidade, segundo modelos, doutrinas e rituais muito semelhantes aos cristãos. Local onde foram encontrados

os manuscritos do mar Morto, num esporão rochoso a noroeste do mar Morto, e que foram redigidos em hebraico antigo, grego e aramaico, anteriores aos mais antigos textos do Antigo Testamento; estes textos foram descobertos na primavera de 1947, por acaso, por alguns beduínos.

Rabi - título com que são, em geral, designados os sábios religiosos (talmudistas), os chefes das escolas ou das comunidades. No tempo de Jesus esse título era empregado em sinal de simples cortesia ou de respeito. Nos últimos tempos, devido à dissolução do culto no templo, a autoridade, em assuntos religiosos, passou às mãos dos letrados, e o título de Rabi ou rabino passou a ter uma significação oficial, restringindo-se sua aplicação às pessoas autorizadas a resolver questões legais ou de rito. O título rabino é conferido atualmente em caráter oficial, aos ministros do culto mosaico. Na Babilônia, o título correspondente é Rab ou Rebe. No Evangelho (S. João, XX, 16) vemos Jesus receber o título de raboni, ao qual o comentarista escreve a nota: “Raboni quer dizer mestre”.

Rabino - não é um sacerdote ou um intermediário entre as pessoas e Deus, mas, sim, um título teológico de formação secular, obtido pelo empenho nos estudos do candidato ao rabinato. O rabino deve ter diploma universitário e ser formado em filosofia, história e literatura, além de ter freqüentado um seminário rabínico.

Rebe - Mestre, em yidish.

Região delimitada - As vinte e cinco províncias czaristas, onde se concedia aos judeus russos residência permanente.

Responsum - Respostas autorizadas a pergunta de natureza legal. A literatura da Responsa inclui cerca de 40.000 trabalhos, e proporciona importante fonte sobre história econômica e legal dos judeus; atualmente, conselhos rabínicos dos Estados Unidos e de Israel se pronunciam sobre assuntos e problemas modernos, ampliando o material da Responsa; existem projetos de codificação deste material na Universidade de Bar Ilan em Ramat Gan - Israel, que pretende revisar e unificar toda esta literatura.

Retorno (Lei) - de 1950, garante a cada judeu o direito de retornar a Israel e, ao chegar, adquirir automaticamente sua cidadania. É a expressão legal do ancestral sonho de retorno, baseado no Programa de Basiléia (1897), Mandato Britânico (1920) e da Declaração de Independência de Israel (1948).

Rosh Ha'Shanah - é o ano novo judaico, que se inicia com o aparecimento da primeira estrela no céu entre o primeiro e o segundo dia do mês Tishri; comemora-se nesta data, segundo a tradição, o dia em que o mundo foi criado; é o início dos dez dias de penitência, período em que a humanidade se submete ao julgamento perante o trono celestial, e que termina com Yom Kippur - o dia do Perdão; o ano judaico inicia-se por volta do final de setembro do calendário gregoriano ou civil, e tem 3760 anos a mais que este calendário - ou seja: a contar pelo calendário judaico, Jesus 3760 anos após a criação do mundo.

Sabbat (Shabath) - Cair da noite de sexta-feira até o escurecer do Sábado; dia semanal dedicado à adoração divina, preconizada nos Dez Mandamentos; no dia de sábado - sabbat, não devem os judeus fazer nem mandar fazer qualquer trabalho, seja qual for a sua natureza, nem mesmo a preparação de alimentos.

Salmos - Livro da Bíblia composto dos cânticos, em quase sua totalidade, atribuídos ao Rei Davi (séc. XI a. C.); é o primeiro da terceira grande divisão da Bíblia, conhecida como Ketuvim e que abrange, ainda, os livros de Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas, todos livros de pura exaltação ao Criador.

Salomão - Último rei de Israel unido. Muito antes de subir ao trono de seu pai Davi, Salomão já era admirado pela inextinguível sabedoria; construiu o Templo de Jerusalém; sua riqueza foi imensa, e seu harém contava com 200 mulheres. Pai de Menelik - fundador da dinastia etíope e primeiro rei dos falachas.

Samaritanos - consideram-se os verdadeiros judeus, fiéis apenas à Torah e sua continuação imediata, o livro de Josué; dizem ser descendentes das tribos dos filhos de José, Ephraim e Menahem, pequenos grupos não exilados pelo rei Sargão da Assíria. Acreditam que o verdadeiro templo estava localizado na Samaria, no monte sagrado de Guerezim, junto à Siquém; falam árabe no dia-a-dia e usam a forma arcaica do hebraico.

Sanhedrin - Assembléia; supremo conselho dos judeus, equivalente ao Senado dos gregos e romanos; corpo legislativo e judiciário, organizado em Iavne e depois em Tiberíades, para reconstruir a vida institucional e comunal dos judeus e do judaísmo, após a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos em 70 D. C.

Santo - Os judeus não pronunciam o nome de Deus, e quando se referem ao Criador dizem

o 'Santo'.

Scholen Aleichem - a paz sobre voz. Saudação.

Sefaradin ou sefaraditas - de Sepharad, Espanha; descendentes dos judeus que, após serem expulsos da Espanha e Portugal no século XV, estabeleceram-se em vários países europeus - Holanda, Itália, Grécia, Bulgária e Turquia, de onde imigraram para Israel em épocas diversas, em grupos ou individualmente.

Shabath - veja Sabbat.

Shabteano: Seguidor do falso Messias, Shabtai Tzvi.

Shadhen - Casamenteiro; na sociedade antiga, cumpriu função prática e útil como intermediário entre as famílias com filhos na idade de casar.

Shalom - Paz, serenidade; considerada, entre os antigos hebreus, como bênção principal e uma das principais virtudes, transformou-se na forma de cumprimento usual entre os judeus, além de outras como Boker-Tov (Boa Manhã), Boker-Erev (Boa Tarde), Laila-Tov (Boa Noite) e Shanah-Tovah (bom ano novo).

Shamash - Aquele que serve; servente religioso de sinagoga.

Shanah - Ano.

Shavuot - Pentecostes, a festa das Semanas. Também, a festa da entrega das tábuas da lei de Moisés. Para agradecer uma feliz colheita, a festa ocorre no sexto dia do Sivan (maio/junho) e tem particular significado nos kibbutzim e moshavim. Frequentemente ocorrem jogos, as pessoas vestem roupas brancas e comem alimentos derivados de leite; a primeira colheita é jogada e queimada. Uma das festas máximas do judaísmo, pois comemora o início da colheita e a outorga da Torah, ou seja, o recebimento dos presentes do céu e da terra.

Sheitl - Peruca usada por mulheres ortodoxas quando estão em público.

Shekel - Siclo de prata, unidade monetária de Israel, conhecida no Segundo Milênio A. C. como unidade de peso para pagamento com ouro e prata (Gen. Cap. 23);

Shekinah – (hebraico) Morada; a presença divina de Deus no mundo.

Shevat - Décimo-primeiro mês judaico, correspondente a janeiro/fevereiro do calendário cristão; no décimo quinto dia de Shevat, comemora-se o Ano Novo das árvores; o costume recomenda alimentar-se de frutas e nozes, especialmente Carob Fruit. Desde a independência, o dia é dedicado ao plantio de árvores.

Shiksa - Jovem gentia.

Shloshim - período de luto, com duração de trinta dias após o enterro, em que são realizadas cerimônias religiosas em homenagem do falecido.

Shnorrer - Mendigo, miserável. Um pedinte profissional.

Shofar - Trombeta de chifre de carneiro de uso litúrgico, usado para anunciar a vinda do Messias; a tradição considera seu toque como a chamada à Israel dos judeus dispersos.

Shabath – sétimo dia, considerado sagrado e de descanso obrigatório para os judeus.

Shohet - Aquele que conhece e executa o abate ritual de animais.

Shtetl – vilarejo, cidade pequena; aglomeração judaica típica da Europa Oriental.

Shulhan Arukh - Mesa posta; título mais popular da compilação das leis rabínicas em forma de código, de Joseph Caro, cuja primeira edição aparece em Veneza, em 1565.

Shuma - Confissão judaica de fé (Deuteronômio 6,4)

Sidur - Ordem da oração; livro de rezas.

Sinagoga - Termo grego que corresponde a convocação. Organização religiosa israelita ou a sede dessa organização. Local do culto religioso dos judeus, composta por um quorum mínimo exigido para o culto tradicional ortodoxo, de 10 homens adultos (Minyan); os serviços são realizados 3 vezes ao dia, homens e mulheres separadamente e de cabeças cobertas. O ponto central de uma Sinagoga é a Arca Sagrada, voltada para o Templo de Jerusalém e que contém os pergaminhos dos 5 livros de Moisés - o Pentateuco ou Torah - do qual se lê uma parte em cada semana. Nela, também se realizam estudos religiosos (por jovens e velhos), encontros do Conselho Comunitário e da Corte Rabínica. Algumas já englobam uma padaria (para produzir o pão especial de Páscoa: Matzah), um banho ritual - 'Mikvah' , acomodações para viajantes e outras atividades comunitárias, como grupos de jovens, viúvas, terceira idade, etc. Construídas em estilos diferentes, seus símbolos externos

geralmente são o Menorah e a Estrela de Davi.

Sinédrio - veja Sanhedrin.

Sukkot - Festa dos Tabernáculos (Cabanas); relembra a forma de moradia dos israelitas após a saída do Egito; comemora-se habitando-se durante 8 dias em cabanas; é uma festa feliz, e marcava o final da colheita das frutas.

Tahanith - Jejum; o jejum ritual judaico inclui abstenção sexual, e, eventualmente, até calçar sapatos; O Talmud contém o tratado Tahanith, que trata dos jejuns, ao passo que a Meguilah Tahanit relaciona os dias em que o jejum é proibido.

Talit - Xale de rezas, manto ritual. Também chamado “Alkanfei”, que significa sobre as omoplatas”; a variante Talit Katan (pequeno talit) é usado permanentemente sob a roupa dos judeus religiosos, e tem quatro franjas chamadas tzitzit.

Talmud - do hebraico “Limud” = ensino, estudo. É o corpo de leis e saber judaicos, completado aproximadamente no ano 400 d.C.; é a base da autoridade haláchica, contendo doutrina e jurisprudência da lei mosaica, com explicações dos textos jurídicos do Pentateuco e da Mishnah. Escritos principalmente das épocas de exílio, conhecem-se os Talmuds de Jerusalém e da Babilônia, sendo este o mais difundido; contém duas partes distintas: a Halachah (lei) e a Hagadah (narração) - a primeira contém os estatutos da Lei Oral (Mishnah) e, a segunda, comentários (Guemarah), ensinamentos a partir de lendas, alegorias, parábolas e reflexões. O Talmud e a Torah são os dois principais livros do judaísmo.

Tanaim - Vocábulo aramaico que significa Mestre, aquele que ensina; eruditos rabínicos do período da Mishnah; refere-se ao ensino da Lei Oral; o período dos tanaítas começa com Hillel, o Ancião, e Shamaï (fins do século I d.C.), e vai até à morte do rabi Judah Ha’Nasi - compilador da Mishnah.

Targum - Versão; a tradução aramaica da Bíblia hebraica, em cujo texto baseou-se a versão grega denominada Bíblia dos Setenta.

Tefillin - Filactérios; segundo orientações do Torah (Êxodo e Deuteronômio), durante o serviço matinal (Shaharit), os homens devem usar esse acessório ritual no vestuário; compõe-se de duas caixinhas de couro contendo quatro trechos do Pentateuco; Tefillin She

Yad é a correia usada em volta dos braços e da mãos e Tefillin Shel Rosh é a pequena casquete usada na cabeça; ambas incluem uma parte chamada Bayt: a primeira protege os braços e o corpo e, a segunda, a mente. O Tefillin protege a pessoa toda - o corpo, coração e mente - juntos, para a adoração de Deus.

Torah - o Pentateuco de Moisés; a lei mosaica; o sagrado rolo da lei, tábua eterna do Sinai, pergaminho imenso e venerável; o livro que encerra o Pentateuco (os 5 primeiros livros do Antigo Testamento: Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; todo o corpo da Lei e do ensinamento judaico. Em sentido amplo, designa 'lei', 'ensinamento'. Em linguagem corrente, pode designar apenas o Pentateuco, que é a Torah de Moisés. Os cinco livros, chamados legais, do Antigo Testamento, formam o Pentateuco - do grego pente, cinco e teucos, volume.

Toseftá - Compilação dos ensinamentos dos tanaim relacionados com a Mishnah; suplemento da Mishnah; tema de comentários.

Yalkut - Coletânea de comentários, lendas e anedotas colhidas no Talmud e no folclore israelita.

Yeshivah - Escola rabínica. A rosh yeshivah é o cabeça dela.

Yidish - sob esse nome (derivado do alemão Judisch – Judeu) é conhecido o idioma que falam os judeus da Rússia (e dos países que integravam a antiga Rússia Imperial), da Polônia, da Romênia, da Áustria, da Hungria, e também, aqueles que emigraram para a América. Em Yidish são publicadas centenas de jornais e revistas, obras literárias e até livros científicos.

Yishuv - Coletividade, povoamento; a comunidade judaica em Eretz Israel antes da criação do Estado.

Yom Kipur - Dia do Perdão; festa máxima dos judeus, último dos dez dias de penitência iniciados em Rosh Ha'Shanah; festa altamente religiosa, quando estão proibidas todas as tarefas. À chegada de Yom Kipur, cada judeu deve estender a seu inimigo a mão da reconciliação, esquecendo ofensas recebidas e desculpando-se por aquelas praticadas. O jejum de Yom Kipur é rigoroso.

Yoma - O dia - Subdivisão do Talmud que contém as determinações relativas ao dia da

expição.

Zaddick - Líder hassídico ou homem santo.

Zohar - Brilho; Livro principal da Cabalá espanhola; comentário místico de Pentateuco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEGERTER, Emmanuel. *As grandes religiões*. São Paulo: DIFEL, 1936.
- ARMOND, Edgar (coord.) et al. *Escola de aprendizes do Evangelho*. 13 ed. São Paulo. Editora Aliança. 1992.
- ASSUMPTÃO, João C. *Ortodoxos questionam identidade judaica*. Folha de S. Paulo, 04, maio, 1997. Caderno 1, p. 26.
- ATLAS da história do mundo. 4. ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1997.
- BERG, Len. *Guerra agrava drama de etiopes em fuga para o Sudão*. Folha de S. Paulo, 3 mar. 1985. P.43
- BÍBLIA Sagrada. 116. ed. rev. São Paulo: Ed. Ave Maria; 1998.
- BONDER, Nilton. *Idiche Kop: O segredo judaico de resolução de problemas*. 8. ed. São Paulo: Imago . 1995.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BUTCHER, Margareth J. *O negro na cultura americana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- CAMPOS, Haroldo. *A harpa davídica e a poesia em Israel*. Folha de S. Paulo, 14 abr. 1996. Caderno 5, p.12.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO DE ISRAEL “Realidades de Israel”. Jerusalém: Ellen Hirsh, 1996. p. 113
- CONTI, Maria Lígia. *África Negra – a partilha*. Sorocaba/SP: UNISO/NUCAB, 1994. mimeo.
- CORREA DO LAGO, Pedro. *Oswaldo Aranha, judeus e verdade histórica*. Folha de S. Paulo, 10 dez. 1997. Caderno 1, p.3.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros estrangeiros*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DATLER, Frederico. *Léxico Bíblico*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1972.
- DICIONÁRIO La Rouse du XX Siecle. Rio de Janeiro: Delta, 1960. v. 3
- DJAMAL, Tev. Tishá b’Av: o dia mais triste do calendário judaico, *in Morashá*, nº 21, jun.1998, p. 10-12, trim.
- DJAMAL, O que é a Tora Oral?, *in Morashá*, nº 23, dez.1998, p. 20-23, trim.
- ENCÍCLICA de Pio XI Condena anti-semitismo. Folha de S. Paulo, 19 abr. 1998. Caderno 5, p. 7.
- ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britannica do Brasil, 1994. v. 9.

- ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. São Paulo: Mérito, 1962. v. 8.
- ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1960. v. 3.
- ENCICLOPÉDIA Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Verbo, 1986. v.21
- ENCICLOPÉDIA Universal Ilustrada. Madri: Epasa – Calpe, 1924. v. 23
- ENCICLOPÉDIA Universale Illustrata. Milano: Casa Ed. Dottor Francesco Vallardi, s.d., v. 9
- ERG, Len. *Guerra agrava drama de etíopes em fuga para o Sudão*. Folha de S. Paulo, 03 mar. 1985. p. 31.
- FARAH, Paulo Daniel. *Iêmen adota pena de morte pelo turismo*. Folha de S. Paulo, 2 ago. 1998. Caderno 1, p. 24.
- FELINTO, Marilene. *Visões do negro*. in Folha de S. Paulo, 19 mar. 1995. Caderno “Mais”, p. 4.
- GEOGRAFIA ilustrada Abril Cultural. São Paulo: Abril ,1973. v. 5.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História do mundo árabe medieval*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1976. 380 p.
- GRAN Enciclopédia del Mundo. 3. ed. Bilbao: Durvan, 1966. 8 v.
- GROMIKO, A. A. et al. *As religiões da África: tradicionais e sincréticas*. Moscou: Ed. Progresso de Moscou, 1987.
- HAMILTON, Ruth Simms. *Criando um paradigma e uma agenda de pesquisas para o estudo comparativo sobre a dispersão mundial dos povos africanos*. Sorocaba,SP: UNISO/NUCAB, 1994, mimeo.
- ISRAEL - Revista de Atualidades culturais, empresariais e científicas São Paulo: Ed. Israel, v. 5, n.52, fev. 1997.
- ISRAEL, 1948/1998. Folha de S. Paulo, 23 abr. 1998. Caderno 10.
- JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. 2. ed. São Paulo: Imago, 1995.
- Judeus chineses desafiam a extinção*. Folha de S. Paulo, 15/nov/98, Caderno 1, p. 20
- KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- KONINGS, Johan M. H., ZILLES, Urbano et al. *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- LAKATOS, Eva. *Estrutura e organização social em Israel*. Osasco: Instituto de Pesquisas da Faculdade de Ciências Econômicas de Osasco,1970. (Cadernos de economia)
- LEAKLEY, Richard E. , LEWIN, Rogers. *Origens*. Brasília: Ed. UnB, 1982.
- LOBAGOLA, Bata Kindai Amgoza. *Lobagola*. São Paulo: Cultura Brasileira. s.d.
- LODS, Adolphe. *Los profetas de Israel y los comienzos del judaísmo*. México: Unión Tipográfica, 1958.
- LOPES, Helena Theodoro. *Negro e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade, 1987.

- MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MALBERGIER, Sérgio. *Partilha da Palestina completa 50 anos sem mapa definitivo*. Folha de S. Paulo, 29 nov. 1997. Caderno 1, p.5.
- MARCIANO, Gleice Barbara. *Etiópia*. Sorocaba: Uniso/Nucab, junho de 1997. mimeo.
- MORASHÁ, S.I. : Congregação e Beneficência Sefardi Paulista. v. 21 - 23
Morre líder espiritual. Folha de S. Paulo, 10 out. 1998. Caderno 3, p. 4.
- MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. S. Paulo: Anita, 1995.
 _____. *Quilombos, resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.
 _____. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989
Operação Moisés. Veja, São Paulo, p. 30-31, jan 1985.
- PAULA, Maria Helena Grohmann R. de. *Panorama atual da educação em Israel*. Revista de Estudos Universitários. Sorocaba,SP: UNISO, v.22, n.2, p.19-50, 1996.
- POLIAKOV, Léon. *De Maomé aos marranos*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
Protesto de judeus etíopes contra racismo deixa 30 feridos. Folha de S. Paulo, 29 jan. 1996. Caderno 2, p. 7.
- QUEIRÓZ, Suely Robles Reis. *Escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Ática, 1987.
- RAPHANELLI, Noely Z. Oliveira. *Judeus em Sorocaba: um resgate histórico*. Dissertação (Mestrado) - Centro de Estudos Judaicos da USP, 1998.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília: UnB, 1982.
- SALOMÃO. *Livro dos provérbios*. São Paulo: Ediouro, 1996.
- SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno dicionário Judaico*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SCLIAR, Moacyr. *A prosa judaica entre dois pólos*. Folha de S. Paulo, 14 abr. 1996. Caderno 5, p.13.
- SILVA, Antonio. *Grande dicionário da língua portuguesa*. S.l.: sn, 1945. v. 5.
- SILVA, Benedito (coord.). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1987.
- SILVA, Eduardo. *Um príncipe negro nas ruas do Rio*. Folha de S. Paulo, 19 mar.1995. Caderno "Mais", p. 8.
- SINGER, Isaac Bashevis. Quem somos nós, os judeus, **in** *Herança judaica*, nº 74
- SOBEL Henry I. *Judaísmo ganha um guia básico*. Folha de S. Paulo, 25 fev. 1998. Caderno 5, p. 5.
 _____. *Sinagogas vão além da religião*. Folha de S. Paulo, 28 ago. 1998. Caderno 8, p. 10.
- TAHAN, Malba. *Lendas do bom rabi*. São Paulo: Saraiva, 1951.
- TINQ, Henri. *Editora francesa lança no país versão da Bíblia anti-judaica*. Folha de S. Paulo, 17 set. 1998. Caderno 1, p. 14.
- VAINFAZ, Ronald. *Ideologia e escravidão*. Petrópolis, RJ: Vozes 1986.

VIEIRA, Álvaro Viotti. *De Harã ao Sinai*. Sorocaba: O autor, 1998.

_____. *Raabe*. Sorocaba, SP: B. S. Propaganda, 1997.

_____. *Sob o manto de Deus*. Sorocaba, SP: B. S. Propaganda. 1996.

VOGT, Carlos et al. *Cafundó: a África no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras. 1996.

WEBSTER dictionary. Cleveland: The World Publishing Company, 1953.

WEITMAN, David. O Rabino David Weitman responde, **in** *Morashá* n° 23, p. 36-38, dez.98, trim.

1.2.99

Gran Enciclopédia del Mundo, 1966, 3. ed.
O Holocausto Sefaradim. Revista “Shalom”.
op. cit., passim

Paul JOHNSON, “História dos Judeus”, p.621 s..

Reunião NUCAB, a identificar

Marilene FELINTO, in Folha de S. Paulo, Caderno “Mais”, 19 de março de 1995, p. 6-4.

Eduardo SILVA, “Um príncipe negro nas ruas do Rio” in Folha de S. Paulo, Caderno “Mais”, 19/03/95, p. 6-8.

MARCIANO, Gleice Barbara. “Etiópia”. Sorocaba: Uniso/Nucab, junho de 1997, mimeo.

apud PAREJA, “Islamologie”, p. 138.

Mário Curtis GIORDANI, “História do Mundo Árabe Medieval”, p. 286

Léon POLIAKOV, “De Maomé aos Marranos”, pg 12

W.SCHIMIDT, apud “As Religiões da África”, p. 11

“Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Lisboa: Verbo, 1986, v.21, p. 1257-58

A. GROMIKO et al, “As Religiões da África - Tradicionais e sincréticas”, trad. G.Mélnikov, ed. Progresso, 1987, p. 242

Mynian, composto por dez homens.

O aramaico.

(Península Ibérica) durante aproximadamente 700 anos.

Gran Enciclopédia del Mundo, 1966, 3ª Ed

Enciclopédia Ilustrada Epasa, Vol. 23, p.118/9

Ibidem, p. 21-22

“As religiões da África - tradicionais e sincréticas”, ed. Progresso, 1987, p. 242

“Realidades de Israel”, Centro de Informação de Israel, 1993, p. 113

“Folha de S. Paulo, 22.jan.96, cad. 2. p. 7

“Folha de S. Paulo, 10.out.98, cad. 3 (Cotidiano), p. 4